

Comissão de Assuntos Americanos da TFP

**EM DEFESA
DE
UMA LEI SUPREMA**

*Por que é necessário rejeitar o “casamento” de pessoas do mesmo
sexo e enfrentar o movimento homossexual*

**Sociedade Americana de Defesa da
Tradição, Família e Propriedade – TFP**

2004

NOTA PRÉVIA

Com a publicação deste livro, não temos a intenção de difamar ou injuriar ninguém. Não nos move o ódio pessoal contra quem quer que seja. Com a nossa oposição às pessoas e organizações promotoras da agenda homossexual, nosso único objetivo é defender o matrimônio, a família e os preciosos resíduos da civilização cristã na sociedade.

Como católicos praticantes, nosso coração se enche de compaixão e súplica por aqueles que lutam contra a tentação violenta e contínua para o pecado, seja o de homossexualidade ou qualquer outro. Ao descrever as conseqüências físicas, morais e espirituais resultantes dos pecados da carne, temos a esperança de convencê-los a afastar-se do pecado e dotá-los de compreensão da necessidade e beleza da virtude da castidade, que alguns podem nunca ter conhecido.

Para os que cometem o pecado homossexual por fraqueza, rogamos a Deus que os assista com sua graça a fim de se levantarem, curados por um olhar do nosso Divino Salvador, e não caírem mais. Ao denunciar a ideologia que permeia o movimento homossexual, temos a esperança de ajudá-los a ver que o movimento pode estar explorando-os, em busca de objetivos com os quais não concordem.

Estamos conscientes da enorme diferença entre aqueles que combatem suas fraquezas, esforçando-se para vencê-las, e os que transformam seu pecado em motivo de orgulho e procuram impor seu modo de vida à sociedade como um todo, em flagrante oposição à moral cristã tradicional e à Lei Natural.

Mas rezamos também por estes últimos. Sim, rezamos pelos ativistas radicais que levam avante a agenda homossexual, ainda que façamos tudo o que for de acordo com a lei a fim de anular seus esforços. Rezamos para que, pela intercessão de Maria Santíssima, a graça que Deus concedeu a São Paulo no caminho de Damasco também lhes seja dada, de modo que se convençam de que promovem o erro e o rejeitem sinceramente, convertendo-se a Deus e juntando-se a nós.

Se no calor do debate escapar alguma expressão que possa ser considerada cortante ou alguma observação cáustica, não será intencional. Nesse debate de amplitude nacional em que se discutem assuntos graves e complexos, cheios de matizes filosóficos e teológicos, nem sempre se consegue formular as idéias com precisão e acuidade. Essa tarefa, já de si difícil, é ainda complicada pela limitação do tempo, imposta por acontecimentos galopantes.

Resumindo, conforme a famosa expressão atribuída a Santo Agostinho, nós “odiamos o pecado mas amamos o pecador”.¹ Amar o pecador, como explica esse Doutor da Igreja, é desejar para ele o melhor que podemos desejar para nós mesmos, ou seja, “que ele ame a Deus com amor perfeito”.²

* * *

Não usaremos a palavra *gay* como sinônimo de *homossexual*, exceto quando incluída em citações, pois a aceitação universal desse uso constitui uma vitória para o movimento homossexual. Em sua luta pela aceitação pública, o movimento evita a palavra

¹ - Cf. *Comentário sobre o Salmo 119*, www.ccel.org/ccel/schaff/npnf108.ii.CXIX.xv.html.

² - Santo Agostinho, *Sobre a Moral da Igreja Católica*, n° 49, www.newadvent.org/fathers/1401.htm.

homossexual por estar associada a comportamento moralmente repreensível. Os esforços para substituí-la por homófilo não obtiveram êxito, ao passo que a aceitação da palavra *gay* constituiu uma vitória na Guerra Cultural. O Prof. Livio Melina, da Universidade Pontifícia Lateranense, em Roma, afirma que a palavra *gay* “é altamente politizada, e não significa meramente uma pessoa com orientação homossexual, e sim a que adota publicamente um ‘estilo de vida’ homossexual e se empenha em que ele seja aceito pela sociedade como plenamente legítimo”.³

* * *

O uso indiscriminado da palavra *homossexual* e dos seus sinônimos gerou muita confusão no público. Muitas vezes não fica claro se ela se refere a alguém que tenha apenas atração pelo mesmo sexo ou se designa quem pratica atos homossexuais.

Essa confusão beneficia a agenda homossexual, pois não se pode equiparar pessoas com atração pelo mesmo sexo, mas que resistem a ela e são castos, com as que se empenham no comportamento homossexual. Trata-se de realidades morais distintas e essencialmente diferentes.

Conseqüentemente, aplicaremos a palavra homossexual apenas àqueles que praticam atos homossexuais, e portanto merecem reprovação moral.

* * *

Referências ou citações de pessoas, organizações, instituições ou publicações não significam necessariamente que concordamos com suas posições filosóficas ou religiosas. Somos firmes adeptos da fé e da moral católica e da *philosophia perennis*, especialmente em sua expressão tomista.

* * *

Para efeito de documentação, incluímos referências a alguns *websites* e publicações de conteúdo censurável, para o que nos sentimos no dever de alertar o leitor.

³ - Prof. Livio Melina, “*Christian Anthropology and Homosexuality: Moral criteria for evaluating homosexuality*”, L’Osservatore Romano, edição semanal em inglês, 12 de março de 1997, p. 5.

INTRODUÇÃO

A decisão do Supremo Tribunal Federal⁴ no processo *Lawrence x Texas*, em 26 de junho de 2002, negou na prática a existência da Lei Eterna divina e da Lei Natural, e estabeleceu sua própria “moralidade” atéia e anárquica.⁵

A maioria de 6 votos a 3 declarou a liberdade como suprema norma do pensamento e do agir humanos: “No âmago da liberdade está o direito de cada um definir seu próprio conceito de existência, de sentido do Universo e do mistério da vida humana”.⁶ Em nome dessa liberdade absoluta, o Tribunal estabeleceu como um direito garantido pela Constituição a prática da sodomia. Além disso, o Tribunal instalou as bases legais para uma futura decisão garantindo proteção constitucional para o “casamento” homossexual, ao fazer as seguintes afirmações:

A liberdade presume uma autonomia da pessoa que inclui ... certas condutas íntimas. ...⁷

Os adultos podem optar por estabelecer esse relacionamento nos limites dos seus lares e na sua vida privada, mantendo sua dignidade como pessoas livres. Quando a sexualidade encontra expressão manifesta numa conduta íntima com outra pessoa, a conduta pode ser apenas um elemento num vínculo pessoal mais duradouro. A liberdade protegida pela Constituição concede às pessoas homossexuais o direito de fazer essa escolha. ...⁸

Pessoas num relacionamento homossexual podem procurar autonomia para esses propósitos, tanto quanto as pessoas heterossexuais.⁹

Em vista da premissa de liberdade absoluta e de “autonomia da pessoa”, a limitação do novo direito, estabelecida na decisão judicial, da prática da sodomia dentro dos “limites dos seus lares” não pode ser mantida logicamente ou durante muito tempo. Como bem observou o Juiz Antonin Scalia, em seu parecer discordante, a decisão do Supremo Tribunal efetivamente decretou “o fim de toda a legislação moral”.¹⁰

⁴ - N.T.: No original, em inglês, *Supreme Court* [of the United States].

⁵ - Emmanuel Kant formulou essa “moralidade” anárquica em todo o seu radicalismo: “Uma pessoa não está propriamente sujeita a nenhuma lei além das que ele mesmo estabelece, seja sozinho ou em conjunto com outros”. Emmanuel Kant, *Introduction to the Metaphysic of Morals*, in www.ethics.acusd.edu/Books/Kant/MetaMorals/NS/Kant_MM_NS.htm.

⁶ - *Lawrence, Opinion of the Court*, p. 13. Aqui o Tribunal baseia sua decisão em *Planned Parenthood of Southeastern Pa. v Casey*. Neste livro, as citações da decisão do Supremo Tribunal no processo *Lawrence x Texas* são extraídas da versão liberada pelo Tribunal para divulgação; disponível em <http://a257.g.akamaitech.net/7/257/2422/26jun20031200/www.supremecourtus.gov/opinions/02pdf/02-102.pdf>.

⁷ - *Lawrence, Opinion of the Court*, p. 1.

⁸ - *Ibid.*, p. 6.

⁹ - *Ibid.*, p. 13.

¹⁰ - *Lawrence, Scalia, J. dissenting*, p. 15.

O embate entre dois países

O Juiz Scalia ressaltou ainda que o Supremo Tribunal “tomou partido na guerra cultural”.¹¹

Essa guerra cultural divide os Estados Unidos.

De um lado está um amplo setor do público americano que de há muito se angustia com o abandono da lei de Deus. São os americanos que adotam a lei geral, não escrita, mantida desde a fundação do país, de que Deus não deve ser ofendido, mas venerado, e que a origem da nossa grandeza é essa veneração e obediência a uma lei moral cristã baseada nos Dez Mandamentos e na Lei Natural.

Para os americanos fiéis aos Dez Mandamentos, é simplesmente óbvio que, se os Estados Unidos virarem as costas para Deus e Sua Lei, Deus também virará as costas para os Estados Unidos.

Do lado contrário estão os Estados Unidos libertário, que adota o princípio filosófico da liberdade absoluta. Isso conduz ao estabelecimento de uma “moralidade” atéia e anárquica, que demonstra crescente intolerância para o que ainda resta de Civilização Cristã e de ordem natural em nossa cultura e nossa sociedade. Entre esses resíduos estão as sagradas instituições do matrimônio e da família.

“Casamento” entre pessoas do mesmo sexo, passo decisivo na ofensiva homossexual

Baseando-se na decisão do Supremo Tribunal Federal no processo *Lawrence x Texas*, o Supremo Tribunal de Justiça de Massachusetts decidiu, em 18 de novembro de 2003, no processo *Goodridge x Departamento de Saúde Pública*, que duas pessoas do mesmo sexo têm, pela constituição do Estado, o direito de se casarem.

Como a decisão do processo *Lawrence*, a do processo *Goodridge* de Massachusetts repercutiu, multiplicando os problemas criados cinco meses antes pela decisão do Supremo Tribunal, e prendeu a atenção de todos no debate sobre a homossexualidade.

Ambas as decisões eram de vital importância para o movimento homossexual. De fato, o movimento deve persuadir a opinião pública de que a homossexualidade é normal, apesar de diferente. Contudo, a homossexualidade nunca será plenamente aceita como normal enquanto os pares homossexuais não puderem se “casar”. Daí o esforço do movimento para atingir gradualmente esse marco psicológico. Como não lhe é possível alcançar o “casamento” homossexual imediatamente, trabalha a favor de uniões civis, parcerias domésticas ou de benefícios, todas apresentadas como concessões, mas que são na realidade pedras colocadas para vadear o rio da oposição pública.

Estratégias para a vitória

A defesa bem sucedida do casamento tradicional e da família, pelos americanos fiéis aos Dez Mandamentos, fará cessar a ofensiva homossexual. Mas, para se obter a vitória, a ampla coalizão que ora defende o matrimônio e a família nessa guerra cultural deve trabalhar com empenho para dissipar a confusão astutamente difundida pelo movimento homossexual sobre o assunto. Devemos refutar os sofismas, mitos e erros doutrinários que impedem muitos americanos de se juntarem a nós nesse combate.

¹¹ - Ibid., p. 18.

A Sociedade Americana de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) publica este livro como contribuição ao esforço geral da coalizão. Neste texto, nós investigaremos o programa do movimento homossexual e seus objetivos imediatos e últimos. Discutiremos suas táticas, refutaremos seus argumentos e desfaremos o emaranhado enganoso com que romanceia o modo de vida homossexual. Mostraremos como o movimento tem uma cosmovisão baseada numa falsa moralidade e num misticismo erótico neopagão, completamente oposto ao Cristianismo e à Lei Natural.

Os fundamentos morais da sociedade devem ser restaurados

A razão mais profunda das impressionantes vitórias do movimento homossexual, contudo, não reside na sua força, mas na nossa fraqueza. Essa fraqueza resulta de um longo esforço ao longo de décadas para embaçar a linha divisória entre o bem e o mal, o certo e o errado. Tal esforço conduziu a uma perda generalizada do senso do pecado e ao declínio dos padrões de moralidade pública.

Uma reação efetiva contra a ofensiva homossexual deve empenhar-se, portanto, em reverter esse problema moral subjacente. Deve revigorar os fundamentos morais da sociedade, colocando-os firmemente nos Dez Mandamentos e na imutável Lei Natural. Deve criar o clima moral para que a homossexualidade seja rejeitada.

Na medida em que a moral cristã seja restaurada nos indivíduos e na sociedade como um todo, a ofensiva homossexual enfraquecerá e se extinguirá, como um fogo devastador privado de oxigênio.

Então Deus reinará nos corações dos homens, e o país pode esperar da generosidade divina todas as graças e bênçãos. Quaisquer que sejam então as decisões dos Tribunais, os Estados Unidos serão de fato “uma nação unida sob a proteção de Deus”.

Apreciações sobre
EM DEFESA DE UMA LEI SUPREMA

Carta de D. John C. Nienstedt, Bispo de New Ulm (Minnesota)

*Brasão de Armas
Episcopal*

3 de fevereiro de 2004

Sr. Thomas J. McKenna, Vice-Presidente
Sociedade Americana de Defesa da Tradição, Família e Propriedade
1358 Jefferson Road
Spring Grove, PA 17362

Prezado Sr. McKenna,

Tenho a satisfação de recomendar o recente livro publicado pela Sociedade Americana de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, intitulado *Em defesa de uma lei suprema – Por que é necessário rejeitar o “casamento” de pessoas do mesmo sexo e enfrentar o movimento homossexual*. Essa obra fornece os antecedentes históricos do atual movimento político para legalizar “uniões homossexuais”, como também a apresentação sistemática dos argumentos avançados pelos proponentes de tais uniões. Analisa cuidadosamente suas propostas e demonstra como essas noções são falhas na verdadeira compreensão da natureza da pessoa humana, assim como do significado do ato conjugal, que é o fundamento para determinar o que constitui o contrato de casamento.

O estudo trata ainda da importante influência da mídia ao apresentar as “uniões homossexuais” como uma espécie de “direito civil”, cuja negação demonstra falta de compaixão por parte da sociedade ou, pior, uma forma de injusta discriminação. Na realidade, o correto entendimento da ordem social deve conduzir à defesa da integridade e bem-estar da família como a pedra angular sobre a qual se ergue a sociedade. Equivocar-se quanto ao significado do casamento como algo que não seja o contrato entre um homem e uma mulher, de um compromisso permanente de “dois em uma só carne”, é atacar a estabilidade da vida da família e ameaçar os fundamentos da sociedade.

Enquanto todos os cidadãos podem, pelo uso da razão, chegar a tais conclusões, os fiéis cristãos têm uma perspectiva ainda mais clara sobre a matéria a partir dos ensinamentos da Sagrada Escritura, do testemunho dos Santos e do ensinamento constante da Igreja. Essas três áreas são igualmente apresentadas sistematicamente pela nova publicação da TFP.

Tenho a esperança de que *Em defesa de uma lei suprema* seja largamente lido e tenha um efeito positivo em proibir proposições legislativas destinadas a redefinir legalmente o significado do matrimônio.

Com os meus melhores votos, permaneço

Cordialmente em Cristo,

**+ John C. Nienstedt
Bispo de New Ulm**

Na difícil situação cultural em que se encontram os Estados Unidos, e na realidade de todo o mundo ocidental, aqueles que se preocupam com a deterioração da moral cristã, especialmente no campo da moral sexual e daquilo que foi estabelecido por Deus em relação ao matrimônio, não podem ignorar a contribuição do livro *Em defesa de uma Lei Suprema – Por que é necessário rejeitar o “casamento” de pessoas do mesmo sexo e enfrentar o movimento homossexual* e tudo quanto ele traz para o combate em assuntos como esses, tão vitais para o futuro da humanidade.

**+ Fabian W. Bruskevitz
Bispo de Lincoln, Nebraska**

Devido à enorme confusão e desinformação em torno das inclinações e das relações homossexuais, o assunto da homossexualidade contém altíssima carga emocional. Da mesma forma, toda discussão que significa objeção ao comportamento homossexual é logo descartada sob o rótulo de “homofobia”. O livro *Em defesa de uma Lei Suprema – Por que é necessário rejeitar o “casamento” de pessoas do mesmo sexo e enfrentar o movimento homossexual* faz o excelente trabalho de aclarar os aspectos religiosos e sociais do modo de vida homossexual, seriamente mal-entendidos. Creio que este livro contribuirá para desfazer as falsas noções que, infelizmente, toldaram as mentes de muitos católicos, mesmo homens e mulheres de sólida ortodoxia.

**+ Robert F. Vasa
Bispo de Baker, Oregon
Conselheiro Episcopal da Catholic Medical Association**

Em defesa de uma Lei Suprema – Por que é necessário rejeitar o “casamento” de pessoas do mesmo sexo e enfrentar o movimento homossexual constitui um acervo educativo de primeira ordem para o leitor católico preocupado com as questões sociais. O livro da TFP explica com clareza e acuidade os pontos-chave e argumentos apresentados pelo movimento homossexual, tanto do ponto de vista católico quanto do científico. A TFP merece aplausos por sua posição corajosa.

Joseph Nicolosi, Doutor em Psicologia, Presidente
National Association for Research & Therapy of Homosexuality (NARTH)

EURECA! Finalmente, uma análise inteiramente objetiva, racional, lógica e factual do mito homossexual que presentemente impregna a sociedade moderna. Este livro expõe as falácias da turba “politicamente correta”, tanto de dentro como de fora da Igreja. Empregando a filosofia perenemente válida e as verdades divinamente reveladas, este livro confirma a antiga suspeita de que uma GRANDE MENTIRA estava sendo vendida aos sociólogos, psicólogos, teólogos morais dissidentes que procuram legitimar e normalizar um comportamento aberrante, antinatural e imoral.

Pe. John Trigilio, Jr., Doutor em Filosofia, Doutor em Teologia
Presidente da Confraternity Catholic Clergy
Apresentador da EWTN – Eternal World Television Network
[Verbo Eterno - Rede Católica de Televisão]

Na sua monografia *Em defesa de uma Lei Suprema – Por que é necessário rejeitar o “casamento” de pessoas do mesmo sexo e enfrentar o movimento homossexual*, a TFP levantou questões de há muito supressas no diálogo sobre a matéria. É um excelente manual para quem deseja entender a posição histórica da Igreja sobre a homossexualidade. É a resposta definitiva para os que pretendem justificar o pecado em nome da compaixão.

Paul M. Weyrich, Presidente
Free Congress Research and Educational Foundation

Em Defesa de uma Lei Suprema é um guia informativo, inteligente, esclarecedor para as questões levantadas pelo movimento homossexual. Este é um livro para todos os americanos que desejam entender as múltiplas dimensões desta questão.

Sandy Rios, Presidente
Concerned Women for America

Os Tribunais Federais dos Estados Unidos têm, conforme este livro magistral deixa claro, ostentado uma total negligência em seguir a Constituição. Eles têm traído tudo quanto os Estados Unidos sustentavam outrora, pelo abandono da lei natural na qual estavam apoiados os seus documentos fundacionais. Essa traição representa “... um grande golpe nas raízes cristãs do País, na instituição da família e no próprio fundamento da moralidade e da sociedade”. Revelando precisamente o que está errado nos Estados Unidos de hoje, *Em defesa de uma Lei Suprema – Por que é necessário rejeitar o “casamento” de pessoas do mesmo sexo e enfrentar o movimento homossexual* atinge o calcanhar da ideologia homossexual. E mostrando como a homossexualidade vem sendo disseminada pelo país por um bem organizado movimento de homossexuais, com sua ideologia

anticristã e estudada metodologia, este livro dá-nos uma poderosa e muito útil arma para enfrentar sua ofensiva e defender os valores cristãos. Agradecemos à TFP americana por esta arma extremamente valiosa para a luta na defesa da família, da Igreja e de nossa nação.

Joseph M. Scheidler, Fundador e Diretor Nacional
Pro-Life Action League
Recebedor do Prêmio *Legatus Pro-Life* de 2003

Em defesa de uma Lei Suprema é essencial para a compreensão do movimento pelos direitos dos homossexuais, assim como da presente investida pelo “casamento” homossexual. Com uma linguagem concisa, este livro apresenta as raízes do movimento pelos direitos dos homossexuais, refuta os argumentos pela normalização do seu estilo de vida, defende o casamento como uma instituição única, sustentando toda a sua exposição com escritos dos Santos, condenações bíblicas dos pecados homossexuais e documentos recentes do Vaticano. Este livro tornou-se uma obra de referência para aqueles que reconhecem a decadência de nossa cultura e desejam lutar pela sua restauração.

Mary Anne Hackett, President
Catholic Citizens of Illinois

Parte I

A Revolução Homossexual

CAPÍTULO 1

O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL: IMPONDO UMA REVOLUÇÃO MORAL

Ao longo da História, algumas vezes grupos de homossexuais adquiriram influência política e especialmente cultural.

Talvez o exemplo mais impressionante seja o grupo de artistas e escritores homossexuais ou bissexuais que influíram na Renascença. Eles reintroduziram o assim chamado *vício grego*¹² na literatura e nas belas artes. Isso foi particularmente notável nestas últimas, em que a obsessão pela nudez masculina levou artistas a ostentá-la nas poses mais insinuantes. Tanto figuras masculinas quanto femininas apresentavam nota claramente andrógina. A despeito de seus músculos salientes, pinturas e esculturas de homens exibiam características delicadas e efeminadas, enquanto as de mulheres demonstravam inconveniente masculinidade.¹³

Pela primeira vez a sociedade presencia um movimento homossexual

Na história do Ocidente cristão, no entanto, e talvez da humanidade, pela primeira vez a sociedade presencia não apenas grupos dispersos de homossexuais influentes, mas um movimento organizado, visível, de homossexuais declarados que não apenas ostentam seus hábitos, mas se unem numa tentativa de impor sua ideologia à sociedade.

Esse é o *movimento homossexual*, uma vasta rede de organizações, grupos de pressão, intelectuais e ativistas radicais que se esforçam para impor mudanças nas leis, costumes, moralidade e mentalidades, para que a homossexualidade seja não apenas tolerada, mas também aceita como boa e normal. Daí os ativistas do movimento pressionarem a sociedade para legalizar tanto a prática quanto as manifestações públicas da homossexualidade, como o “casamento” homossexual, ao mesmo tempo que implacavelmente injuriam os que defendem a moralidade tradicional.¹⁴

¹² - Este nome é aplicado à homossexualidade devido à sua difusão na Grécia antiga.

¹³ - Aretino, escritor humanista, escreveu a Michelangelo em 1542, elogiando sua pintura de Vênus porque “ela mostra uma deusa cujo corpo feminino tinha ‘a musculatura dos homens, de tal modo que ela demonstra sentimentos viris e femininos’”. *European Art: Renaissance*, www.glbtc.com/arts/eur_art7_renaissance,3.html; Cf. James M. Saslow, *Ganymede in the Renaissance: Homosexuality in Art and Society* (New Haven, Conn.: Yale University Press, 1986); Luciano Bottoni, *Leonardo e l'Androgino* (Milan: Franco Angeli, 2002).

¹⁴ - Por exemplo, o *website* do *National Gay and Lesbian Task Force* oferece um livreto intitulado *Conhece o teu inimigo: Citações sobre a legislação a respeito da sodomia e a reação ao casamento homossexual*, 28 de julho de 2003, de autoria de Michelle Klemens e Sheri A. Lunn. O *site* resume nestes termos o livreto: “O primeiro de uma série de compêndios que expõem a reação cáustica dos que negam às pessoas lésbicas, homossexuais, bissexuais e transexuais direitos iguais perante a lei. Este relatório coleciona citações de todos, de Jerry Falwell a Rick Santorum, e será regularmente atualizado *online*”. www.nglft.org/library/index.cfm. **N.T.:** Jerry Falwell é um ministro protestante conservador; Rick Santorum é senador pela Pensilvânia, católico conservador.

Não um movimento de direitos civis, mas uma revolução moral

Muitos acreditam que a batalha cultural sobre a homossexualidade é assunto estritamente de direitos civis. O movimento homossexual não despreza as vantagens táticas que essa percepção garante. No entanto, quer muito mais: uma inversão completa da moralidade pública. Escrevendo para o *Chicago Free Press*, o ativista homossexual Paul Varnell afirma:

O ponto fundamental da controvérsia sobre a homossexualidade não são a discriminação, os crimes de ódio¹⁵ ou a parceria doméstica, e sim a moralidade da homossexualidade.

Mesmo que os homossexuais conquistem leis de não-discriminação, lei sobre crimes de ódio e benefícios sobre parceria doméstica, isso pode fazer muito pouco para contrariar a subjacente condenação moral, que continuará a supurar por baixo da lei e a gerar hostilidade, a alimentar crimes de ódio, a sustentar terapias de conversão, a incentivar o suicídio de jovens homossexuais e a inibir a total aceitação social que é o nosso objetivo.

Por outro lado, convencendo o povo de que a homossexualidade é completamente moral, então desaparece a sua inclinação para discriminar, para se envolver em ataques físicos e verbais a homossexuais ou para se opor ao casamento homossexual. Homossexuais jovens e adultos poderiam facilmente aceitar a si mesmos.

Desta forma *o movimento homossexual*, quer o reconheçamos ou não, *não é um movimento de direitos civis, nem um movimento de liberação sexual, mas uma revolução moral* com o objetivo de mudar a percepção das pessoas sobre a homossexualidade.¹⁶

¹⁵ - N.T.: *Crimes de ódio* [em inglês, *hate crimes*]: Qualquer crime contra a pessoa ou a propriedade, quando motivado por hostilidade à vítima enquanto membro de um grupo ou uma “minoría” (baseados na raça, credo, etc.), o que constitui uma circunstância agravante. Os homossexuais pretendem leis que os considerem como um “grupo” ou “minoría” para tais efeitos.

¹⁶ - Paul Varnell, *Defending Our Morality*, Chicago Free Press, 16 de agosto de 2000, <http://indgayforum.org/authors/varnell/varnell37.html>. Destaques nossos.

CAPÍTULO 2

FAZENDO A CONEXÃO QUE NINGUÉM QUER FAZER

Para entender adequadamente a atual revolução homossexual, é preciso vê-la dentro do quadro mais amplo da revolução sexual.

Castidade, modéstia e temperança – sinais distintivos da civilização cristã – cederam espaço a uma desbragada procura de prazer carnal e a uma inimaginável exibição do corpo humano.

Essa obsessão pelo sexual impregna nossa cultura. Literatura, modas, entretenimento, propaganda ou simplesmente a conversa comum e o comportamento, quase tudo hoje está maculado com esse sinal erótico. O mundo hipersexualizado de hoje tornou-se um perfeito canteiro para o cultivo de todas as formas de aberração sexual.

Desvinculando razão e sentimento

A revolução sexual dos anos sessenta foi preparada por um século de desenvolvimentos culturais em que o sentimento foi desvinculado da razão. A esse respeito a escola romântica de literatura e as artes celebraram uma geral exaltação da emoção sobre a razão, dos sentidos sobre o intelecto.

Com isso, romance e amor tornaram-se o supremo ideal. Em nome do amor e da paixão, todas as normas e convenções sociais poderiam ser quebradas. Aplicada à moralidade, essa mentalidade foi devastadora, pois até o adultério e a prostituição puderam ser racionalizados e até aclamados.¹⁷

Esses temas caracterizam a literatura moderna. Milhares de novelas românticas e filmes apresentam tramas altamente emotivas e sentimentais. Exemplo típico é a novela *A Dama das Camélias* (1848), de Alexandre Dumas (filho), que gira em torno de uma fascinante prostituta da alta classe. Apesar das suas características ostensivamente imorais, a novela granjeou enorme sucesso em todo o mundo. Verdi transformou-a na ópera *La Traviata* (1853), que conseguiu igual sucesso. Mais tarde a novela inspirou vários filmes de Hollywood, o mais famoso dos quais foi *Camille* (1936), estrelado por Greta Garbo.

A revolução sexual: do sentimento à sensação carnal

Esse prolongado exagero do sentimento e a erosão da moralidade prepararam o caminho para o passo seguinte: o prazer desbragado e hedonístico dos sentidos. Era a procura do prazer pelo prazer – mesmo quando desacompanhado por sentimento ou emoção – simplesmente porque parecia bom.

¹⁷ - George P. Landow, professor de Inglês e História da Arte na Universidade Brown, escreve sobre as implicações filosóficas e religiosas do romantismo: “Pela primeira vez, os filósofos não mais insistem que a mente humana sadia é organizada hierarquicamente, com a razão regendo a vontade e as paixões, como um rei. Agora a razão compartilha o mando com os sentimentos ou emoções. ... Para a arte e a literatura: as emoções se tornaram o próprio assunto das artes. ... Para a religião: ... A doutrina cristã sobre o pecado original e a decadência do homem deve estar errada. O Cristianismo e a religião em geral parecem baseados num erro”. *Emotionalist Moral Philosophy: Sympathy and the Moral Theory that Overthrew Kings*, www.victorianweb.org/philosophy/phil4.html.

Em 1953, Hugh Hefner fundou *Playboy*. Descaradamente hedonista, essa revista “foi uma influência geradora da ‘revolução sexual’ dos anos 1960”.¹⁸

Outro fator que contribuiu foi a invenção e comercialização da pílula anticoncepcional:

Em maio de 1960, a FDA [Food and Drug Administration] aprovou a venda de uma pílula que viria a ter, segundo se sustenta, maior impacto na cultura americana do que qualquer outra droga na história da nação. Para as mulheres de todo o país, a pílula contraceptiva era liberadora: permitiu-lhes seguir carreiras, estimulou os movimentos feminista e abortista e incentivou atitudes mais abertas sobre o sexo.¹⁹

O movimento *hippie* e a revolta estudantil como porta-bandeiras

A desvinculação entre atividade sexual e procriação, facilitada pela pílula anticoncepcional, deflagrou uma explosão sexual. O movimento *hippie* e a revolta estudantil que devastaram os Estados Unidos e o mundo durante os anos sessenta tornaram-se símbolos dessa ânsia por total liberdade sexual. Um slogan revolucionário escrito nas paredes da Universidade Sorbonne, em Paris, resumia muito bem esse espírito anárquico: *Défense d’interdire* (“É proibido proibir”). Embora diferentes sob muitos aspectos, os movimentos *hippie* e estudantil dos anos sessenta se uniam em sua rejeição do “*establishment*”.²⁰ Um artigo da revista *Time*, em 1999, afirma:

O que era preciso, segundo eles cantavam, era uma revolução. Amor e matrimônio – que caminhavam juntos como os cavalos e a carruagem – não eram mais uma combinação *legal*. A geração livre e de calça boca-de-sino dos anos sessenta tomou a libertação da carne como um verdadeiro evangelho; amor livre em queda livre. Na Paris de 1968 – um ano depois que a França legalizou o uso da pílula – o grito era: *Jouissez sans entraves*, o equivalente carnal do moderno *Faça-o, simplesmente*.²¹

No cerne da revolução sexual está uma revolta contra todas as normas da moralidade que mitigam ou restringem as paixões desordenadas do homem. De fato, numa sociedade em que “é proibido proibir”, a moralidade não tem lugar e os instintos descontrolados se tornam a norma de conduta. “Promíscuo”, “anormal” ou “bizarro” tornam-se rótulos irrelevantes de comportamento numa cultura em que tudo o de que se precisa é uma ânsia de fazer algo e um desejo de gozá-lo. Os *hippies* resumiram corretamente sua filosofia hedonística na expressão “Se você gosta, faça-o”.

Os movimentos *hippie* e estudantil eram os sustentáculos radicais desse estilo de vida e dessa filosofia. Quando amainou a explosão dos anos sessenta, as comunas *hippies* e os estudantes radicais gradualmente desapareceram do cenário, mas a sua influência

¹⁸ - Cf. “Hefner, Hugh”, in *Britannica Concise Encyclopedia*, www.britannica.com/ebc/article?eu=392129

¹⁹ - www.pbs.org/wgbh/amex/pill/filmmore/index.html.

²⁰ - Este pensamento revolucionário foi alimentado por autores como Herbert Marcuse, especialmente em *Eros e a Civilização* (1955), Wilhelm Reich em *Materialismo Dialético e Psicanálise* (1929), que misturaram as teorias de Marx e Freud, e Charles Reich em *O Renascer da América [The Greening of America]* (1970).

²¹ - Rod Usher, “Rebels Without a Cause”, *Time*, 16 de agosto de 1999. *Jouissez sans entraves* (prazer sem restrição) era outro slogan da revolta de maio de 1968, pintado nos muros da Universidade de Paris. Cf. www.les-ours.com/novel/maio68.

impregnou a sociedade. As modas bizarras e a coabitação informal de casais, que na época tanto chocaram a sociedade, mal são contestadas hoje em dia.²²

Portanto, o movimento de liberação sexual simplesmente destruiu o senso do pudor, que protege a castidade, e erodiu seriamente tanto o matrimônio quanto a família.

Novos porta-bandeiras para a revolução sexual

A ofensiva homossexual em curso é a ponta-de-lança da revolução sexual em nossos dias. Os ativistas homossexuais são os porta-bandeiras que preparam a sociedade para aceitar e seguir formas de comportamento cada vez mais promíscuas e anormais.

Para combater efetivamente essa nova revolução, é preciso ver claramente a conexão entre as revoluções sexual e homossexual.

Opor-se à ofensiva homossexual sem combater a revolução sexual é descuidar da parte mais importante dessa batalha. Portanto, devemos lutar cada vez mais contra o aborto, a pornografia e a promiscuidade. Devemos empreender uma cruzada espiritual para trazer de volta a castidade para a sociedade e restaurar o pudor como guardião necessário da pureza e a expressão da honra e dignidade humana.

²² - Para melhor entender esse processo de lenta assimilação de modas e hábitos pela sociedade, ver Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra-Revolução* (Artpress, São Paulo, 2ª edição, 1982).

CAPÍTULO 3

ORIGENS DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL: O ESTRANHO CASO DE HARRY HAY

O *New York Times* publicou em 25 de outubro de 2002 um obituário de 1225 palavras intitulado “Harry Hay, pioneiro dos direitos dos homossexuais, morre aos noventa anos”. Por que tão extenso panegírico em um dos mais prestigiosos jornais do país?

Harry Hay foi dos primeiros a organizar os homossexuais americanos em um movimento com ideologia e objetivos definidos. A fundação por ele da Sociedade Mattachine, em 1950, “provou ser um agente catalítico para o movimento americano pelos direitos dos homossexuais”.²³

Uma vista de olhos sobre a vida dele nos dá um vislumbre do movimento homossexual por baixo da superfície.

A “irmandade silenciosa”

Stuart Timmons publicou a biografia *The Trouble with Harry Hay (O Problema de Harry Hay)*. Conta como Hay se tornou homossexual e promoveu a revolução homossexual.²⁴

Timmons narra a “iniciação” de Harry Hay no submundo da homossexualidade aos 14 anos, num navio a vapor nas costas da Califórnia. Nessa viagem, Hay procurou e teve relações homossexuais com um marinheiro chamado Matt, dez anos mais velho que ele. Esse marinheiro revelou-lhe a existência de um mundo esotérico, com sua cultura própria e sinais de reconhecimento mútuo para os membros. Matt explicou que, se Hay se encontrasse numa terra desconhecida, com medo de tudo e não conhecendo ninguém nem a língua local, quando menos esperasse seu olhar cruzaria com um par de olhos brilhantes olhando na sua direção. “Repentinamente seus olhos se fixam naquele par de olhos, e... você está em casa e a salvo”.²⁵

Hay, que nascera e crescera como católico, deixou a Igreja no ano seguinte.

Uma mistura de homossexualismo e comunismo em Hollywood

Depois que abandonou os estudos, Hay foi para Hollywood a fim de tentar a sorte como ator. Tornou-se amigo do diretor de filmes George Oppenheimer, que o apresentou à rede homossexual na capital do cinema.²⁶

O comunismo também estava penetrando profundamente no meio artístico. Weill Geer, que interpretou o papel do Avô no filme *The Waltons*, introduziu Hay no Partido Comunista. Este foi um marco na vida de Hay. O comunismo marcou indelevelmente o

²³ - Dudley Clendinen, “Harry Hay, Early Proponent of Gay Rights, Dies at 90”. *The New York Times*, 25 de outubro de 2002.

²⁴ - Stuart Timmons, *The Trouble with Harry Hay* (Boston: Alyson Publications, 1990).

²⁵ - Discurso de Hay, em 7 de outubro de 1984, na conferência da NAMBLA em San Francisco. www.nambla1.de/sanfrancisco1984.htm; Cf. discurso de Hay em 22 de fevereiro de 1983 na Universidade de Nova York: www.nambla1.de/nyu1983.htm. Cf. Timmons, op. cit., p. 36.

²⁶ - Timmons, op. cit., p. 70.

pensamento de Hay,²⁷ e ele percebeu como poderia aplicar a dialética marxista às suas próprias teorias sobre a homossexualidade.²⁸

Hay aderiu ao Partido Comunista com fervor religioso, comparável ao de “entrar numa Ordem Religiosa nos primeiros séculos”.²⁹ Logo depois casou-se com Anita Platky, uma camarada comunista.

Organista em cerimônias ocultistas

Por esse tempo, Hay tocava órgão nas “Missas Católicas Gnósticas”, rituais ocultistas realizados na loja da Ordem do Templo Oriental, em Los Angeles. O principal mentor dessa sociedade esotérica era Aleister Crowley, satanista notório envolvido em “rituais sexuais-religiosos secretos”.³⁰

Uma forma marxista para moldar a revolução homossexual

Em 1948, Hay formulou os princípios e teorias que dois anos mais tarde dariam origem à Sociedade Mattachine. Aplicando a dialética marxista à causa homossexual, desenvolveu a teoria de que os homossexuais são uma “minoridade cultural” oprimida pela maioria heterossexual dominante.³¹

Este foi um conceito-chave para apresentar o movimento homossexual ao público. Timmons observa: “Este conceito de homossexuais como minoria seria a contribuição de que Hay mais se orgulhava”.³²

Com esse conceito estratégico, velhos preconceitos foram sepultados sob novos rótulos.³³ O uso dessa tática produziu resultado em duas frentes: começou a diminuir a aversão de muitas pessoas sentimentais aos homossexuais; e o número de aliados se multiplicou, a partir do momento em que os esquerdistas na mídia, no mundo acadêmico e no religioso começaram a olhá-los como mais uma “minoridade” a ser promovida.

A Sociedade Mattachine: nasce um movimento

Em 1950 Hay teve um caso com o jovem esquerdistas e refugiado político Rudi Gernreich, desenhista de moda austríaco que se tornaria famoso, anos mais tarde, por roupas femininas como o monoquini, mini-blusa, roupas *topless* e vestidos transparentes. Também introduziu a androginia na moda, colocando ternos e chapéus masculinos em mulheres.

²⁷ - Anne-Marie Cusac, “Harry Hay Interview”, www.progressive.org/nov02/hayintv02.html.

²⁸ - Cf. Stuart Timmons, “He Paved the Way for Modern Gay Activism: Harry Hay Dies at 90”, *CounterPunch*, 25 de outubro de 2002, www.counterpunch.org/timmons1025.html.

²⁹ - Timmons, *The Trouble with Harry Hay*, p. 97.

³⁰ - Martin P. Starr, *The Unknown God: W.T. Smith and the Thelemites* (Bolingbrook, Ill.: The Teitan Press, Inc., 2003), p. 70; cf. *ibid.* p. 193, fn. 31; cf. Timmons, *The Trouble with Harry Hay*, p. 75; Cf. “Aleister Crowley: A Legacy of Satanism”, www.gothicpress.freeseerve.co.uk/Aleister520Crowley.htm.

³¹ - Cf. *ibid.*, pp. 136, 150-151; Clendinem: “Harry and the Mattachine Society”, www.harryhay.com/AH_matt.html.

³² - Timmons, *The Trouble with Harry Hay*, p. 136.

³³ - Para uma análise abrangente de uma estratégia comunista similar a fim de obter mudança ideológica, ver Plínio Corrêa de Oliveira, *Baldeação Ideológica Inadvertida e Diálogo*.

Com a ajuda de Gernreich, Hay recrutou os primeiros membros da Sociedade Mattachine. Os primeiros sete pertenciam ao Partido Comunista ou eram “companheiros de viagem”. O nome da sociedade foi tomado de um grupo secreto de dançarinos mascarados franceses da Idade Média.³⁴

A Sociedade Mattachine foi “inquestionavelmente o começo do moderno e ininterrupto movimento homossexual”.³⁵ Suas “Missões e Objetivos” eram “UNIFICAR... EDUCAR... e DIRIGIR... toda a massa de desviados sociais”.³⁶

Harry Hay discutiu com os companheiros da Sociedade Mattachine um modo de encontrar um termo novo, mais “positivo” e “aceitável”, para substituir a palavra “homossexual”, que ele julgava ter adquirido uma conotação patológica e negativa. Depois de muito debate, decidiram adotar o termo *homófilo*.³⁷

Hay se divorcia e deixa o Partido Comunista

Embora casado durante treze anos e com duas filhas adotivas, Hay nunca abandonou a homossexualidade. Ao longo do casamento, perambulava pelos parques à procura de aventuras homossexuais, tendo muitos parceiros até seu divórcio em 1951.

No mesmo ano, recomendou aos dirigentes do Partido Comunista que o expulsassem, por causa da sua homossexualidade. Embora ele tenha cessado de ser membro, o Partido, em reconhecimento pelos seus muitos anos de dedicação, o lembraria sempre como “um amigo vitalício do povo”.³⁸

A expulsão da Sociedade Mattachine

A Sociedade Mattachine continuou a se desenvolver, estabelecendo ramificações no país. Mas nem todos os membros partilhavam a ideologia marxista dos fundadores. Isso causou problemas para ela durante as campanhas anticomunistas da “era McCarthy”.³⁹

Em fevereiro de 1953, um artigo na imprensa de Los Angeles identificou Hay como professor marxista. Isso alarmou alguns membros da Mattachine, que julgavam inaceitável uma ligação entre o comunismo e a organização. Depois de uma crise interna, e ao cabo de muita discussão e tensão, os fundadores do grupo foram forçados a demitir-se.⁴⁰

³⁴ - De acordo com alguns, o nome provém de uma “Sociedade Mattachine francesa, da Idade Média e Renascença, um grupo musical mascarado. ... O nome pretendia simbolizar o fato de que ‘homossexuais eram pessoas mascaradas, desconhecidas e anônimas’” (“Mattachine Society”, The Knitting Circle-Lesbian and Gay Staff Association, www.myweb.lsbu.ac.uk/~stafflag/mattachine.html). Ver também, Timmons, *The Trouble with Harry Hay*, p. 130.

³⁵ - Stuart Timmons, 13 de julho de 2001, entrevista sobre “Subversão”, com Daniel C. Tsang, (KUCI, 88.9fm), www.kuci.uci.edu/~dtsang/subversity/Sv010713.ram.

³⁶ - Citado por Timmons, *The Trouble with Harry Hay*, p. 154.

³⁷ - Cf. *ibid.* pp. 148-149.

³⁸ - Cf. Paul Varnell, “Harry Hay: One Big Idea”, *Chicago Free Press*, 30 de outubro de 2002.

www.indogayforum.org/authors/varnell/varnell100.html; cf. Timmons, *The Trouble with Harry Hay*, p. 160.

³⁹ - **N.T.:** Período, na década de 1950, em que Joseph Raymond McCarthy (1908-1957), senador pelo Estado de Wisconsin, presidiu uma subcomissão permanente do Senado americano de investigação de atividades comunistas nos meios políticos, militares, governamentais, na imprensa, rádio e cinema.

⁴⁰ - Cf. Jack Nichols, “Hal Call, a Mattachine Society Pioneer – Dead at 83”,

<http://gaytoday.badpuppy.com/garchive/events/122000ev.htm>; cf. Timmons, *The Trouble with Harry Hay*, p. 179; “Mattachine Society”, www.members.aol.com/matrixwerx/glbthistory/mattachine.htm; “Hope Along the

Ativismo comunista e homossexual contínuos

O afastamento do Partido Comunista e da Sociedade Mattachine não significou que Harry Hay cessasse de ser ativista comunista e homossexual.

Ele permaneceu muito ativo no movimento homossexual, que cresceu muito com a revolução sexual dos anos sessenta, particularmente depois dos tumultos de Stonewall em 1969⁴¹. Junto com outros ativistas tarimbados, Harry Hay se uniu ao Movimento de Liberação Homossexual. Um de seus colegas era Morris Kight, ativista que se opôs à Guerra do Vietnã. Em 1969, Hay ajudou a fundar a Frente de Liberação Gay do Sul da Califórnia, da qual foi o primeiro presidente.⁴²

Amigo da NAMBLA

Embora não fosse membro, Harry Hay era admirador da *North American Man/Boy Love Association* – NAMBLA (Associação Norte-Americana para o Amor entre Homem e Menino), fundada em Boston em 1978.⁴³ Falou freqüentemente em eventos da NAMBLA e veio em defesa dessa organização quando outros grupos homossexuais tentaram evitar que ela participasse das Paradas do Orgulho Homossexual.⁴⁴ Ele era defensor de relações sexuais entre homens e meninos, citando seu próprio caso, quando tinha de 9 a 12 anos. Disse que reverenciava os homens que o procuraram então, “e que me deram a oportunidade de aprender o amor e a confiança em idade tão precoce”.⁴⁵

Hay funda o movimento homossexual e neopagão *Radical Faeries* – Fadas Radicais

Em 1979, Hay fundou *Radical Faeries* – *Fadas Radicais*,⁴⁶ um movimento místico, neopagão e homossexual, que atualmente se ramificou por todo o mundo. Permaneceria como membro da organização até sua morte em 24 de outubro de 2002.

Wind – Harry and the Mattachine Society”, www.harryhay.com/AH_matt.html; “*Mattachine Society*”, *The Knitting Circle*.

⁴¹ - N.T.: Os tumultos de Stonewall foram uma série de conflitos violentos entre a polícia e homossexuais em Nova York. Na noite de 27 de junho de 1969, a polícia entrou no bar Stonewall, ponto de encontro de homossexuais, numa batida rotineira. Por motivos não totalmente esclarecidos, os homossexuais começaram a agredir os policiais, atirando-lhes garrafas e cadeiras. Nos dias seguintes, foram organizadas passeatas de homossexuais pelas ruas da cidade. Esses incidentes tornaram-se um símbolo para o movimento homossexual, que o comemora anualmente com as Paradas do “Orgulho” Homossexual.

⁴² - Cf. Timmons, *The Trouble with Harry Hay*, pp. 229-230.

⁴³ - “Harry era um franco e corajoso defensor da NAMBLA e de relações sexuais entre pessoas de idades diferentes. ... A primeira vez que encontrei Harry foi no início de 1983, por ocasião do primeiro desses discursos. Fui apresentado a ele ... por uma ativista lésbica, auto-declarada bruxa e algumas vezes parceira no uso de maconha, Katherine Davenport, uma amiga comum”. David Thorstad, “Harry Hay on Man/Boy Love”, www.nambla1.de/losangeles1986.htm.

⁴⁴ - Cf. www.nambla1.de/hayonmanboylove.htm. O livro de Timmons mostra fotos de Hay usando um poncho com a inscrição: “NAMBLA caminha comigo”.

⁴⁵ - www.nambla1.de/sanfrancisco1984.htm.

⁴⁶ - Ver adiante Capítulo 8 – Erotismo Místico: O Lado Oculto do Arco-Íris.

CAPÍTULO 4

A REDE HOMOSSEXUAL: TECENDO A MALHA

Aplicando ao caso uma metáfora do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, pensar que a revolução homossexual atingiu seu estado atual sem algum tipo de organização ou coordenação é como acreditar que centenas de letras atiradas de uma janela pudessem colocar-se espontaneamente em ordem no solo, para produzir uma peça literária, como por exemplo a *Ode a Satã*, de Carducci.⁴⁷

Entre duas sentenças do Supremo Tribunal Federal: de *Bowers* a *Lawrence*

Em 1986, o Supremo Tribunal Federal emitiu um sonoro não à sodomia, na sentença do processo *Bowers x Hardwick*. Apenas 17 anos depois, no processo *Lawrence x Texas*, o mesmo Tribunal inverteu os termos de *Bowers* e garantiu proteção constitucional à sodomia.

Num artigo para *The Boston Globe*,⁴⁸ intitulado “Rainbow Warriors” (Guerreiros do Arco-Íris), Laura Secor analisa como essa reversão foi possível. Após a decisão *Bowers*, o movimento homossexual se mobilizou e contra-atacou. Nada foi deixado ao acaso. Sua influência nos meios acadêmicos, na mídia e no mundo do entretenimento foi posta plenamente em movimento. A pressão nos legislativos estaduais e o ativismo nos tribunais teve como resultado a anulação de leis contra a sodomia em 12 dos 25 estados em que elas existiam.

Todos esses fatores contribuíram para o papel decisivo do movimento homossexual nos dois casos marcantes de 2003: *Lawrence x Texas* e *Goodridge x Departamento de Saúde Pública de Massachusetts*.

A rede homossexual

Embora os homossexuais constituam uma minoria de menos de três por cento da população,⁴⁹ o movimento é altamente organizado e bem provido de fundos.

No seu livro *The Homosexual Network*, de 1982, o Pe. Enrique T. Rueda relacionou mais de cem organizações que então participavam do movimento homossexual.⁵⁰ Treze anos depois, em 1995, Dr. Charles W. Socarides escreveu: “Tenho ouvido falar em estimativas que elevam a 14.000 as seções das associações nacionais e regionais de homossexuais e lésbicas”.⁵¹ Isso demonstra surpreendente estrutura organizacional e expansão.

⁴⁷ - Cf. Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra-Revolução*, Parte I, Cap. VI, n. 6.

⁴⁸ *The Boston Globe*, 8/3/2003.

⁴⁹ - Cf. Edward O. Laumann, et al., *The Social Organization of Sexuality* (Chicago: The University of Chicago Press, 1994), p. 293.

⁵⁰ - Pe. Enrique T. Rueda, *The Homosexual Network: Private Lives and Public Policy* (Old Greenwich, Conn.: The Devin Adair Company, 1982).

⁵¹ - Charles W. Socarides, *Homosexuality – A Freedom Too Far* (Phoenix: Adam Margrave Books, 1995), p. 287.

O espaço não nos permite listar tais associações, grupos, *websites* e publicações que constituem o movimento homossexual. Fornecemos no entanto um amplo esboço que mostra os principais canais que ele usa para influir na sociedade. Mencionamos algumas poucas organizações apenas a título de exemplo.

Alcance internacional

O movimento homossexual nos Estados Unidos é fortalecido pelo fato de a revolução homossexual ser um fenômeno mundial.

A International Association of Lesbian, Gay, Bisexual, Transgendered Pride Coordinators, Inc. (InterPride) trabalha no plano internacional, estimulando e dando assistência a desfiles homossexuais em todo o mundo. De Nova York a Sidney, de São Paulo a Viena, de Los Angeles a Zimbábue, InterPride conecta-se com organizações locais e as ajuda em seus desfiles. Seu *Global Pride Calendar* para 2002 relaciona desfiles planejados em 26 países. Sessenta delegações de 15 países participaram da sua conferência do ano 2000. InterPride alega um comparecimento total de 15 milhões nos desfiles que promoveu.⁵²

Os pontos de vista anticatólicos de InterPride tornaram-se claros durante o Ano Santo Jubilar de 2000:

“Em resposta à campanha do Vaticano Milênio 2000 e à amplamente difundida campanha contra a comunidade GLBT [homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais] na Itália, InterPride aprovou a realização do primeiro Desfile Mundial do Orgulho Homossexual [*World Pride*] em Roma, Itália. Este primeiro *World Pride*, organizado e produzido pelo Circolo Mario Mieli em Roma, com o apoio e assistência de InterPride, teve lugar em julho de 2000 e culminou com um desfile internacional de mais de 700.000 pelas ruas de Roma”.⁵³

Influência política e legislativa

Entre as organizações homossexuais voltadas para o mundo legislativo e político, duas se destacam: *National Gay and Lesbian Task Force – NGLTF* (Grupo de Trabalho Nacional dos Gays, Lésbicas e Transexuais) e *Human Rights Campaign*.

National Gay and Lesbian Task Force

O objetivo da NGLTF é constituir um “movimento político poderoso” através de mobilização e treinamento de eleitores, organizando ativistas e fazendo conexões com “minorias oprimidas” envolvidas na “liberação homossexual”. A organização “está comprometida na construção de uma infra-estrutura política progressiva GLBT”.⁵⁴ Para intervir no campo legislativo, a NGLTF destaca assuntos de interesse para a causa do movimento homossexual nos legislativos estaduais e redige projetos de leis. Ela tem sido muito ativa ao longo das últimas três décadas. Uma de suas mais importantes conquistas foi

⁵² - www.interpride.org/mission.htm.

⁵³ - www.nglftf.org/about/work.htm

⁵⁴ - www.nglftf.org/about/work.htm.

influir na Associação Psiquiátrica Americana para remover a homossexualidade da lista dos distúrbios psiquiátricos do seu *Diagnosis and Statistical Manual* (DSM-III) em 1973.⁵⁵

Human Rights Campaign

Human Rights Campaign – HRC (Campanha pelos Direitos Humanos) foi fundada em 1980 como um comitê de ação política para ajudar a eleger para o Congresso candidatos homossexuais e aqueles favoráveis ao movimento.⁵⁶ Além de promover desfiles e demonstrações em Washington, a HRC participa ativamente em campanhas estaduais, presidenciais e para o Congresso. Em 2002, doou 1.200.000 dólares como contribuição para campanhas políticas. 85% dos candidatos que ela apoiou – ou seja, 196 políticos – foram eleitos e devem apoiar partes da agenda homossexual.

Em 1992, a HRC apoiou Bill Clinton para presidente. O *site* da HRC afirma que “eleitores homossexuais e lésbicas contribuíram com 3 milhões [de dólares] para a campanha de Clinton e votaram em bloco pela primeira vez, dando-lhe os 5% da sua margem na vitória”.

Usando ações judiciais para obter mudanças sociais

O *Lambda Legal Defense and Educational Fund* (Lambda Legal) fornece assistência legal e ajuda aos homossexuais que têm pendências em todos os níveis do sistema judiciário em todo o país. A organização concentra sua atenção em “casos-teste” que possam ter efeitos de longo alcance.

Lawrence x Texas é um excelente exemplo. O Lambda Legal transformou um corriqueiro caso de polícia – a prisão de John Lawrence e Tyron Garner pelo crime de sodomia – em uma *causa célebre*, apelando até ele chegar ao Supremo Tribunal. Susan Sommer, advogada supervisora de Lambda Legal, alegrou-se com a vitória:

“Além do que podemos fazer com ele tecnicamente como um precedente legal, o que já é muito, ele também simplesmente muda o panorama, *muda a cultura* e reflete uma enorme alteração neste país”.⁵⁷

Influência na mídia

A *Gay and Lesbian Alliance Against Defamation – GLAAD* (Aliança de Homossexuais e Lésbicas Contra a Difamação) faz pressão na mídia noticiosa e na indústria de entretenimento, com o objetivo de influir na opinião pública. Joan Garry, diretora executiva de GLAAD, diz que o papel da organização é “mudar o coração e a mente das pessoas através do que lhe mostra a mídia”.⁵⁸

Entre as suas vitórias, GLAAD relaciona a mudança na política editorial do *New York Times*, em 1987, substituindo a palavra *homossexual* por *gay*, como também a decisão tomada em 2002, de unir-se a 140 jornais do país para incluir as uniões homossexuais junto

⁵⁵ - Cf. www.nglhf.org/about/highlights.htm. A lista de atividades da NGLTF se estende por muitas páginas impressas.

⁵⁶ - Informação obtida no *web site* da organização: www.hrc.org.

⁵⁷ - www.lambdalegal.org/cgi-bin/iowa/documents/recor?record+1283.

⁵⁸ - www.glaad.org/about/index.php.

com outros anúncios de casamento.⁵⁹ GLAAD também protestou contra a Semana de Proteção ao Matrimônio,⁶⁰ de 2003, que nas palavras do seu diretor de comunicação é de fato um “ataque aos nossos amigos homossexuais e lésbicas”.⁶¹

Influência na educação

No período em que os jovens estão formando seu caráter, boas e más influências podem ter efeito duradouro. Lamentavelmente, o movimento homossexual tem inegável influência nas escolas e universidades.

O *National Consortium of Directors of Lesbian Gay Bisexual and Transgender Resources in Higher Education* proporciona recomendações e idéias para os ativistas e grupos homossexuais locais. Outras organizações se especializam em coordenar associações de professores em campus universitários em todo o país.⁶²

O diretório Google para organizações estudantis de homossexuais, lésbicas e bissexuais relaciona 196 grupos em todo o país.⁶³ A maioria dos campus do país, mesmo os católicos, têm um grupo GLBT ou similar.⁶⁴

Influência na religião

Todas as maiores denominações religiosas têm uma associação que promove a aceitação da homossexualidade.⁶⁵ Infelizmente, até mesmo o imutável ensinamento moral da Igreja Católica sobre a homossexualidade é deturpado pelos ativistas.

A organização *Soulforce* se define como “um movimento interconfessional empenhado em encerrar a violência espiritual perpetuada por diretrizes e ensinamentos religiosos contrários aos homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais”.⁶⁶ Assim define seus objetivos primários:

“Cremos que a religião se tornou a fonte primária de informação falsa e provocativa sobre lésbicas, homossexuais, bissexuais e transexuais. Os cristãos fundamentalistas ensinam que somos ‘doentes’ e ‘pecadores’. As denominações cristãs liberais ensinam que somos ‘incompatíveis com o ensinamento cristão’. A maioria das denominações conservadoras e liberais recusam-se a casar-nos ou ordenar-nos ministros. A Igreja Católica ensina que a nossa orientação é ‘objetivamente desordenada’ e que nossos atos de intimidade são ‘intrinsecamente

⁵⁹ - www.glaad.org/about/history.php.

⁶⁰ - **N.T.:** A “Semana de Proteção ao Matrimônio” foi instituída pelo Presidente George W. Bush, para ser celebrada de 12 a 18 de outubro de 2003, com a finalidade de “amparar a instituição do casamento e ajudar os pais a construir famílias mais fortes” (<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2003/10/20031003-12.html>).

⁶¹ - www.glaad.org/publications/op-ed_detail.php?id=3515.

⁶² - Estes incluem: American Federation of Teachers National Gay and Lesbian Caucus; Gay, Lesbian, and Straight Teachers Network; National Educational Association’s Gay and Lesbian Caucus; e Teachers Group: Gays and Lesbians Working in Education.

⁶³ -

http://directory.google.com/Top/Society/Gay,_Lesbian,_and_Bisexual/Student/Colleges_and_Universities/No_rth_America/United_States/.

⁶⁴ - Cf. www3.villanova.edu/bglov/ and www-acc.scu.edu/clubs/GALA/homepage.html.

⁶⁵ - Cf. www.dv-8.com/resources/us/national/religious.html. Este *web site* conecta com recursos homossexuais em todo o mundo. Sob o título *US National Religious GLBT* há 35 organizações listadas.

⁶⁶ - www.soulforce.org/main/mission/shtml.

maus'. Elas ensinam que não devíamos casar-nos, adotar, ser tutores, educar crianças, ser treinadores esportivos de jovens ou prestar serviço militar. Aos membros de *Dignity* (a organização católica GLBT) recusa-se o uso de propriedades eclesiásticas e a presença de um sacerdote para celebrar a missa de *Dignity*. cremos que esses ensinamentos conduzem à discriminação, sofrimento e morte. Nosso objetivo é confrontar e finalmente substituir essas trágicas inverdades com a verdade de que também somos filhos de Deus, criados, amados e aceitos por Deus exatamente como somos".⁶⁷

Entre as organizações de católicos dissidentes, que promovem a aceitação da homossexualidade na Igreja, estão: *Dignity/USA*,⁶⁸ *New Ways Ministry*, *Call to Action*, *Conference of Catholic Lesbians, Inc.* e o *Rainbow Sash Movement*.

⁶⁷ - www.soulforce.org/main/faq.shtml.

⁶⁸ - Em 29 de julho de 2003, *Dignity* publicou um comunicado intitulado "Católicos homossexuais rejeitam o documento do Vaticano sobre casamento homossexual", negando a doutrina católica sobre homossexualidade.

QUADRO

GEORGETOWN: DOIS EXEMPLOS DA TOLERÂNCIA LIBERAL

A tolerância liberal encontra meios para proteger e favorecer o mal, enquanto deixa o bem sem apoio, ou até o obstrui. Essa tolerância liberal manifestou-se recentemente em dois episódios na universidade católica mais antiga dos Estados Unidos, a Universidade de Georgetown, dos Padres Jesuítas, em Washington.

* * *

No dia 17 de maio de 2003, o Cardeal Francis Arinze discursou na cerimônia de colação de grau. Afirmou então:

“Em muitas partes do mundo, a família se acha sitiada. É oprimida por uma mentalidade anti-vida, como se vê na contracepção, no aborto, no infanticídio e na eutanásia. Ela é ridicularizada e banalizada pela pornografia, dessacralizada pela fornicação e adultério, escarnecida pela homossexualidade, sabotada por uniões irregulares e dividida ao meio pelo divórcio”.⁶⁹

Parte da audiência ficou aborrecida com a referência à homossexualidade. Estudantes saíram do recinto e uma professora de Teologia saiu do palco de maneira ostensiva. Mais tarde, uma carta oficial de protesto foi assinada por aproximadamente setenta membros do corpo docente.

* * *

Em outubro, jovens membros da Ação Estudantil da TFP – portando a bandeira americana, o estandarte grande da entidade com o leão dourado, tocando gaitas de fole e usando suas conhecidas capas rubras – iniciaram campanhas em campus universitários. Coletaram assinaturas de protesto contra a decisão do Supremo Tribunal de legalizar a sodomia, no processo *Lawrence x Texas*, e distribuíram cópias do pronunciamento da TFP sobre essa decisão, intitulado *Somos ainda uma Nação Unida sob a Proteção de Deus?* (ver apêndice).

No dia 20 de novembro de 2003, visitaram Georgetown, o primeiro campus no seu roteiro. A reação que encontraram os surpreendeu.

Embora simplesmente reafirmassem os princípios da Lei Natural e os ensinamentos mais recentes da Igreja sobre a homossexualidade, um dirigente da Universidade considerou a distribuição “grosseiramente ofensiva”. Guardas de segurança abordaram dois membros da TFP que faziam campanha na “Praça Vermelha” – oficialmente tida como “zona de livre expressão” – e os escoltaram para fora do campus, com a advertência de que, se retornassem, seriam presos.

A curta campanha da TFP causou um rebuliço. Numa mensagem divulgada pela Internet em 25 de novembro, o Vice-Reitor substituto para assuntos estudantis, Todd Olson, explicou que ordenara a remoção dos membros da TFP porque há uma diferença entre

⁶⁹ - Nick Timiraos, “Cardinal’s Commencement Remarks Spark Controversy”, *The Hoya*, 3 de junho de 2003.

discurso “livre” e discurso “ofensivo”. Para ele, o folheto da TFP era “grosseiramente ofensivo e provocador”. Assinalou também que “intolerância e invectiva não têm guarida em Georgetown”.

No entanto, a mensagem de Olson para os homossexuais do campus era em outro tom: “Gostaria de aproveitar esta oportunidade para ressaltar que homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais membros de nossa comunidade gozam do direito de estudar, trabalhar e viver num ambiente de respeito e proteção no campus”.⁷⁰

A defesa divulgada pela administração sobre sua áspera medida, as reportagens noticiosas nas publicações do campus e as cartas ao editor que se seguiram geraram interesse em todo o país. Artigos em publicações conservadoras, pela Internet ou nos quadros de avisos das universidades, questionaram a integridade da Fé católica na prestigiosa instituição. Muitos associaram a expulsão da TFP com o furor que se seguiu ao discurso do Cardeal Arinze seis meses antes.

* * *

É de fato perturbador ver uma universidade católica demonstrar tal intolerância em relação a uma autoridade eclesiástica e ao ensinamento moral perene da Igreja. No entanto, é uma triste ilustração dos avanços feitos dentro de escolas e universidades católicas pelo movimento homossexual.

⁷⁰ - Cf. Shanthi Manian, “Free Speech But Not Hate Speech”, *Georgetown Voice*, 4 de dezembro de 2003; Aaron Terrazas, “Anti-Gay protester Removed From Red Square for ‘Offensive Speech’”, *The Hoya*, 5 de dezembro de 2003; Paul Weyrich, “Christian Values Unwelcome”, *Washington Dispatch*, 17 de dezembro de 2003; Jim Brown, “Group Protesting Sodomy Ruling Ejected From Georgetown Campus”, *AgapePress*, 30 de dezembro de 2003.

CAPÍTULO 5

AS TÁTICAS DO MOVIMENTO: O ALVO É VOCÊ

Em 1989, dois homossexuais graduados na Universidade de Harvard — Marshall Kirk e Hunter Madsen, o primeiro um pesquisador em neuropsiquiatria, e o segundo perito em táticas de persuasão pública e estratégias sociais de mercado — escreveram *After the Ball: How America Will Conquer Its Fear & Hatred of Gays in the 90s* (Depois do Baile: Como os Estados Unidos Vão Dominar Seu Medo e Ódio de Homossexuais nos Anos 90).

Os autores declaram, em seus agradecimentos, que foram procurados pelo editor Marshall DeBruhl e solicitados a redigir um “manifesto homossexual para os anos 1990”. Disso resultou *After the Ball*, um verdadeiro projeto para lançar no mercado a revolução cultural homossexual nos Estados Unidos.

Os autores procuram delinear os meios para mudar o modo como o país vê a homossexualidade. Mudança duradoura só ocorre quando as pessoas são persuadidas. Kirk e Madsen argumentam que as táticas do movimento homossexual não eram persuasivas, e mostram como reverter esse quadro. *After the Ball* reivindica uma grande mudança de táticas:

“A campanha que delineamos neste livro, embora complexa, depende fundamentalmente de uma propaganda aberta, firmemente apoiada em princípios de psicologia e publicidade, de há muito estabelecidos”.⁷¹

Descartando-se de uma imagem repulsiva

Quando o livro foi escrito, o movimento homossexual estava em crise. A explosão da liberação sexual dos anos sessenta e setenta havia passado, e a AIDS fizera avanços devastadores. Acima de tudo, a imagem diante do público era decididamente negativa. Kirk e Madsen concluíram que isso era em parte devido ao comportamento promíscuo e chocantemente vulgar de alguns elementos do movimento. Estas eram algumas das razões que apresentaram para essa imagem negativa:

- A transformação de lavatórios públicos (inclusive sanitários masculinos nas universidades da *Ivy League*⁷²), dos parques e das vielas em “prostíbulos” homossexuais;
- A presença de travestis homossexuais e lésbicas em possantes motocicletas nos desfiles homossexuais;
- Participação de organizações como a *NAMBLA – North American Man/Boy Love Association* (Associação Norte-Americana para o Amor entre Homens e Meninos) nesses desfiles;

⁷¹ - Marshall Kirk e Hunter Madsen, *After the Ball: How America Will Conquer Its Fear & Hatred of Gays in the 90s* (New York: Penguin Books USA, Inc., 1990), p. xxviii

⁷² - **N.T.:** *Ivy League* (Liga da Hera). Nome popular das oito principais universidades da Costa Leste dos Estados Unidos, de elevada posição acadêmica e prestígio social, que dão a seus alunos e ex-alunos um status algo superior ao de outras universidades. São elas: Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Pennsylvania, Princeton e Yale.

- Sadomasoquismo difuso e as rivalidades em bares e casas de banhos.⁷³

Os autores insistiam em que o controle da imagem é vital para o sucesso. Convocavam o movimento homossexual para “pôr a casa em ordem” e suprimir tudo que contribuísse para essa imagem negativa. O modo como as pessoas vêem as coisas é decisivo nessa guerra cultural e, para vencer, os homossexuais devem *parecer* bons.

Discursos diferentes para públicos diferentes

Os autores recomendam que os ativistas homossexuais falem de modo diferente para auditórios diferentes. Todos os discursos, no entanto, devem se dirigir ao coração e não ao cérebro. Deve-se procurar manipular as emoções das pessoas, mais do que tentar convencê-las com argumentos lógicos.⁷⁴

Kirk e Madsen dividiram o público americano em três grupos basicamente equivalentes, para os quais recomendam as respectivas táticas:

- 1 – Os *veementemente contrários* à homossexualidade: **isolamento e silêncio**;
- 2 – Os *indecisos do centro*: **dessensibilizar, pressionar e converter**;
- 3 – Os *simpatizantes do movimento homossexual*: **mobilizar**.⁷⁵

O ataque psicológico do movimento deve desenvolver-se simultaneamente nas três frentes, pois os resultados em cada uma das frentes é acrescido pelo esforço combinado.

O mais importante: dessensibilizar, pressionar e converter

Kirk e Madsen afirmam que o grupo mais vital a ser atingido é o dos indecisos do centro, ou, segundo sua descrição, “os céticos ambivalentes”. Expõem as táticas a usar com esse setor crucial do público:

“A *dessensibilização* tem como objetivo reduzir a intensidade das reações anti-homossexuais emotivas a um nível próximo da total indiferença; a *pressão* visa bloquear ou contrariar o gratificante “orgulho em preconceito”, ... vinculando o ódio contra os homossexuais a um sentimento prévio e autopunitivo de vergonha, por ser intolerante. ... Tanto a *dessensibilização* quanto a *pressão* ... são meros prelúdios para nosso objetivo máximo, embora mais demorado, que é a *conversão*. Não basta que os intolerantes anti-homossexuais fiquem desconcertados a nosso respeito, ou mesmo indiferentes a nós. A longo prazo, estaremos mais garantidos se conseguirmos fazê-los gostar de nós. O objetivo da conversão é exatamente este. ...

“Por conversão, de fato entendemos algo muito mais profundamente ameaçador para o *American way of life*, sem o qual nenhuma mudança social ampla e verdadeira pode ocorrer. Referimo-nos à conversão das emoções do americano médio, da sua mente e vontade, por meio de um ataque psicológico planejado, sob a forma de uma propaganda distribuída à nação através da mídia”.⁷⁶

⁷³ - Cf. *ibid.*, pp. 306-313.

⁷⁴ - Cf. *ibid.*, p. 162.

⁷⁵ - Cf. *ibid.*, pp. 175-177.

⁷⁶ - *Ibid.*, p. 153.

Partindo para o ataque

Kirk e Madsen apresentam muitas sugestões sobre o modo de conduzir essa batalha em três frentes, contra o *American way of life*. Eis algumas das táticas para cada grupo:

1 – Em relação aos amigos e aliados do movimento homossexual:

- Estimular o maior número possível de homossexuais e lésbicas de todos os ramos de atividade e profissões, especialmente as “celebridades”, a manifestar-se como tais. Isso cria insegurança na rejeição pública à homossexualidade.⁷⁷
- Pôr em evidência muito mais a não-discriminação, os direitos humanos e a igualdade. Não tentar defender o comportamento ou o modo de vida homossexual. Manter a discussão em termos abstratos, nos altos páramos da teoria filosófica e social.
- Usar a epidemia de AIDS para exigir direitos civis para os homossexuais e levantar o assunto da discriminação.
- Usar a mídia. Desenvolver campanhas de mídia em conjunto com esforços de ação política, de preferência antes deles.
- Conectar-se com organizações não-homossexuais que desejam prover apoio moral para a causa homossexual.
- Apresentar sempre os homossexuais como bonzinhos.

2 – Em relação aos veementemente contrários à homossexualidade

- Demonizar os anti-homossexuais. Apresentá-los sempre tão maus quanto possível, de tal modo que o público em geral se sinta constrangido na sua presença e os evite. Tachá-los de nazistas, racistas, anti-semitas, ku-klux-klan, excêntricos desequilibrados.
- Por exemplo, usar a técnica de “pôr entre parênteses” para demonizar anti-homossexuais e descrever os homossexuais como vítimas. Ou seja, preparar propagandas comerciais que mostrem, por exemplo, sermões incendiários de pregadores sulistas condenando os homossexuais ao inferno e contrastar essa retórica com imagens de pessoas decentes e comuns, vítimas horrivelmente maltratadas por serem homossexuais.⁷⁸
- Apresentar a doutrina conservadora e tradicional da Igreja como fossilizada e ultrapassada pelas descobertas científicas, particularmente no campo da psicologia.

3 – Em relação aos indecisos do centro

- Os homossexuais devem ser descritos como vítimas das circunstâncias, que precisam de proteção. As pessoas devem ser conduzidas psicologicamente para o sentimento de que devem estender essa proteção aos homossexuais, para serem coerentes com os próprios princípios.
- Apresentar os homossexuais como pessoas que nasceram assim e não podem mudar, ainda que o desejassem. Isso deixa as pessoas psicologicamente dilaceradas sobre o modo de agir com os homossexuais: se não é culpa deles, como censurá-los?

⁷⁷ - Exemplo dessa tática foi a declaração pública de lesbianismo da atriz de TV Ellen Degeneres, em 1997.

⁷⁸ - *After the Ball*, pp. 189-190.

- Em comerciais de TV, não mostrar mulheres masculinizadas, travestis e pessoas do gênero. Em vez disso, apresentar pessoas com a aparência mais comum: jovens, mulheres de meia-idade e pessoas mais velhas que são pais e amigos de homossexuais.
- Mais do que atos públicos de auto-afirmação, as passeatas homossexuais devem procurar *comunicar-se* com o público. Não devem ser como paradas militares, e sim como desfiles. Elas não devem visar impor a homossexualidade ao público. Ao invés disso, devem ajudar o público a entender os homossexuais.
- Evitar chocar o público com a apresentação prematura de comportamento homossexual.
- Turvar as águas para enfraquecer a oposição religiosa à homossexualidade. Dividir para conquistar. Lançar igrejas moderadas e liberais contra as conservadoras.
- Sustentar a mensagem: em qualquer lugar, a qualquer hora, conversar sempre sobre a homossexualidade, em tom neutro, até que o público esteja saturado. Então ele pára de prestar atenção, torna-se insensível e entorpecido para o assunto. Vencer pelo cansaço.
- Educar o povo é mais importante do que conquistar vitórias rápidas com a ajuda de elites liberais no governo. A menos que o público seja persuadido (ou entorpecido pela indiferença), todas as vitórias são efêmeras.
- Usar celebridades em apoio ao estilo de vida homossexual. Não precisam ser elas próprias homossexuais. Tudo o que se quer delas é que dêem à homossexualidade a chancela de sua aprovação.⁷⁹
- Nos estágios iniciais da campanha de propaganda, usar lésbicas e não homossexuais nos cartazes. O público será mais receptivo, pois a imagem masculina é mais ameaçadora.
- Apresentar grandes personagens históricos como homossexuais. Figuras históricas falecidas não movem processos por danos à sua reputação. A idéia de que a homossexualidade está associada com grandeza, no entanto, abala as crenças das pessoas.

Kirk e Madsen concluem que o resultado final dessa enorme guerra de propaganda seria a aceitação da homossexualidade, se não diretamente como “boa”, pelo menos como uma tolerável variante da normalidade.

Os fatos confirmam as táticas

O livro de Kirk e Madsen desencadeou um debate. Alguns ativistas homossexuais minimizaram a sua importância, outros tentaram desacreditar sua abordagem por demais direta. Homossexuais mais radicais encararam seu apelo à “moderação” como uma rendição à sociedade heterossexual.⁸⁰

⁷⁹ - Cremos que o voluptuoso beijo entre Madonna, Britney Spears e Cristina Aguilera numa cerimônia de premiação da MTV, em agosto de 2003, constitui um exemplo desse endosso de celebridades ao estilo de vida homossexual.

⁸⁰ - Cf. Steve Miller, “Culture Watch”, *Independent Gay Forum*, 24 de maio de 2002, www.indegayforum.org/culturewatch/2002_05_19_archive.shtml.

Tal debate corre à margem do assunto principal. Pouco importa se os ativistas homossexuais tomaram *After the Ball* como seu livro de cabeceira, meditando-o diariamente, ou se minimizaram sua importância. O que realmente importa é que o movimento homossexual, de modo geral, adotou muitas das estratégias e táticas sugeridas por seus autores. De fato, se fosse escrito um livro para descrever as táticas empregadas por organizações homossexuais desde 1989, ele teria muito em comum com as diretrizes de Kirk e Madsen.

Além disso, *After the Ball* é importante por ter tornado claro que a revolução homossexual está movendo uma “guerra de propaganda”, cujas táticas descreve, e identifica os americanos cristãos de centro como seu alvo.

A chave é a persuasão

Paul E. Rondeau, especialista em marketing, analisou o livro de Kirk e Madsen no seu estudo *Selling Homosexuality to America (Como vender a homossexualidade aos Estados Unidos)* e ressalta o papel vital da persuasão na guerra cultural para mudar a posição dos Estados Unidos sobre a homossexualidade:

“Entre as guerras culturais dos Estados Unidos, uma das controvérsias atuais mais intensas gira em torno de um assunto designado ora como “normalizar a homossexualidade” ora como “aceitar o homossexualismo”, dependendo do próprio ponto de vista. O debate é na verdade uma guerra conceitual sócio-ético-moral que transcende os campos científico e legal, embora ciência e lei sejam as armas preferidas. A munição dessas armas, contudo, é a persuasão”.⁸¹

A vitória nessa guerra cultural pertencerá ao campo que conseguir trazer ou manter a opinião pública americana do seu lado. Kirk e Madsen perceberam isso muito bem. Os americanos que desejam preservar a família tradicional devem também convencer-se desta realidade.

⁸¹ - Paul E. Rondeau, “Selling Homosexuality to America”, *Regent University Law Review*, 2002, vol. 14, p. 443. Disponível em www.regent.edu/acad/schlaw/lawreview/articles/14_2Rondeau.pdf.

QUADRO

O MITO DOS DEZ POR CENTO

O mito de que há dez por cento de homossexuais na população em geral estava baseado em pesquisa realizada pelo zoologista e especialista em taxonomia⁸² Alfred C. Kinsey, publicada em 1948 sob o título *Sexual Behavior in the Human Male* (*Comportamento sexual masculino*), conhecido como *Relatório Kinsey*.

Entre as conclusões do *Relatório Kinsey* está a idéia de que dez por cento dos homens são mais ou menos exclusivamente homossexuais, e quatro por cento dos homens brancos são exclusivamente homossexuais ao longo da vida.

Ficou provado que o *Relatório Kinsey* estava viciado. A amostragem de 5.300 homens, por exemplo, “incluía várias centenas de prostitutas, 1.200 condenados por crimes sexuais, grande número de pedófilos e exibicionistas, e a quarta parte eram presidiários, que são desproporcionalmente homossexuais”.⁸³

Uma pesquisa de Edward O. Laumann e outros desmoralizou os números do Relatório Kinsey a respeito dos “dez por cento”, demonstrando que eles são muito mais altos do que os valores encontrados nas pesquisas feitas entre a população em geral. A conclusão de Laumann era que “2,8% dos homens e 1,4% das mulheres relataram algum nível de identidade homossexual (ou bissexual)”.⁸⁴

Laumann observou que, apesar de tal prova, o movimento homossexual fez uso desse mito dos dez por cento para sua guerra de propaganda. Assinala que Bruce Voeller, fundador da *National Gay and Lesbian Task Force – NGLTF* (Grupo de Trabalho Nacional dos Gays, Lésbicas e Transexuais), alega ter divulgado o uso da estimativa de dez por cento como parte da sua campanha no final dos anos 1970, para convencer os políticos e o público de que havia homossexuais por toda parte.⁸⁵

Recentemente, o próprio movimento homossexual abandonou o mito dez por cento. De acordo com Ed Vitagliano, uma coalizão de 31 grupos de defesa dos homossexuais – incluindo o *Human Rights Campaign*, a *National Gay and Lesbian Task Force* e o *Gay and Lesbian Alliance Against Defamation* – inseriu um depoimento no processo *Lawrence x Texas* usando os dados de Laumann, de que só “2,8% da população masculina e 1,4% da feminina se identificam como homossexuais, lésbicas ou bissexuais”.⁸⁶

⁸² - **N.T.:** *Taxonomia:* Ciência que estuda a classificação ordenada das plantas e animais e estabelece suas naturais interrelações.

⁸³ - A. Dean Byrd e Stony Olsen, “Homosexuality: Innate and Immutable?”, *Regent University Law Review*, vol. 14:513, p. 546.

⁸⁴ - Laumann, p. 289.

⁸⁵ - Cf. Id. *ibid.*

⁸⁶ - “Homosexual Advocacy Groups Admit 10% Fallacy”, *Agape Press*, 30 de julho de 2003; <http://headlines.agapepress.org/archive/7/302003e.asp>.

QUADRO

“HOMOFOBIA”, UMA ARMA SEMÂNTICA NA GUERRA CULTURAL

Arthur Evans, co-fundador de *Gay Activist Alliance* – GAA (Aliança de Ativistas Homossexuais), explica como o movimento homossexual criou a palavra *homofobia* para caracterizar seus opositores:

“Por sorte, George Weinberg, um psicólogo não-homossexual, de há muito amigo de nossa comunidade, comparecia regularmente aos encontros da GAA. Observando fascinado a nossa energia e excitação e as respostas da mídia, ele apareceu com a palavra que nos empenhávamos em conseguir: ‘homofobia’, ... que significa o temor irracional de amar alguém do mesmo sexo. ...

“A invenção da palavra ‘homofobia’ é um exemplo de como a teoria pode radicar-se na prática. Não veio de um acadêmico sentado em sua cadeira de balanço, observando de longe o movimento. ... Surgiu de interações pessoais entre pessoas ativas e pensantes que reconhecem um valor compartilhado: *a transformação da sociedade para melhor*”.⁸⁷

George Weinberg classificou então a oposição moral à homossexualidade como *fobia*: “Eu nunca consideraria um paciente saudável se ele não tivesse superado seu preconceito contra a homossexualidade”.⁸⁸

O raciocínio de Weinberg tem inevitáveis conseqüências religiosas: uma moral sexual segundo a Lei Natural e os ensinamentos morais da Igreja Católica é perniciosos, uma vez que gera preconceitos e temores irracionais.

O movimento homossexual utiliza palavras e conceitos como armas semânticas para mudar as pessoas e a sociedade. Conceitos como *compaixão* destinam-se a gerar aceitação, enquanto outros como *homofobia* visam inibir e mesmo paralisar reações.

Ao fixar sobre os opositores o rótulo de *homófobos*, o movimento procura intimidá-los e desqualificá-los, descartando como “temores irracionais” seus argumentos baseados na reta razão.

Os que defendem a Lei Natural e os Dez Mandamentos deveriam desprezar essa tática desonesta. Deveriam desafiar os que fazem uso demagógico do rótulo *homófobo* a que mostrem as provas **científicas** dessa suposta *fobia*, “descoberta” com intenção ativista de impulsionar a agenda homossexual.

⁸⁷ - Arthur Evans, “The Logic of Homophobia”, <http://gaytoday.badpuppy.com/garchive/viewpoint/101600vi.htm>. Destaque nosso.

⁸⁸ - Citado em Jack Nichols, “George Weinberg, Ph.D. – Badpuppy’s February Interview”, <http://gaytoday.badpuppy.com/garchive/interview/020397in.htm>.

CAPÍTULO 6

IMPORTÂNCIA DO “CASAMENTO” HOMOSSEXUAL: VALIDAR A IDEOLOGIA HOMOSSEXUAL

Reportagens da mídia após a decisão da Suprema Corte no processo *Lawrence x Texas* destacaram o próximo objetivo da agenda homossexual: o “casamento” homossexual. O título da reportagem de capa da revista *Newsweek*, por exemplo, perguntava: “O próximo passo é o casamento homossexual?”. O *website* da *CBS News* anunciava simplesmente: “A próxima batalha: casamento homossexual”.

“Casamento” de pessoas do mesmo sexo foi um tema de destaque na passeata homossexual em Nova York e São Francisco em 29 de junho de 2003. Em Nova York, sessenta pares de homossexuais foram simbolicamente unidos num arremedo de cerimônia nupcial antes do início do desfile.⁸⁹

Laura Secor, do *The Boston Globe*, observou que “neste momento, o casamento homossexual é o assunto mais destacado e potencialmente polarizador da agenda política nacional”.⁹⁰

“Casamento” homossexual – uma poderosa arma psicológica

Tudo indica que, ao contrário do que se ouve normalmente, os objetivos primários do movimento homossexual, ao procurar a legalização do “casamento” entre pessoas do mesmo sexo, não são os benefícios financeiros ou de saúde associados ao casamento. Nem é também a procura de estabilidade e exclusividade numa relação homossexual. O principal objetivo é conseguir uma poderosa arma psicológica para transformar a rejeição da sociedade à homossexualidade numa gradual aceitação, mesmo que ela seja relutante.

Se a opinião pública se opõe à legalização do próprio “casamento” homossexual, o movimento proporá “uniões civis”, “parcerias domésticas” ou qualquer outro eufemismo.

Infelizmente, muitas pessoas vêem a aceitação de tais rótulos como uma concessão da parte do movimento. São cegos ao fato de que o reconhecimento legal e social desses rótulos eufemísticos é o reconhecimento legal e social das uniões homossexuais em si mesmas. Longe de serem concessões, são degraus que possibilitam ao movimento alcançar a médio prazo o seu objetivo, o “casamento” homossexual.

“Casamento” entre pessoas do mesmo sexo não é casamento

Com relação ao “casamento” homossexual, a associação homossexual *Lambda Legal* publicou no seu *website* esta “Resolução sobre o casamento”:

“Tendo em vista que o casamento é um direito básico e uma decisão pessoal, RESOLVE que o Estado não deve interferir em pares do mesmo sexo que decidem

⁸⁹ - Cf. www.nydailynews.com/06-30-2003/news/local/story/96774p-87658c.html.

⁹⁰ - Laura Secor, “Rainbow Warriors,” *The Boston Globe*, August 3, 2003

casar-se e partilhar completa e igualmente os direitos, responsabilidades e compromissos do casamento civil”.⁹¹

Esta resolução resume os argumentos dos homossexuais em favor do “casamento” homossexual. Contudo, está baseada numa falsa analogia. Tira uma conclusão a partir de uma semelhança meramente acidental entre fatos ou situações que são essencialmente diferentes. Colocado em termos de raciocínio, o enunciado seria:

- 1 – O casamento é um direito humano básico;
- 2 – O casamento é uma decisão pessoal;
- 3 – Portanto, pares do mesmo sexo podem decidir casar-se e partilhar completa e igualmente os direitos, responsabilidades e compromissos do casamento civil;
- 4 – E o Estado não deve interferir na sua decisão.

Todos reconhecem que o casamento é um “direito humano básico” e uma “escolha pessoal”. A maioria reconhece que ele merece a proteção do Estado. Contudo, é falsa a analogia que se faz na terceira sentença, entre um par do mesmo sexo e um par constituído por homem e mulher.

Como “direito humano básico”, o direito ao casamento deriva da natureza humana, e portanto sua existência precede tanto a Igreja quanto o Estado. No entanto, a mesma natureza humana que dá origem a esse “direito humano básico” exige também que o casamento seja a união entre homem e mulher, tendo em vista que a cooperação de ambos é necessária para cumprir a finalidade primária do matrimônio, que é a procriação e a educação da prole.⁹² O “casamento” de duas pessoas do mesmo sexo não está baseado na natureza humana. Portanto, não é casamento; logo não existe um “direito humano básico” ao “casamento” entre pessoas do mesmo sexo.

O fato de o casamento ser “uma decisão pessoal” não significa que *qualquer* tipo de união entre dois indivíduos pode ser chamada casamento, ou que tais uniões mereçam “partilhar completa e igualmente os direitos, responsabilidades e compromissos do casamento civil”. O casamento é mais do que uma simples parceria de negócios, em que a duração e a natureza do contrato dependem inteiramente do desejo das partes.

A “decisão pessoal” no casamento é exercida tanto na opção pelo estado matrimonial quanto na escolha do esposo. Contudo, os futuros esposos não são livres para alterar a finalidade essencial ou as propriedades do casamento. Estas não dependem da vontade das partes contratantes. Têm sua raiz na Lei Natural e são imutáveis. É a Lei Natural, e não os esposos, que determina o objetivo do casamento bem como o número das partes contratantes e o sexo delas. A idéia de que os homossexuais podem criar um “casamento” homossexual por sua escolha pessoal é falsa.

Finalmente, a afirmação de que “o Estado não deve interferir na sua decisão” é também falsa. Quando o Estado proscree a união entre dois indivíduos do mesmo sexo, não viola o direito humano básico ao casamento nem o direito que cada um tem de escolher livremente o esposo, pois tal união não é casamento. Além disso, ao aprovar leis permitindo aos homossexuais contrair “casamento” entre si, o Estado violaria sua própria finalidade, que é garantir o bem comum da sociedade e proteger a moralidade pública.

⁹¹ - www.lambdalegal.org/cgi-bin/iowa/documents/record?record=143.

⁹² - Ver quadro sobre “Fim primário do matrimônio”, no capítulo 9.

Sentimentalismo não é argumento

Como já vimos, Kirk e Madsen recomendaram falar ao coração, não à mente. Sugeriram manipular as emoções das pessoas, deixando de lado a lógica.

Daí as organizações homossexuais usarem argumentos sentimentais para justificar o “casamento” homossexual. Por exemplo, *Marriage Equality USA* sugere que as pessoas se lembrem de suas belas núpcias:

“O que é exatamente o casamento?”

“Para quem já está casado e ler isto, volte ao dia em que seu esposo ou esposa lhe pediu que partilhasse sua vida com você. Como foi especial o dia do seu casamento! Amigos e família se congregaram, assegurando que tudo estava perfeito – e em geral, de fato estava.

“Arroz e bolo à parte, você tinha alguma idéia do que significava o casamento? Você conhecia os direitos legais que você, como marido ou mulher, iria adquirir? Ou como a sua família estava protegida?”⁹³

Não obstante o modo como se embrulha um mau produto, nunca se deve esquecer que a qualidade do invólucro não altera a substância. Mesmo embrulhada em papel sedutor, ainda assim é uma analogia falsa.

Sem o “casamento” homossexual, as tentativas do movimento homossexual visando impor ao país a sua ideologia são fadadas ao fracasso. Portanto, a rejeição aos esforços do movimento nessa linha é de importância vital para os americanos que respeitam e amam a Lei Natural e os Dez Mandamentos, bem como a ordem social construída sobre eles.

⁹³ - www.marriageequality.org/facts.php/page=what_is_marriage.

CAPÍTULO 7

TORNANDO MORAL O QUE É IMORAL

Na sua subversiva “revolução moral”, o movimento homossexual não pode simplesmente descartar toda moralidade, pois isso deixaria um vácuo na alma humana. Os homossexuais devem convencer a si mesmos e à sociedade de que a homossexualidade é boa e moral. Devem criar sua própria pseudo-moralidade.

A propaganda homossexual o faz de muitos modos. Contudo, todos os esforços giram em torno de um eixo central de raciocínio que pode ser assim esquematizado:

- 1 – Eu me sinto atraído sexualmente por pessoas do mesmo sexo;
- 2 – O comportamento compatível com essa inclinação me proporciona prazer;
- 3 – O prazer é bom;
- 4 – Portanto, a homossexualidade é boa.

Num artigo intitulado “The Virtue of Homosexuality” (“A virtude da homossexualidade”), o escritor homossexual John Corvino ilustra essa justificação ética da homossexualidade:

“Utilizei minhas cinco colunas anteriores – e boa parte da minha carreira – para defender a homossexualidade contra diversos ataques morais. E algumas vezes emprego ainda tanto tempo explicando por que a homossexualidade ‘não é má’, que me esqueço de considerar por que ela é positivamente boa. Posso apresentar alguns motivos para se pensar em homossexualidade como não apenas tolerável, mas moralmente benéfica?...

“Primeiro, a homossexualidade pode ser uma fonte de prazer, e o prazer é uma coisa boa. Com muita frequência agimos como se o prazer precisasse ser ‘justificado’ por alguma razão extrínseca, e nos sentimos culpados quando o procuramos por causa dele mesmo. ... Isto não significa afirmar que o prazer é o único ou o mais importante bem do ser humano. Nem significa negar que o prazer de longo prazo exige algumas vezes sacrifício de curto prazo. Mas qualquer sistema moral que não valoriza o prazer é defeituoso por essa mesma razão”.⁹⁴

Tal concepção moral corresponde ao hedonismo, o sistema desenvolvido pelo filósofo grego Epicuro, que transforma o prazer no princípio que explica a vida humana. Esse hedonismo confunde prazer com bondade (“bom” é o que causa prazer) ou subordina bondade ao prazer, subvertendo a ordem moral e envenenando a própria fonte da moralidade.

Desde que se aceite a falsa premissa da filosofia hedonista, impõe-se uma irreversível lógica: se o prazer pode justificar o comportamento homossexual, então outras formas de desvio no comportamento sexual, consideradas por muitos como fontes de prazer, podem ser também justificadas, o que inclui pedofilia, pederastia, efebofilia, gerontofilia, necrofilia, sadismo, masoquismo, bestialidade e muitos outros tipos de desvio comportamental.

⁹⁴ - John Corvino, “The Virtue of Homosexuality”, *Between the Lines*, 7 de fevereiro de 2003, www.indegayforum.org/authors/corvino/corvino4.html.

Uma ética falsa pressupõe uma falsa cosmovisão

A natureza racional do homem o compele a procurar significado e objetivo para sua própria vida. Ele pode esquivar-se às subjacentes questões filosóficas e teológicas profundas sobre a vida, mas a sua racionalidade força-o sempre a defrontar-se com elas. Como resultado, todo indivíduo, qualquer que seja sua formação, acaba por adotar ou estabelecer uma filosofia ou teologia para si mesmo. Essa cosmovisão pode ser rudimentar ou mesmo embrionária, mas a implacável natureza racional do homem não descansa enquanto não consegue essa explicação.

Nessa procura do significado da existência, o comportamento e as idéias se influenciam mutuamente de modo profundo, e anseiam pela coerência que a razão pede. Como observa Paul Bourget no famoso romance *Le Démon du Midi* ("O Demônio da Meia-Idade"), "cumprir viver como se pensa, sob pena de, mais cedo ou mais tarde, acabar por pensar como se viveu".⁹⁵

⁹⁵ - Paul Bourget, *Le Démon du Midi* (Paris: Librairie Plon, 1914), vol. 2, p. 375.

CAPÍTULO 8

EROTISMO MÍSTICO: O LADO OCULTO DO ARCO-ÍRIS

“Oh! Por que devo falar de coisas
impróprias para serem ditas?”
Atenágoras de Atenas

À medida que a ideologia homossexual avança na cultura americana, tendências andróginas tornam-se cada vez mais visíveis na sociedade. Escrevendo no *Journal of Sex Research*, Margaret Schneider observa:

“A revolução sexual, que começou nos anos 1960 com a ascensão da contracultura, mais tarde, combinada com a segunda onda do feminismo, trouxe para a vida do americano médio um surto da assim chamada liberação sexual, acompanhada por um modo particular de inclinação sexual. Em nome do interesse da saúde mental e da igualdade de oportunidades, foi permitido às mulheres comportar-se um pouco como homens, enquanto os homens foram incentivados a comportar-se um pouco como as mulheres. Isso foi denominado androginia, termo que se refere a uma combinação, no mesmo indivíduo, de características típicas e atípicas do seu gênero”.⁹⁶

Essa tendência andrógina impregna o mundo da moda hoje. Manifesta-se no traje dos homens e das mulheres, nos seus cortes de cabelo e nos perfumes que usam, influenciando profundamente a sociedade.⁹⁷ O costureiro austríaco Helmut Lang, por exemplo, explica por que incorporou uma aparência andrógina às suas criações: “Nós sabemos que as mulheres são ao mesmo tempo femininas e masculinas, e que os homens são também femininos e masculinos. Tudo depende do grau em que cada um assumiu isso, mas a coisa é assim”.⁹⁸

Androginia e a ideologia homossexual

Esse desejo de amalgamar homem e mulher num novo gênero está no âmago da ideologia homossexual. De fato, o fundador do movimento, Harry Hay, inicia seu manifesto de fundação da Sociedade Mattachine com as palavras “Nós, os andróginos do mundo...”⁹⁹

O escritor homossexual Paul Varnell relata como Hay deu vital importância à androginia:

⁹⁶ - Margaret Schneider, Rescensão do livro *Sissies and Tomboys: Gender Nonconformity and Homosexual Childhood* (“Meninos efeminados e meninas masculinizadas: Não-conformismo sexual e Infância Homossexual”), ed. Matthew Rottnekin, *The Journal of Sex Research*, vol. 37, n° 4, p. 298.

⁹⁷ - Para uma compreensão de como o mundo da moda influi profundamente nos indivíduos, famílias e povos, ver Plínio Corrêa de Oliveira, *Revolução e Contra-Revolução*, Parte I, Capítulo X.

⁹⁸ - Paco Alcaide, “The Man of the New Millenium”, www.fashionclick.com/FC26/FC26_fashion_Men03.htm.

⁹⁹ - www.sciencedaily.com/encyclopedia/Harry_Hay.

“O ‘idealismo’ de Hay tinha três componentes: a) os homossexuais são qualitativamente diferentes dos heterossexuais, do ponto de vista mental, psicológico, espiritual, não apenas ‘no que eles fazem na cama’; b) a diferença central reside na androginia natural dos homossexuais, pela qual eles incorporam elementos masculinos e femininos; e c) para ajudar a promover sua aceitação, os homossexuais precisam explicar a contribuição dessa diferença para a sociedade”.¹⁰⁰

O filósofo Michel Foucault, outro teórico homossexual, escreve:

“A homossexualidade surgiu como uma das formas de sexualidade quando foi transposta da prática de sodomia para um tipo de androginia superior, um hermafroditismo da alma. O sodomita tinha sido uma aberração temporária; o homossexual é agora uma espécie”.¹⁰¹

No estudo *Androgyny: The Pagan Sexual Ideal* (Androginia: o ideal sexual pagão), o Prof. Peter Jones, do Seminário Teológico Westminster, em Escondido, Califórnia, vincula a androginia pagã ao movimento homossexual. Mostra que era muito comum em religiões pagãs da antiguidade e entre povos indígenas do Novo Mundo, África e Austrália a figura do sacerdote (feiticeiro/xamã) ser andrógina, um homem efeminado em trajes femininos. Essa obsessão com um ser andrógino dotado de poderes místicos especiais prosseguiu durante as eras cristã e moderna, como se vê nos alquimistas medievais, na teosofia de Madame Blavatsky¹⁰² e na magia sexual de Aleister Crowley.¹⁰³

O Prof. Jones cita autores homossexuais que discutem essa dimensão religiosa ou mística da homossexualidade. Por exemplo, Emily Culpepper, lésbica e professora adjunta de religião na Universidade Redlands, na Califórnia do Sul, alega que homossexuais e lésbicas são “xamãs para uma era futura”.¹⁰⁴ Outra lésbica, Virginia Mollenkott, declara: “Somos embaixadores de Deus”.¹⁰⁵ J. Michael Clark, professor homossexual na Universidade Emory, afirma: “Algo no nosso ser homossexual/lésbica, como um ponto de vista existencial abarcante, ... parece elevar nossas capacidades espirituais”.

O Prof. Jones comenta a respeito da profunda percepção espiritual do Prof. Clark sobre o andrógino:

“Clark se volta para o animismo do índio americano em busca de um modelo espiritual aceitável. ... Especificamente, para Clark, o *berdache* (xamã indígena americano andrógino, que nasceu homem mas optou, como adulto, por viver como

¹⁰⁰ - Paul Varnell, “Harry Hay: One Big Idea”, *Independent Gay Forum*, <http://www.indegayforum.org/authors/varnell/varnell100.html>

¹⁰¹ - Michel Foucault, *The History of Sexuality: Volume I and Introduction* (New York: Vintage, 1980), p. 43. *Hermafrodita* é uma planta ou animal que tem os órgãos reprodutores do macho e da fêmea.

¹⁰² - N.T.: - Helena Petrovna von Hahn Blavatsky (1831-1891). Teosofista mística russa cujas doutrinas eram ligadas ao budismo e ao lamaísmo. Fundou em 1875 a Sociedade Teosófica em Nova York e escreveu livros ocultistas, entre os quais *Ísis sem Véu* (1877) e *A Doutrina Secreta* (1888).

¹⁰³ - Peter Jones, “Androgyny: The Pagan Sexual Ideal”, *Journal of the Evangelical Theological Society*, setembro de 2000, pp. 453-454. Sobre Aleister Crowley, ver Cap. 3.

¹⁰⁴ - Emily Culpepper, “The Spiritual, Political Journey of a Feminist Freethinker”, in *After Patriarchy: Feminist Transformations of the World Religions* (Maryknoll, NY: Orbis, 1991), p. 164. Citado em Jones, op. cit., p. 456.

¹⁰⁵ - Virginia Mollenkott, *Sensuous Spirituality: Out From Fundamentalism* (New York: Crossroads, 1992), p. 166.

mulher), constitui um modelo espiritual homossexual desejável, pois realiza ‘a reunião das polaridades cósmica, sexual e moral’”.¹⁰⁶

Harry Hay sem dúvida encarou o *berdache* como mediador para reunir “as polaridades cósmica, sexual e moral”. De fato, era tão vívido o interesse de Hay pelos *berdaches* andróginos e pelo modo como eles poderiam contribuir para a ideologia homossexual, que se mudou para o Novo México a fim de pesquisar o passado deles.¹⁰⁷

Radical Faeries – Fadas Radicais: Rompendo com o Cristianismo

Em 1979, tendo se mudado para Hollywood, Hay fundou o *Radical Faeries – Fadas Radicais*¹⁰⁸, movimento que adotou a recente cosmovisão elaborada por ele, de uma sociedade baseada na “consciência homossexual sujeito-sujeito”.¹⁰⁹

Hay sonhava com uma nova sociedade baseada nessa suposta superioridade andrógina dos homossexuais.¹¹⁰ Esse sonho, além do mais, representa uma completa ruptura com o Cristianismo e com a ordem social baseada na Lei Natural. Em seu obituário de Harry Hay, Michael Bronski explica:

“O núcleo espiritual de *Radical Faeries* era o mesmo que Hay previa para sua Sociedade *Mattachine* original: a convicção de que *homens homossexuais eram espiritualmente diferentes das outras pessoas*. Eles estavam mais em contato com a natureza, o prazer corporal e a *verdadeira essência da natureza humana, que abarca masculino e feminino*. O radicalismo espiritual de Hay tinha suas raízes em grupos religiosos dissidentes da Inglaterra do século XVII, como os Diggers, Ranters, Quakers e Levellers, que procuravam remodelar o mundo de acordo com a sua visão igualitária, socialista, não-hierárquica e utópica. Ao contrário dos dissidentes que o antecederam, contudo, não era o milenarismo cristão que movia Hay, e sim a crença de que a sexualidade era sagrada”.¹¹¹

Rituais homossexuais neopagãos

A primeira reunião de *Radical Faeries* – descrita como uma conferência espiritual – foi realizada durante o fim-de-semana do Dia do Trabalho em 1979, em Benson, Arizona. O convite para a conferência “foi enviado como um ‘chamado’, no sentido Sufi”.¹¹² Mais

¹⁰⁶ - Jones, p. 464.

¹⁰⁷ - Cf. Timmons, *The Trouble with Harry Hay*, pp. 194-197, 200, 233, 235-236, 286; Harry Hay, “Radical Faerie Proposals to the ‘March on Washington’ Organizing Meeting”, Will Roscoe, ed., *Radically Gay: Gay Liberation in the Words of Its Founder* (Boston: Beacon Press, 1996), p. 272.

¹⁰⁸ - N.T.: *Faeries* são espécies de *duendes* ou *fadas* da mitologia céltica pagã. Na gíria norte-americana é sinônimo pejorativo de homossexual masculino.

¹⁰⁹ - Como mostramos a seguir neste mesmo capítulo, a “consciência sujeito-sujeito”, de Hay, é uma radical negação da filosofia aristotélica e das ordens social e moral cristãs. Hay encarava o mundo de hoje – os resquícios da Civilização Cristã – como tendo base “binária”, ou “sujeito-objeto”.

¹¹⁰ - Cf. “Excerpt from Harry Hay’s Keynote for the First Annual Celebrating Gay Spirit Visions Conference”, novembro de 1990, www.geocities.com/WestHollywood/Heights/5347/gsv.html.

¹¹¹ - Timmons, *The Trouble with Harry Hay*, p. 265.

¹¹² - RFD, Nº 22 (Winter Solstice, 1979), p. 59; citado em Margot Adler, *Drawing Down the Moon: Witches, Druids, Goddess-worshippers, and Other Pagans in America Today* (Boston: Beacon Press, 1986), p. 341.

de 200 homossexuais compareceram a essa experiência espiritual impregnada de matizes pagãos.¹¹³ “No primeiro círculo de *Radical Faerie* naquela tarde, emergiu um tema espontâneo de paganismo. Foram feitas invocações de espíritos, bênçãos, e cantos subiam e desciam”¹¹⁴.

Em um dos dias, cerca de quarenta homossexuais nus se envolveram num ritual de lama, que poderia intitular-se um anti-batismo: misturando água com terra, cobriram-se com a lama vermelha.¹¹⁵ Havia no ritual algo que evocava um passado primevo, tribal, de há muito sepultado pela civilização e, acima de tudo, pelo Cristianismo. Tendo moldado com lama um grande falo, coroaram com folhas de louro um homem¹¹⁶ coberto de lama “e o elevaram acima das próprias cabeças, e todos entoaram um mantra que ecoava para fora do círculo confuso e lamacento. Tinha-se a sensação de um êxtase e uma harmonia que parecia sem fim. Próximo do *ashram* [mosteiro hinduísta], enquanto uns jogavam água nos outros num *batismo prolongado e sensual*, muitos murmuraram: ‘raspemos estas horríveis peles verdes de rã’. Havia *um misterioso sentimento de poder no ritual da lama*. ... ‘Por que tinha tanta força aquele pequeno evento?’ Eu me lembro de ter olhado em torno e dito: ... ‘Estamos em outro mundo. Retrocedemos no tempo’”¹¹⁷.

Timmons descreve outro ritual dos *Radical Faeries*, nus, na mesma primeira assembléia:

“Uma procissão que se forma lentamente, num crescendo rumo a uma cacofonia. No mais intenso do bramido catártico e das batidas de tambor, alguns relataram que um touro negro passeava calmamente no meio do grupo, com a estrela da tarde sobre o lombo. Alguns o encararam como uma visita, uma visão saída diretamente de algum antigo baixo-relevo. Outros simplesmente duvidaram que um animal assim pudesse ter estado por ali. Tenha ou não o touro estado ali realmente, todos relataram ter sentido uma elevação transcendente, e como a culminância de uma extraordinária seqüência, pelo que muitos se sentiram fortemente excitados”¹¹⁸.

N.T.: Sufi: referente ao Sufismo, misticismo árabe-persa, de práticas ascéticas e tendências panteístas, que sustenta ser o espírito humano uma emanção do divino, no qual se esforça para reintegrar-se.

¹¹³ - Cf. Mark Thompson, “Remembering Harry”, *The Advocate*, 21 de junho de 2003, www.findarticles.com/cf_dls/m1589/2003_jan/21/96072134/print.jhtml.

¹¹⁴ - Timmons, *The Trouble with Harry Hay*, p. 265.

¹¹⁵ - Cf. *ibid.*

¹¹⁶ - A partir de relatos contemporâneos do evento, publicados na revista *RFD*, Margot Adler sugere que o homem que estava sendo “iniciado” não era um participante original da conferência, mas um espectador curioso: “Um espectador curioso, tomado pelo espírito da reunião, despiu-se e começou a descer a ribanceira. Imediatamente se teve uma sensação de iniciação. Eles o ergueram nos ombros – um corpo completamente branco no meio de pessoas enlameadas. Depositaram-no na lama e o cobriram. Ergueram-no de novo e começaram a cantar”. Adler, p. 342.

¹¹⁷ - Timmons, *The Trouble with Harry Hay*, p. 267.

¹¹⁸ - *Ibid.*, p. 268. Margot Adler também descreve esse “ritual amplo e estruturado – o *Great Faery Circle*. Começou com uma procissão de tochas”. Fornece outros detalhes, mas não se refere a nenhuma “visita”. Cf. Adler, pp. 342-343.

O homem procura o espiritual

Não obstante o esforço de ateus e agnósticos para negá-lo, a natureza humana almeja o seu fim verdadeiro, que é Deus. Somente o divino, o infinito e o eterno satisfazem plenamente a alma espiritual do homem.

Marshall Kirk e Hunter Madsen tiveram isso em mente no seu livro *After the Ball*. Tratando da Conferência Espiritual dos *Radical Faeries*, concluem que o que os homossexuais desejam, “sem sabê-lo, é um retorno a um senso do sagrado”.¹¹⁹ Obviamente, não se trata do sagrado que vem de Deus, e sim o falso sagrado do neopaganismo.

Criando um mundo homossexual neopagão

Escrevendo em julho de 1980, dez meses após a primeira assembléia de *Radical Faeries*, Harry Hay explica que se sentiu livre para inventar os novos rituais de transformação homossexual, pois os antigos foram todos perdidos durante os séculos de “opressão” judaico-cristã.

Os escritos de Hay fornecem uma janela para se ver a sociedade moldada pela sua visão do mundo. Ela não seria secular, mas religiosa; e, como todas as sociedades religiosas, teria seu sacerdote – um homossexual. Homossexuais seriam “médiuns”, os “*berdache/xamãs*”, embaixadores de Deus. Na terminologia cristã, eles seriam os “pontífices” (do latim, *pontifex* = o que serve como ponte).

Da mesma forma que a Cristandade influiu profundamente sobre cada aspecto da civilização no Ocidente cristão, na sociedade desejada por Hay *todos* os aspectos da vida, inclusive a linguagem e a cultura, seriam influenciados por uma consciência anárquica, neopagã e homossexual. De qualquer modo, o mundo desejado por Hay é diametralmente oposto à Cristandade.

Isso não pode se dar sem uma transformação radical da sociedade como a conhecemos hoje. Em outras palavras, para usar a expressão de Kirk e Madsen, a sociedade deve sofrer uma “conversão”.

Hay alega que a sua “consciência homossexual sujeito-sujeito” não é nova. Afirmo que ela foi conhecida pela seita islamita Sufi, e agora está sendo “novamente revelada”, depois de esquecida durante muito tempo. A cosmovisão de Hay não é nova, apenas uma manifestação nova do antigo gnosticismo pagão.¹²⁰

A gnose e o mito andrógino

Ao longo de milênios, a gnose ou gnosticismo foi a fonte do erotismo místico. Um mito ocultista gnóstico que aparece nas religiões antigas e atuais alega que no início da Criação havia um ser ao mesmo tempo feminino e masculino. As seitas gnósticas ocultas que tentaram subverter o judaísmo e o Cristianismo, por exemplo, falseavam o Gênesis — que diz “criou-os [Deus] homem e mulher” — afirmando que no início os seres humanos eram andróginos.¹²¹ Pretendem que uma catástrofe tenha provocado a separação dos sexos

¹¹⁹ - *After the Ball*, p. 294.

¹²⁰ - Cf. “*The Spiritual Roots of Homosexuality*”, www.spirit-alembric.com/ishvara.html.

¹²¹ - O Gênesis afirma que Deus criou o homem segundo Sua imagem e semelhança, e depois acrescenta que Ele criou os dois sexos, homem e mulher. Isto se torna claro no capítulo seguinte, que contém uma história mais explícita da criação do primeiro homem e narra a criação da primeira mulher (Gen. 2:7, 18-20).

em masculino e feminino, Adão e Eva.¹²² A mitologia gnóstica alega que a “redenção” do homem consiste em reunificar os dois sexos e restaurar o ser andrógino primevo.¹²³

Uma guerra religiosa disfarçada, mas real

O antagonismo entre o movimento homossexual e a Cristandade é muito mais profundo do que aparece nos argumentos psicológicos, científicos, sociais e políticos que freqüentemente se discutem. Harry Hay, o fundador do movimento, é claro ao afirmar que o antagonismo é de caráter religioso. Portanto, ficaria claro que a “revolução moral” do movimento é parte de um imenso esforço para suplantar a Cristandade com um misticismo gnóstico, neopagão, erótico.

Mais do que uma guerra cultural, tudo faz crer que os Estados Unidos estão mergulhados numa autêntica e mal disfarçada guerra religiosa.

¹²² - Harry Hay apresenta sua versão homossexual do Gênesis no seu ensaio de 1976, “Christianity’s First Closet Case: A Study in the Application of Gay Consciousness”. Cf. Roscoe, ed., *Radically Gay*, pp. 218-233.

¹²³ - Cf. Holly Boswell, *The Spirit of Transgender*, www.homestead.com/transpirits/files/SpiritOfTG.html; Moses Gaster, S.V. “Androgynos (Hermaphrodite)”, *Jewish Encyclopedia*; www.jewishencyclopedia.com.

QUADRO

VÍCIOS QUE SE TORNAM DEUSES

Quando o povo abandona a Revelação e a Lei Natural, sua sede do sagrado pára de procurar Deus e vai atrás de fantasias criadas pela sua própria imaginação descontrolada. Cria e adora seus deuses, comumente uma projeção mítica dos seus próprios hábitos. Atribuindo assim dimensão religiosa aos seus vícios, eles os “justificam”.

Os Padres da Igreja ensinam que o mundo pagão greco-romano transformou em deuses os seus próprios vícios. São Cipriano de Cartago, por exemplo, exclama:

“Aquele Júpiter deles [dos romanos pagãos] não é mais supremo em dominação do que no vício, inflamado de amor terreno em meio aos seus próprios trovões, ... irrompendo agora com a ajuda dos pássaros para violar a pureza dos meninos. E agora levante-se a questão: pode alguém que olhe com respeito essas coisas ser mentalmente são ou ter pudor? Os homens imitam os deuses que adoram, e para tais seres miseráveis os crimes desses deuses tornam-se a sua religião”.¹²⁴

De fato, os homens transformam em religião os próprios vícios; e doutrinas absurdas refletem-se em cultos absurdos. Na Grécia antiga, por exemplo, uma grande representação simbólica de um falo era carregada em andor na procissão para o culto de Dionísio, o deus do vinho e de uma religião orgiaca que celebrava o poder e a fertilidade da natureza. A Roma pagã tinha suas bacanais, orgias com bebedeira em culto a Baco. Os cultos de Afrodite na Grécia, e de Astarté (Ishtar) na Mesopotâmia, envolviam prostituição ritual. Sob influência canaanita, essa mesma prática abominável foi introduzida em Israel. Durante esses períodos de infidelidade do povo eleito, até no Templo de Jerusalém havia salas em que os hieródulos e hieródulas (prostitutos e prostitutas sagrados) praticavam os seus ritos.¹²⁵

¹²⁴ - *Cartas*, 1:8.

¹²⁵ - Cf. I Reis, 15:12; I Reis, 22:47; 2 Reis, 23:7.

QUADRO

UM NOVO MUNDO GNÓSTICO

O maior problema da ideologia homossexual é explicar a diferenciação fisiológica e biológica que todos percebem. Ativistas podem usar meios como a moda e o costume para empanar essa distinção. Podem até praticar cirurgias para adaptar o corpo e conferir-lhe características do outro sexo. Todas essas modificações de acidentes, no entanto, não alteram a natureza íntima de cada sexo: um homem continua homem e uma mulher continua mulher, apesar das mutilações ou acréscimos feitos em seus corpos.

Daí o movimento ter de dar uma explicação a respeito da natureza humana que transcenda os sexos, tornando irrelevante a diferenciação sexual. Isso representa o âmago da ideologia homossexual: o que é para eles a *realidade*?

De acordo com o senso comum e a filosofia tradicional, há uma clara diferença entre a pessoa que conhece (o sujeito) e as coisas externas conhecidas (o objeto). No universo existem seres intelectuais que podem conhecer as coisas; e existe uma multidão de seres individuais com naturezas fixas, capazes de serem conhecidos.

Realmente o universo consiste em inúmeros seres individuais que se agrupam em quatro categorias:

- 1 – O espírito perfeito, que é Deus;
- 2 – Puros espíritos, que são os anjos e demônios;
- 3 – Seres humanos, que são compostos – tanto espírito como matéria;
- 4 – Seres irracionais e coisas materiais, como animais, plantas e minerais.

O movimento homossexual só pode destruir a importância da diferenciação sexual entre homem e mulher por meio da destruição da diferenciação de todos os seres. Para fazê-lo, deve desprezar o mundo material como irreal ou, na melhor das hipóteses, como uma realidade transitória. O mundo material seria um tipo de excrescência artificialmente unida a um ser espiritual. Ora, isso é gnosticismo.

Na visão gnóstica do universo, toda diferenciação entre indivíduos – inclusive a diferenciação de sexos nos seres humanos – é totalmente sem importância. Conseqüentemente, os gnósticos consideram absurda, processo do conhecimento, a diferenciação tradicional entre o sujeito que conhece e o objeto que é conhecido. Não fazem distinção entre os dois, transformando todos os seres em um único ser coletivo, de caráter espiritual.

Parece portanto que, quando o movimento homossexual fala de androginia, refere-se mais a algo *espiritual* do que *físico*. Usa a androginia como metáfora para sugerir essa pseudo-realidade místico-gnóstica, que incorpora todos os seres em um único ser coletivo.

Para os gnósticos, pouco importa se uma relação sexual se dá entre pessoas do mesmo ou de diferente sexo. Mas, como acreditam que a matéria aprisiona o ser espiritual, são contra qualquer ato sexual que favoreça a procriação. Por isso, para os gnósticos, a única relação sexual boa seria a homossexual.

Apesar de um tanto filosóficas, estas considerações são necessárias para entender o alcance da transformação radical pleiteada por Harry Hay. Em seu ensaio de 1980, ele afirma:

“O mundo tradicional que herdamos [é um mundo] totalmente heterossexual, de orientação e domínio masculino, ... nossa história, nossa filosofia, nossa

psicologia, nossa cultura e a própria forma de comunicação baseia-se totalmente no conceito sujeito-objeto. ... Homens e mulheres são – sexualmente, emocionalmente e espiritualmente – objetos um do outro. ...

“Nós, homossexuais, devemos ser essencialmente alheios a tudo isso. Porque esses outros com quem ansiamos por unir-nos, por relacionar-nos, por entrar um no outro, para ser absorvido por ele, são outros como eu, são SUJEITOS ... como EU.

“Ainda não aprendemos como comunicar realidades sujeito-SUJEITO. Sujeito-SUJEITO é uma consciência multidimensional ou binária, linguagem à qual estamos confinados. ...

“Devemos reexaminar todo o sistema de pensamento até aqui desenvolvido, toda filosofia, ciência, religião, mitologia, sistema político, linguagem de base heterossexual masculina sujeito-OBJETO, despindo-as cada uma da sua base binária sujeito-OBJETO e reinserindo a relação sujeito-SUJEITO. Confrontado com o consenso de amor participado das relações sujeito-SUJEITO, todo autoritarismo deve evanescer. ...

“Os homossexuais devem começar a lançar fora a malcheirosa pele verde de sapo, da imitação heterossexual, e descobrir aquela outra fascinante, conscientemente homossexual, não-homem, que brilha por baixo daquela”.¹²⁶

¹²⁶ - Harry Hay, “Toward the New Frontiers of Fairy Vision ... Subject-SUBJECT Consciousness”, in Roscoe, Ed., *Radically Gay*, pp. 258-263. Destaques do original.

Parte II

Respondendo aos Argumentos do Movimento Homossexual

CAPÍTULO 9

O VERDADEIRO OBJETIVO DO ATO SEXUAL

A tal ponto se apagou a noção sobre o pecado em geral, e sobre o pecado contra a castidade em particular, que é adequado lembrar aqui os princípios da Lei Natural e do ensinamento católico sobre este assunto delicado.¹²⁷

O objetivo do ato sexual

Se as relações sexuais não produzissem prazer, a propagação da espécie humana estaria ameaçada, uma vez que depende delas. A razão torna claro, no entanto, que a finalidade desse ato não é o prazer, mas a perpetuação da humanidade. Transformar o prazer no motivo primário das relações sexuais consiste em substituir o fim principal do ato pelo seu corolário. Essa inversão contraria a própria finalidade do ato.

Gerar uma vida nova traz consigo a obrigação de educar uma criança e cuidar das suas necessidades materiais, mas mais especialmente da sua educação e formação do seu caráter. Não se trata de uma responsabilidade pequena, e ela requer sacrifício e dedicação.

Tendo em vista a natureza racional do homem, os vínculos entre os pais que geram uma nova vida e os filhos que são fruto da sua união não são efêmeros, como entre os animais. Entre os animais, tão logo a prole se desenvolveu completamente, as relações paterna e materna geralmente cessam, a ponto de pais e filhos não mais se reconhecerem.

Entre os seres humanos, ao contrário, continua a existir um vínculo permanente de afeto, responsabilidade e respeito entre os pais e seus filhos adultos. É um afeto que permanece durante toda a vida, e até mesmo depois. Nem a morte apaga dos corações as lembranças afetivas.

Tudo isso demonstra que as condições ideais para gerar e educar a prole se dão unicamente na união afetiva e permanente entre um homem e uma mulher que desejam ter filhos, educá-los carinhosamente e prover ajuda mútua ante as vicissitudes da vida. Daí se segue que é só no matrimônio monogâmico e indissolúvel que se encontram as condições para o ato sexual preencher inteiramente o nobre fim estabelecido pelo Criador.¹²⁸

¹²⁷ - O apanhado que se faz neste capítulo é baseado nos argumentos apresentados por São Tomás de Aquino na *Summa Theologica*, II-II, q. 153-154 e Suplemento qq. 41 e seq.; *Catechism of the Catholic Church*, n° 369-372, 1643-1651, 2360-2391.

¹²⁸ - As relações matrimoniais têm também o objetivo de aumentar o amor entre os esposos e mitigar a concupiscência. Devido à sua violência, o prazer carnal tende a dominar e subjugar a mente. Contudo, este efeito está normalmente ausente no matrimônio, como Santo Afonso de Ligório explica: “A fornicação é sempre má, mesmo quando, por vezes e *per accidens*, um fornicador possa educar bem seus filhos. O motivo é porque ... é contra a Lei Natural sujeitar a razão à carne, pelo próprio prazer, como acontece na fornicação. Mas no matrimônio, embora estando presente o mesmo prazer, Deus dispôs, pela sua especial Providência, que tal desordem não aconteça” (D. Neyraguet, *Compendio de la Teologia Moral de S. Afonso de Ligorio* - Madrid, Viuda de Palacios e Hijos Editores, 1852, p. 236).

É pecado contrariar a finalidade principal do ato sexual

Portanto, tudo o que se opõe ao fim primordial do ato sexual (a procriação e a educação da prole) é um mal.¹²⁹ Em termos religiosos, é um pecado.

Esse fim primordial pode ser frustrado de dois modos. Primeiramente, evitando artificialmente a concepção ou praticando atos sexuais estéreis por natureza, como a masturbação e o homossexualismo.¹³⁰ Em segundo lugar quando, embora respeitando a natureza fecunda do ato sexual, faltam às partes a preocupação e as condições para educar adequadamente a prole. Tais são os casos da fornicação, adultério, incesto, sedução e estupro.

Embora seja pecado mortal todo ato consumado de luxúria diretamente procurado, alguns têm maior gravidade que outros. O adultério é mais grave que a simples fornicação; o incesto é mais grave que o adultério; e os pecados contra a natureza são ainda mais graves. Estes últimos não são apenas opostos à finalidade do ato sexual, mas além disso são “contrários à ordem natural do ato venéreo como adequado à espécie humana”.¹³¹

A violência do desejo carnal é consequência do pecado original

Embora Nosso Senhor Jesus Cristo tenha redimido a humanidade pela efusão do seu preciosíssimo Sangue, e o batismo apague a mancha do pecado original nas nossas almas, as consequências desse pecado permanecem: a fraqueza da carne e a revolta das paixões desordenadas.

No estado de inocência, Adão e Eva exerciam total controle sobre as suas paixões: “O homem e a mulher estavam nus, e não se envergonhavam”.¹³²

Depois do pecado original, no entanto, “os seus olhos abriram-se; e vendo que estavam nus, tomaram folhas de figueira, ligaram-nas e fizeram cinturões para si”.¹³³

A desordem do pecado original é uma grande provação para o homem. Diz S. Paulo: “Mas eu vejo nos meus membros outra lei a lutar contra a lei da minha razão e me fazendo escravo da lei do pecado que se encontra nos meus membros”.¹³⁴ Mas com a graça de Deus essas más tendências podem ser superadas, como ele proclama: “Tudo posso naquele que me dá forças”.¹³⁵

Devido à fraqueza que o pecado original deixou no homem, os teólogos morais sempre recomendaram extremo cuidado para evitar ser dominado pelos desejos carnis. O Rei Davi é um excelente exemplo de como a vigilância é importante. Por falta de vigilância, deixou-se cativar pela beleza de Betsabé, acabou pecando com ela e ordenando a

¹²⁹ - De acordo com São Tomás, “um pecado, nos atos humanos, é aquilo que é contra a ordem da razão. E a ordem da razão consiste em ordenar tudo para o seu fim, de maneira adequada. ... E da mesma forma que o uso dos alimentos é ordenado à preservação da vida da pessoa, assim também o uso dos atos venéreos é dirigido para a preservação de toda a espécie humana” (*Summa Theologica*, II-II, q. 153, a. 2).

¹³⁰ - As relações conjugais nos casos de esterilidade natural, resultante de deficiências patológicas, tanto no marido como na mulher, são legítimas, porque nelas não se põe nenhum obstáculo para impedir que o natural curso do ato sexual chegue às suas consequências. Estas somente deixam de ocorrer devido a causas não intencionais e acidentais.

¹³¹ - São Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II-II, q. 154, a. 11.

¹³² - Gen. 2:25.

¹³³ - Gen. 3:7.

¹³⁴ - Rom. 7:23.

¹³⁵ - Phil. 4:13.

morte do marido, Urias. Nas palavras do Salvador: “Vigiai e orai para não cairdes em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca”.¹³⁶

A luxúria devasta a ordem individual e social

No plano individual, a luxúria destrói a paz mental, a nobreza da alma, o desejo do Céu, e provoca cegueira espiritual. Quanto mais alguém satisfaz a luxúria, mais veementemente ela arde, provocando nervosismo, excitação e impaciência, e com frequência conduz a outros pecados e até ao crime. Por isso, a luxúria é contada entre os sete vícios capitais. Ela alimenta o egoísmo, a negligência, a impulsividade e a instabilidade. Por meio da luxúria se contraem e se disseminam doenças extremamente dolorosas, algumas fatais, como AIDS ou sífilis.

Em relação à sociedade, a luxúria facilita a corrupção, fomenta a prostituição e a pornografia, torna instáveis as famílias, incentiva a contraceção e o aborto e prejudica a formação infantil.¹³⁷

A castidade liberta o homem

A virtude da castidade liberta o homem da tirania da concupiscência, tornando-o mais apto para atividades nobres e espirituais, fortalecendo sua vontade para as batalhas da vida. São Tomás afirma:

“Quando as potências inferiores são fortemente excitadas em relação aos seus fins, o resultado é que as potências superiores têm seus atos dificultados e os atos humanos tornam-se desordenados. O efeito do vício da luxúria é que os apetites inferiores, concupiscíveis, voltam-se com veemência para seu objeto, o prazer. Dessa forma, as potências superiores, inteligência e vontade, são gravemente desordenadas pela luxúria.”¹³⁸

¹³⁶ - Mc. 14:38. Em seu tratado de moral, referindo-se à impureza, Santo Afonso de Ligório diz que, por causa desse vício, “mais almas caem no Inferno, e não hesito em dizer que todos os réprobos são condenados devido a ele, ou pelo menos com ele” (Neyraguet, p. 230).

¹³⁷ - Cf. Pe. Cornelius Damen, C.S.S.R., s.v. “*Lust*”, in Cardeal Francesco Roberti e Mons. Pietro Palazzini, *Dictionary of Moral Theology* (Westminster, Md.: The Newman Press, 1962), p. 719.

¹³⁸ - São Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II-II, q. 153, a. 5.

QUADRO

NOSSO SENHOR ELEVOU O MATRIMÔNIO AO PLANO SOBRENATURAL

Ao tornar o matrimônio um sacramento, Nosso Senhor Jesus Cristo elevou-o ao plano sobrenatural. Concedeu graças especiais ao casamento, restaurando a sua dignidade original do Paraíso Terrestre, quando uniu Adão e Eva em santo matrimônio. O matrimônio cristão é também símbolo da união de Cristo com a Igreja, conforme ensina São Paulo:

“Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou a si mesmo por ela, a fim de a santificar, purificando-a com a água juntamente com a palavra, para apresentar a si próprio essa Igreja resplandecente de glória, sem mancha, nem ruga, nem coisa alguma semelhante, para que seja santa e irrepreensível. Desse modo devem também os maridos amar as mulheres, como ao seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo. Ninguém jamais odiou sua própria carne, antes, cada qual a nutre e dela toma cuidados, como Cristo faz também com a Igreja, pois nós somos membros do seu corpo. ‘Por isso, o homem deixará pai e mãe, unir-se-á à sua mulher e passarão os dois a formar uma só carne’. Grande mistério é este; mas digo-o referindo-me a Cristo e à Igreja. Resta, portanto, que ame também cada um de vós sua mulher como a si próprio; e que a mulher respeite o marido”.¹³⁹

¹³⁹ - Ef. 5:25-33.

QUADRO

O FIM PRIMÁRIO DO MATRIMÔNIO

O Prof. Mark S. Latkovic, do Seminário Sagrado Coração, em Detroit, escreve:

“Alega-se freqüentemente que o Concílio Vaticano II deslocou a procriação da sua posição tradicional de ‘fim primário’ do matrimônio em favor do amor conjugal, ou ao menos colocou-os em pé de igualdade, enfraquecendo conseqüentemente a importância da procriação”.¹⁴⁰

Ele discorda da opinião de que o Concílio Vaticano II tenha feito essa mudança. Argumenta que, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, o Concílio “ensinou que ambos – a ‘instituição do matrimônio’ e o ‘amor conjugal’ – existem para a procriação e a educação da prole (Cf. *Gaudium et Spes*, 48)”.¹⁴¹

O Pe. Carlos Miguel Buena, fundador e superior geral do Instituto do Verbo Encarnado, tem a mesma opinião. Afirma que o Concílio reiterou ensinamentos anteriores da Igreja:

“Alguns, embora não usem adequadamente essa terminologia precisa [de Pio XII, sobre os fins primário e secundário do matrimônio], consagrada pelo Magistério da Igreja, se querem permanecer dentro dos limites da doutrina católica, são obrigados a reconhecer a realidade que ela traduz, quer gostem dela ou não.

“Alguns procuram apoio no Concílio Vaticano II para falsificar ou alterar a subordinação essencial dos fins do matrimônio, colocando o amor antes da procriação, isto é, tornando secundário o que é primário, e vice-versa. ...

“Em apoio à sua doutrina, a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, do Concílio Vaticano II, em seu capítulo sobre a Dignidade do Matrimônio e da Família, cita nada menos de cinco vezes a encíclica *Casti Connubii*, de Pio XI, de 1930. Esta encíclica é o documento fundamental do matrimônio cristão. E numa nota ao parágrafo 48, falando sobre os ‘vários fins’ do matrimônio, a *Gaudium et Spes* cita Santo Agostinho, São Tomás de Aquino e a encíclica *Casti Connubii*, que explicitamente afirma a subordinação dos fins.

“Portanto, se o Concílio Vaticano II cita documentos anteriores do Magistério da Igreja, é por estar ao mesmo tempo confirmando a doutrina neles contida. Não poderia ser de outro modo, aliás, pois estaríamos presenciando completo absurdo e incoerência.

“Não obstante, em oposição a esse claro ensinamento do Magistério da Igreja, muitos prosseguem sustentando e ensinando a primazia do amor sobre a procriação”.¹⁴²

¹⁴⁰ - Mark S. Latkovic, *Vatican II on Love and Marriage*, www.aodonline.org/aodonline-sqlimages/SHM/Faculty/LatkovicMark/OpEds/LOVEANDM.pdf.

¹⁴¹ - Em apoio a esta posição, ele menciona o teólogo espanhol Pe. Ramon Garcia de Haro. Latkovic, loc. cit.

¹⁴² - Pe. Carlos Miguel Buena, *Los Fines del Matrimonio*, in Forum of Moral Theology, Institute of the Incarnate Word, www.iveargentina.org/Foro_SAlfonso/articulos_ajenos/fines_matrimonio.htm. Destaques do original.

Nesse estudo, o Pe. Buela lembra a doutrina tradicional da Igreja sobre os vários fins do matrimônio:

“Os fins essencial e complementar do matrimônio são a procriação e educação da prole e a manifestação de amor mútuo. O fato de que ambos são essenciais não significa que não haja *subordinação* entre eles, pois é impossível a *uma* coisa [matrimônio] ter *mais de um fim último*. O fim essencial primário é a procriação e educação da prole, e os fins essenciais secundários são ‘ajuda mútua, promover o amor recíproco e mitigar a concupiscência’. Pio XII ensina claramente que os fins secundários, ‘embora estabelecidos pela natureza, não estão no mesmo nível que o primário, que reina soberanamente; ao contrário, eles lhe são essencialmente subordinados’. ...

“Se o fim primário fosse o amor, e não a procriação e educação da prole, o matrimônio estaria privado da situação privilegiada que detém, de ser anterior e permanecer acima de todas as outras sociedades, inclusive o Estado, como é reconhecido pela própria Lei Natural.

“Se o fim primário fosse o amor, que diferença haveria entre ele e uma ‘sociedade de amigos’ ou associações filantrópicas?

“Se o fim primário fosse o amor, por que não desvencilhar-se de tarefa tão onerosa como é a educação da prole?”¹⁴³

O canonista Javier Hervada, da Universidade de Navarra, Espanha, também afirma que o Concílio manteve a doutrina tradicional sobre os fins do matrimônio. Cita a *Gaudium et Spes*: “O matrimônio e o amor conjugal são, pela sua natureza, ordenados para a procriação e educação da prole” (nº 50). E comenta em seguida:

“É evidente que o ato conjugal se ordena à procriação. Sua estrutura natural não é outra que a do ato de fecundação da mulher pelo varão, o qual põe em exercício o aparelho reprodutor dos cônjuges”.¹⁴⁴

¹⁴³ - Buela, loc. cit. Destaques do original.

¹⁴⁴ - Pe. Javier Hervada, *Los fines del Matrimonio*,

www.encuentra.com/includes/documento.php/IdDoc=2297&IdSec=411.

CAPÍTULO 10

IMPOSSIBILIDADE DE VERDADEIRO AMOR HOMOSSEXUAL

O “amor homossexual” é um dos mitos que os ativistas homossexuais usam para justificar sua ideologia e reivindicar seus direitos ao “casamento” homossexual.

A Profa. Chai Feldblum, defensora do “casamento” homossexual e dos direitos dos homossexuais, destacou a importância desse mito:

“A mudança real virá quando o público reconhecer o amor homossexual não somente como moralmente neutro, mas como moralmente bom, tanto quanto o amor heterossexual”.¹⁴⁵

Pode-se falar de “amor homossexual”? Seria ele uma variante legítima do amor verdadeiro? Para responder, devemos primeiro definir o que é o amor verdadeiro. São Tomás de Aquino fornece para isso critérios valiosos.¹⁴⁶

Uma atração agradável

O amor é uma atração para um bem, percebido em algo ou alguém com o qual sentimos conaturalidade e agrado. O amor tem sua raiz mais profunda na inclinação do homem para Deus, o Supremo Bem. Atraindo todas as criaturas a Si, Deus também as incita a desejar bens parciais à medida que participam do Bem infinito. Por isso São João ensina que “nós amamos, porque Deus nos amou primeiro”.¹⁴⁷

Os seres humanos podem sentir essa atração agradável em relação a pessoas, animais, coisas, lugares, sons, artes, atividades e outros objetos.

Em si mesmo, o amor é imaterial e reside acima de tudo na vontade. Ele repercute fisicamente nas emoções e sentimentos. O amor tem graus, e está sujeito a distorção devido aos efeitos do Pecado Original no homem.

Duas formas de amor: de desejo e de amizade

Há duas formas de amor. A primeira é uma forma inferior e menos perfeita, denominada *amor de desejo* (*amor concupiscentiæ*) ou *amor sensitivo*. Envolvendo predominantemente os sentidos, está especialmente orientado para objetos, coisas, lugares, animais, etc.

O segundo é uma forma superior e propriamente humana de amor, denominada *amor de amizade* (*amor amicitiae*) ou *amor volitivo*. Reside acima de tudo na vontade e resulta de uma afinidade entre seres humanos.¹⁴⁸ No seu estado mais elevado, esse *amor de amizade* exige que a pessoa saia de si mesma e ame o outro, não para gozo e interesse

¹⁴⁵ - Citado em Laura Secor, “*Rainbow warriors*”.

¹⁴⁶ - Cf. São Tomás de Aquino, In *Ethicorum*, lib. 8, lectio 12, n. 18-24; *Summa Theologica*, I, q. 20, aa. I,3; q. 60, aa. 1-5; I-II, q. 25, a. 2, q. 26, aa. 1,4, q. 27, aa. 1-3; *Summa Contra Gentiles*, I, C. 91.

¹⁴⁷ - I Jo 4:19.

¹⁴⁸ - Aqui estamos tratando somente do amor natural, não do amor sobrenatural, que é a caridade.

próprio, mas para o bem do outro: “pois um amigo é um outro eu mesmo”, e “quem ama, age em relação ao objeto do seu amor como se fosse ele mesmo ou parte dele mesmo”.¹⁴⁹

Contudo, os seres humanos não são puros espíritos, como os anjos, ou então como Deus, o Espírito Perfeito. O homem é composto de corpo e alma, matéria e espírito. Daí, por mais espiritual que seja o amor humano, ainda assim afeta a sensibilidade, como uma emoção ou sentimento.

Embora legítimo e importante, este componente sensível não pode ser a essência do amor. A emoção ou o sentimento não podem dominar a natureza propriamente espiritual do amor verdadeiro, que tende ao infinito.

Como explica São Tomás de Aquino, a prática da virtude da temperança mantém o equilíbrio entre o componente espiritual e o sensitivo. Ela orienta os sentimentos e controla ou aperfeiçoa a sensibilidade. A temperança confere ao homem equilíbrio, especialmente nas ações e sentimentos mais diretamente vinculados aos instintos de auto-preservação e procriação.¹⁵⁰

Distorções do amor de amizade

Sem o efeito moderador da temperança, a violência do desejo sensível pode tornar-se dominante numa relação de amizade. Esse domínio pode transformar o amor de amizade em amor de desejo. Do mesmo modo, o bem do outro pode ser substituído pelo interesse próprio, em que o objetivo principal se transforma em garantir vantagem própria.

Freqüentemente isso ocorre em casos românticos, e o relacionamento torna-se egoístico. Algumas vezes, ambas as partes compartilham esse egoísmo, que Mme. Staël corretamente denominava “egoísmo a dois”.

Pessoas que são objeto dessa paixão ou interesse egoístico não são amadas nem por si mesmas nem pelo que valem, e sim na medida em que satisfazem os interesses ou desejos do outro. Isso não é amor verdadeiro, tendo dele apenas a aparência ou características acidentais.¹⁵¹

A razão orienta o amor humano genuíno

Quanto mais um relacionamento é dominado por amor de desejo, e portanto pela sensibilidade, tanto mais longe está do amor propriamente humano. Como ensina São Tomás de Aquino, “nosso apetite sensitivo ultrapassa o dos outros animais devido a uma certa excelência, que consiste na sua natural aptidão para obedecer à razão”.¹⁵²

Amor conjugal, uma forma do amor de amizade

Devido à sua própria constituição anatômica, fisiológica e psicológica, os sexos se atraem mutuamente tanto espiritual quanto fisicamente. Isso dá origem a uma forma especial de amor de amizade, na qual se funda o matrimônio, chamada *amor conjugal*, com

¹⁴⁹ - São Tomás de Aquino, *In Ethicorum*, lib. 8, 1. 1 n. 6; *Summa Theologica*, I-II, q. 26, a. 2, ad. 2.

¹⁵⁰ - “O desejo denota um impulso do apetite para o objeto do prazer, e este impulso necessita de controle, que pertence à temperança” (*Summa Theologica*, II-II, q. 141, a. 3 ad 2).

¹⁵¹ - “A amizade baseada na utilidade ou prazer é amizade apenas acidentalmente. Obviamente, tais amizades se desfazem facilmente” (São Tomás de Aquino, *In Ethicorum*, lib. 8, 1. 3 n. 4).

¹⁵² - *Summa Theologica*, I-II, q. 74, a. 3 ad 1.

sua plenitude fecunda e abnegada que resulta na geração, proteção e educação da prole. Embora o amor conjugal satisfaça a natural propensão do instinto humano, não depende dele cegamente.

Como afirma São Tomás de Aquino, “pela sua racionalidade, o *amor conjugal* é próprio somente à criatura humana ... e ordenado não apenas para a procriação, mas também para a educação [da prole] e provisão do lar”.¹⁵³

Resumindo, o *amor conjugal* é um *amor de amizade* desinteressado e altruístico, embora útil e agradável:

“[O amor conjugal] é útil uma vez que preenche as necessidades da vida doméstica e confere prazer ao ato da procriação; e quando os esposos são virtuosos, a sua amizade transcende esses aspectos legítimos, e passa a existir por causa da virtude”.¹⁵⁴

Essa dimensão espiritual do amor conjugal, fundamentalmente altruísta, confere solidez ao casamento; quando ela não existe, decai ou murcha, os casamentos freqüentemente se desfazem.

A impossibilidade do amor homossexual

Portanto, o amor no seu sentido próprio é um sentimento benevolente e altruísta guiado pela razão e pela vontade. O “amor homossexual” é impossível porque procura transformar em amor conjugal o amor de amizade entre pessoas do mesmo sexo.¹⁵⁵ Como o amor conjugal exige complementaridade psicológica e física, ele só pode existir entre sexos opostos.

O “amor homossexual” é tão-só uma atração sentimental de natureza sexual ou uma dependência psicológica devida a uma falta de auto-controle emocional ou sentimental. É portanto um sentimentalismo neurótico.¹⁵⁶

¹⁵³ - S. Tomás de Aquino, *In Ethicorum*, lib. 8, 1. 12 n. 20-21.

¹⁵⁴ - S. Tomás de Aquino, *In Ethicorum*, lib. 8, 1. 12 n. 22.

¹⁵⁵ - Quando dizemos que os homossexuais não amam verdadeiramente, estamos nos referindo somente à paixão erótica homossexual, e não a outros tipos de amor, como o filial, o fraterno, etc., os quais não têm nada em comum com o desvio homossexual.

¹⁵⁶ - O psicólogo holandês Dr. Gerard J.M. van den Aardweg, especialista em homossexualidade, escreve: “O termo *neurótico* descreve bem tais relacionamentos. Sugere o egocentrismo do relacionamento; a *procura de atenção* ao invés de amor. ... O termo *neurótico*, em resumo, sugere todos os tipos de dramas e conflitos da infância, bem como o desinteresse básico no parceiro, não obstante as pouco convincentes pretensões de ‘amor’. Em nenhum aspecto o auto-engano homossexual se torna tão patente como em sua pretensão como amante. De fato, um parceiro homossexual só é importante para o outro na medida em que ele serve a seus desejos. Um amor verdadeiro e não-egoísta, por um parceiro desejado, de fato destruiria o ‘amor’ homossexual” (Gerard J.M. van den Aardweg, *The Battle for Normality* [San Francisco: Ignatius Press, 1997], pp. 62-63). A avaliação do Dr. Aardweg é confirmada pelo testemunho seguinte publicado no *The Gay Report*: “Meu conceito pessoal de estar amando é sentir desejo sexual. ... Parece que tão logo meu parceiro potencial está totalmente disponível para mim e existe segurança em nosso relacionamento, esse ‘sentimento’ vai embora, e eu não estou mais com aquele sentimento. O sentimento inicial é substituído por resignação, finalmente fastio, e em seguida aversão e separação. Dar ou receber amor são coisas muito alheias a mim para eu me engajar nelas” (Karla Jay e Allan Young, *The Gay Report* [Nova York: Summit Books, 1979], pp. 182-183).

Destruição da amizade e da vida social

Na realidade, o “amor homossexual” não é nem *amor conjugal* nem pode ficar no nível de *amor de amizade* sem conotações eróticas. Por isso a homossexualidade solapa a família e a vida social.

A família é o fundamento da sociedade, e o matrimônio a condição que dá origem à família. A homossexualidade enfraquece o matrimônio procurando usurpar seus direitos: relações conjugais só são possíveis entre homem e mulher.

Da mesma forma, a amizade é a argamassa da vida social e o fundamento da concórdia social. Sem amizade é impossível evitar a discórdia social, que abre as portas para o caos e a anarquia.¹⁵⁷ Como a homossexualidade está centrada na relação sexual, destrói por isso mesmo a possibilidade de amizade verdadeira entre pessoas do mesmo sexo, transformando amigos em objeto de desejo ou competidores no mercado das paixões.¹⁵⁸ Isso destrói a amizade, que torna a vida social sadia e amena.

Enfraquecendo toda a sociedade

Ao enfraquecer a família e a amizade na sociedade, a ofensiva homossexual destrói os fundamentos da sociedade e a conduz à desintegração e anarquia.

Esta realidade é ofuscada pelo uso que o movimento homossexual faz de palavras como “amor” e “tolerância”.

¹⁵⁷ - “A sociedade é sustentada pela amizade, ... portanto os legisladores devem fazer o máximo para preservar a amizade entre os cidadãos ... para evitar dissensões; pois a concórdia é similar à amizade” (São Tomás de Aquino, *In Ethicorum*, lib. 8, 1. I n. 5).

¹⁵⁸ - “[Homens homossexuais] encaram um ao outro como potenciais competidores e como meros objetos sexuais” (Kirk e Madsen, p. 323).

CAPÍTULO 11

RESPONDENDO AOS ARGUMENTOS CIENTÍFICOS DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL

No seu esforço para conferir à homossexualidade todas as aparências de normalidade, o movimento homossexual voltou-se para a ciência a fim de tentar provar três grandes premissas:

- 1 – Que a homossexualidade é genética ou inata;
- 2 – Que a homossexualidade é irreversível;
- 3 – Se animais o praticam, então a homossexualidade deve ser natural.

A mídia liberal estava ansiosa por antecipar o veredicto da comunidade científica, e difundiu a impressão de que a ciência aprova a homossexualidade. No entanto, isso não é verdade.

“Eu nasci assim!”

O argumento de que os homossexuais “nasceram assim”, ou que “isso está nos genes”, levou a uma procura de um “gene homossexual”. Três pesquisas foram de modo geral mal interpretadas, para sustentar aquela conclusão: as do Dr. Simon LeVay; dos Drs. J. Michael Bailey e Richard C. Pillard; e do Dr. Dean Hamer.¹⁵⁹

A Associação Médica Católica assim resume os resultados dessas pesquisas no estudo *Homosexuality and Hope* (Homossexualidade e Esperança):

“Alguns pesquisadores procuraram encontrar uma causa biológica para a atração homossexual. A mídia promoveu a idéia de que um ‘gene homossexual’ já havia sido descoberto, ... mas, apesar de várias tentativas, nenhum dos mais divulgados estudos ... pôde ser cientificamente repetido. Alguns autores reviram cuidadosamente esses estudos e concluíram que não só eles não comprovam uma base genética para a atração homossexual, como nem mesmo contêm essas alegações. ... Se a atração pelo mesmo sexo fosse determinada geneticamente, dever-se-ia esperar que gêmeos idênticos fossem também idênticos nas suas atrações sexuais. Há no entanto numerosos relatórios de gêmeos idênticos que não são idênticos nas suas atrações sexuais”.¹⁶⁰

O estudo do Dr. Simon LeVay

O estudo do cérebro, feito pelo Dr. LeVay, focalizou um grupo de células do hipotálamo, conhecido como INAH-3. Ele alegava ter encontrado “diferenças discretas mas significativas” entre as estruturas cerebrais dos homossexuais e as dos homens normais.

¹⁵⁹ - Simon LeVay, “A Difference in Hypothalamic Structure Between Heterosexual and Homosexual Men”, 253 *Science*, 1034 (1991); J. Michael Bailey e Richard C. Pillard, “A Genetic Study of Male Sexual Orientation”, 48 *Archives of General Psychiatry*, 1089 (1991); Dean H. Hamer et al., “A Linkage Between DNA Markers on the X Chromosome and Male Sexual Orientation”, in *The Science of Desire* (New York: Simon & Schuster, 1995), Appendix A.

¹⁶⁰ - *Homosexuality and Hope* (Catholic Medical Association, 2000) p. 2. Ver também Gerard J.M. van den Aardweg, p. 25.

Concluiu um resumo do estudo, afirmando: “Este achado ... sugere que a orientação sexual tem um substrato biológico”.¹⁶¹

Tanta especulação precipitada se seguiu à publicação desse estudo em *Science Magazine*, que o Dr. LeVay se sentiu compelido a esclarecer as coisas. Em 1993, ele escreveu:

“Para muitas pessoas, encontrar uma diferença na estrutura cerebral entre homossexuais e heterossexuais equivale a provar que os homossexuais ‘nascem assim’. Várias vezes fui apresentado como alguém que ‘provou que a homossexualidade é genética’, ou algo parecido. Eu não o fiz. Minhas observações foram realizadas somente em adultos que tinham tido atividade sexual por um período considerável. Não é possível, com base puramente nas minhas observações, dizer se as diferenças estruturais estavam presentes por ocasião do nascimento, influenciando depois as pessoas a se tornarem homossexuais ou heterossexuais, ou então se elas surgiram na vida adulta, talvez como resultado do comportamento sexual que tiveram”.¹⁶²

A insistência do Dr. LeVay em que se façam observações mais extensas é o cerne do problema. Falando sobre uma pesquisa feita por um professor de neurociência na Universidade da Califórnia em Berkeley, o Dr. A. Dean Byrd, explica:

“[O professor] Breedlove concluiu que o cérebro não é um órgão estático. Ele muda e se ajusta ao comportamento e, no caso deste estudo, especificamente ao comportamento sexual. Portanto, quando alguém se envolve num ato específico repetidamente, certos caminhos neurais no cérebro são fortificados. Como o cérebro é um órgão físico, quando esses caminhos neurais são fortificados, isso se reflete na química do cérebro. Alguém que jogue basquete com frequência terá um cérebro diferente de alguém que estuda a ciência dos foguetes. Da mesma forma, o comportamento de uma pessoa homossexual parece provocar como resultado uma estrutura cerebral diferente. Estudos como o do Dr. LeVay, ainda que fossem conclusivos, mostrariam apenas o que a ciência já sabe sobre o cérebro”.¹⁶³

O estudo de Bailey e Pillard

O estudo feito por Bailey e Pillard pôs a atenção em gêmeos. Como ressalta o estudo da Associação Médica Católica, se a homossexualidade fosse genética, os gêmeos idênticos, que compartilham o mesmo código genético, deveriam ter atitudes idênticas no que se refere à homossexualidade.

Contudo, os Drs. Bailey e Pillard não conseguiram estabelecer tal identidade. Seu estudo provou que, quando um gêmeo idêntico era homossexual, havia aproximadamente 50% de possibilidade de o outro também ser. No entanto, esses 50% de possibilidade parecem mais atribuíveis à influência do ambiente cultural bem como do outro gêmeo.

Como ressalta o Dr. Byrd:

¹⁶¹ - Simon LeVay, *The Sexual Brain* (Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1993), p. xii.

¹⁶² - *Ibid.*, p. 122.

¹⁶³ - Dr. A. Dean Byrd e Stony Olsen, “Homosexuality: Innate and Immutable?”, *Regent University Law Review*, vol. 14, pp. 516-517.

“O único ponto essencial que emerge da pesquisa de Bailey e Pillard prova que as influências ambientais representam um forte papel no desenvolvimento da homossexualidade”.¹⁶⁴

O estudo do Dr. Dean H. Hamer

Muitas pessoas acreditam erroneamente que o Dr. Dean H. Hamer descobriu o “gene homossexual”. A pesquisa que ele fez no DNA focalizou uma pequena extensão do cromossoma X na posição Xq28. Depois de analisar essa sequência de DNA em quarenta pares de irmãos homossexuais, concluiu que os mesmos marcadores genéticos existiam em 83% deles.

Suas descobertas foram mal interpretadas no sentido de que a homossexualidade é genética e hereditária. Contudo, o próprio Dr. Hamer afirma:

“A hereditariedade falhou em produzir aquilo que originalmente esperávamos encontrar: uma herança mendeliana simples. De fato, nunca encontramos uma única família em que a homossexualidade estivesse distribuída no padrão evidente que Mendel¹⁶⁵ observou nas suas ervilhas”.¹⁶⁶

O Dr. George Rice replicou a pesquisa do Dr. Hamer, porém com resultados diferentes. Isso levou-o a concluir: “Nossos dados não confirmam a presença de um gene de amplo efeito na posição Xq28 influenciando a orientação sexual”.¹⁶⁷

Neil Whitehead, Doutor em bioquímica, afirmou: “A homossexualidade não é congênita, não é geneticamente definida, não é imutável”.¹⁶⁸

“Eu não posso mudar!”

Nada é mais devastador para a agenda homossexual do que a afirmação de que a homossexualidade pode ser curada. De fato, se a homossexualidade é genética, dominante e irreversível, então ninguém é responsável por atos sexuais desviados, pois eles não podem ser evitados ou mudados, mesmo querendo.

No entanto, o fato incontestável é que, ao mudar um arraigado comportamento homossexual, a psicoterapia obteve êxito em diminuir – e em muitos casos eliminar – atrações homossexuais *indesejadas*. Isto fez os ativistas homossexuais retrair-se.¹⁶⁹

¹⁶⁴ - Ibid., p. 523.

¹⁶⁵ - **N.T.:** Gregor J. Mendel (1822-1884), monge austríaco que descobriu as leis da hereditariedade através de sucessivos cruzamentos com ervilhas, mantendo um registro exato das mutações e manutenção dos caracteres herdados nesses sucessivos cruzamentos. Posteriormente esses princípios foram experimentados e comprovados no campo da biologia, mostrando-se verdadeiros, tendo-se tornado a base da moderna genética.

¹⁶⁶ - Hamer e Copeland, p. 104.

¹⁶⁷ - George Rice, et al., “*Male Homosexuality: Absence of Linkage to Microsatellite Markers at Xq28*”. *Science*, vol. 284, p. 667.

¹⁶⁸ - Neil e Briar Whitehead, *My Genes Made Me Do It! A Scientific Look at Sexual Orientation* (Lafayette, La.: Huntington House Publishers, 1999), p. 9.

¹⁶⁹ - Testemunhos pessoais de ex-homossexuais podem ser encontrados em www.nrth.com/menus/interviews.html; e <http://couragerc.net/MemberTestimonies.html>. Como exemplos da animosidade dos pró-homossexuais à terapia que obtém bom resultado, ver Dr. Gregory Herek, www.psychology.ucdavis.edu/rainbow/html/facts_changing.html; DignityUSA, em www.dignityusa.org/news/981008exgay.html; GLAAD, www.glaad.org/media/archive_detail.php?id=133.

Por esse motivo, o movimento homossexual demonstra marcante aversão aos que sugerem que a homossexualidade pode ser revertida ou curada. Por exemplo, o Dr. C.C. Tripp afirmou em um debate público: “Não há um único exemplo registrado de mudança de orientação homossexual que tenha sido validado por árbitros imparciais ou por testes”.¹⁷⁰

Baseado em sua experiência profissional, o Dr. Lawrence Hatterer respondeu:

“Eu já ‘curei’ muitos homossexuais. ... Qualquer outro pesquisador pode examinar o meu trabalho, que está registrado em 10 anos de fitas gravadas. Muitos desses pacientes ‘curados’ (prefiro usar a palavra ‘mudados’) se casaram, tiveram filhos e vivem vidas felizes. Afirmar ‘uma vez homossexual, sempre homossexual’ é um mito destrutivo”.¹⁷¹

Diante da evidência, até mesmo o Dr. Robert L. Spitzer, que conduziu na Associação Psiquiátrica Americana a campanha para deixar de relacionar a homossexualidade como distúrbio psiquiátrico, mudou seu ponto de vista:

“Como a maioria dos psiquiatras, eu pensava que o comportamento homossexual podia ser evitado, mas que a orientação homossexual não podia ser mudada. Agora eu creio que isso é errado. Algumas pessoas podem mudar, e de fato mudam”.¹⁷²

Em um estudo de 200 homossexuais em 2001, o Dr. Spitzer concluiu que a religião era uma razão muito importante para muitos terem abandonado a homossexualidade.

“As duas razões mais comuns para procurar mudar eram que viver como homossexual ou lésbica já não era satisfatório (81%), e que o comportamento sexual não se coadunava com a religião do participante (79%)”.¹⁷³

Os significativos resultados positivos da terapia não podem simplesmente ser ignorados. A declaração *Homosexuality and Hope*, da Associação Médica Católica, observa:

“Alguns terapeutas escreveram extensamente sobre os resultados positivos da terapia para atração homossexual. ... Revisões de tratamentos efetuados para atração homossexual indesejada mostram que ela é tão eficaz como o tratamento para problemas psicológicos similares: cerca de 30% sentem-se livres de sintomas, e outros 30% obtêm melhoras.

“Relatos de terapeutas individuais foram igualmente positivos. ... Esta é apenas uma amostragem representativa dos terapeutas que relatam resultados favoráveis no tratamento de pessoas sujeitas a atração pelo mesmo sexo”.¹⁷⁴

Se na sociedade hedonista de hoje a terapia para atração homossexual indesejada registra taxa de 30% de êxito (e outros 30% parcialmente curados), quão maior êxito se

¹⁷⁰ - *Homosexuality and Hope*, p. 6.

¹⁷¹ - *Ibidem*.

¹⁷² - “Prominent Psychiatrist Announces New Study Results: ‘Some Gays Can Change’”.

www.narth.com/docs/spitzer2.html.

¹⁷³ - Warren Throckmorton, “Initial Empirical and Clinical Findings Concerning the Change Process of Ex-Gays”, *Professional Psychology: Research and Practice*, 2002, vol. 3, p. 246.

¹⁷⁴ - *Homosexuality and Hope*, p. 7.

poderia esperar numa cultura verdadeiramente católica, que proporciona todo um ambiente para a prática da virtude?

“Se animais o praticam, então deve ser natural”

Côncios da fraqueza científica das suas duas primeiras premissas, os ativistas homossexuais usam com frequência a terceira, baseada no comportamento animal. O raciocínio que conduz a essa terceira premissa científica poderia ser enunciado do seguinte modo:

“O comportamento homossexual é observável em animais. Os animais seguem os seus instintos, de acordo com a própria natureza. Portanto, a homossexualidade está de acordo com a natureza animal. Como o homem é também animal, então a homossexualidade deve também estar de acordo com a natureza humana”.

• O filicídio e o canibalismo são também parte da natureza humana?

Essa linha de raciocínio homossexual é insustentável. Os que a aplicam a atos que, entre os animais, parecem ser homossexuais, deveriam também aplicá-la a outras formas de comportamento animal, como a morte de filhotes pelos pais ou o canibalismo animal, aceitando, por conseguinte, que esses comportamentos estão também de acordo com a natureza animal.¹⁷⁵

Ora, assim como fazem com o argumento do “homossexualismo animal”, tais pessoas deveriam aplicar esse raciocínio ao homem, uma vez que ele também é animal. Isso os levaria à aceitação da absurda conclusão de que o filicídio e o canibalismo estão igualmente de acordo com a natureza humana.¹⁷⁶

• Não existe nos animais um “instinto homossexual”

Qualquer pessoa que se aplique à mais elementar observação dos animais é forçada a concluir que a “homossexualidade”, o filicídio e o canibalismo são exceções no comportamento normal dos animais. Conseqüentemente, não se pode falar deles como instintos da natureza animal. Essas formas observáveis e excepcionais do comportamento animal resultam de outros fatores que não os instintos animais.

¹⁷⁵ - Cf. Sarah Hartwell, “Cats that kill kittens”, www.messybeast.com/kill_htm. Ver também “Cannibalism in Animals”, www.hamshahri.org/musiems/daarabad/inwm/no.8/english/wnw/wnw01.html.

¹⁷⁶ - “É um erro freqüente as pessoas compararem os comportamentos humano e animal, como se ambos fossem homogêneos. Por exemplo, observam-se atos de indescritível ferocidade entre animais, como matar os filhotes, os indivíduos mais fracos e os parceiros após o acasalamento. Isso não significa que os homens deveriam ajustar suas vidas ao padrão seguido por seres irracionais, não dotados de consciência individual. As leis que regem o comportamento humano são de natureza diferente, e devem ser procuradas no lugar onde Deus as inscreveu, isto é, na natureza humana” (Bruto Maria Bruti, *Domande e risposte sul problema dell’omosessualità*, www.paginecattolice.it/domande_omosessualita.htm).

- Explicando o problema: estímulos que se chocam e instintos perturbados

Para se compreender a causa desses comportamentos aberrantes, a primeira observação a ser feita é a de que os instintos animais não são regulados pelo absoluto determinismo das leis físicas que governam o mundo mineral. Em vários graus, todos os seres vivos podem adaptar-se em algo às circunstâncias. Eles respondem a estímulos internos ou externos.

Em segundo lugar, o conhecimento animal é puramente sensorial, limitado aos sons, odores, tato, sabores e imagens. Portanto eles não têm a precisão e clareza do conhecimento intelectual humano. Daí não ser infrequente que os animais confundam uma sensação com outra ou um objeto com outro.

Os instintos orientam um animal em relação a um objetivo que seja de acordo com a sua natureza. No entanto, o ímpeto espontâneo do impulso instintivo pode sofrer modificações no seu decurso, pois outras imagens sensoriais, percepções ou lembranças podem intercorrer como novos estímulos que afetam o comportamento animal. Também o conflito de dois ou mais instintos pode por vezes modificar o impulso original.

No homem, quando duas reações instintivas se chocam, o intelecto determina a melhor posição a adotar, e a vontade então detém um instinto e estimula o outro.

Já com os animais, dada a ausência de inteligência e de vontade, quando dois impulsos instintivos se chocam, prevalece o que é mais favorecido pelas circunstâncias. Isto resulta em casos observáveis de “filicídio”, “canibalismo” e “homossexualidade”.

- O filicídio animal

Sarah Hartwell explica que gatos matam seus filhotes como resultado de receberem “sinais mistos” dos seus instintos:

“A maioria das gatas pode alternar entre a situação de “brincar” e a situação de “caçar”, para não ferir os filhotes. Nos gatos machos, entretanto, essa alternância entre as duas situações pode ser incompleta. Quando estão altamente excitados ao brincar com as crias, o instinto “caçar” pode ser despertado e eles podem matar os filhotes. Seu instinto caçador é tão forte e tão difícil de ser reprimido em presença da presa, que podem levá-los a mutilar e até mesmo devorar os filhotes. ...

*Compare-se o tamanho, o som e a atividade dos filhotes com o tamanho, som e atividade dos ratos. Ambos são pequenos, emitem sons agudos e se movem com movimentos rápidos e erráticos. Tudo isso desencadeia, no gato, o instinto da caça. No gato, o comportamento parental nem sempre pode superar o instinto da caça, e ele trata os filhotes exatamente do mesmo modo como trataria a pequena presa. Os seus instintos ficam confusos”.*¹⁷⁷

- Canibalismo animal

Com relação ao canibalismo animal, a revista *Iran Nature and Wild Life* comenta:

“Um canibal é um animal que se alimenta de outros da mesma espécie. ... Cerca de 140 espécies apresentam tendências canibais em várias condições. O canibalismo é mais comum em vertebrados e invertebrados inferiores,

¹⁷⁷ - Sarah Hartwell, “*Cats that kill kittens*”. Destaque nosso.

freqüentemente devido a que *o animal predatório confunde um de sua própria espécie com uma presa*. Mas isso ocorre também entre pássaros e mamíferos, especialmente quando o alimento é escasso”.¹⁷⁸

- Comportamento “homossexual” animal

Exatamente porque falta a razão aos animais, seus meios de expressar estados emocionais (medo, prazer, dor, desejo, etc.) são limitados. Faltam-lhes os variados recursos à disposição do homem, para adaptar seu modo de falar, fitar e gesticular como forma de exprimir sentimentos. Em consequência, os animais freqüentemente expressam seus estados afetivos de modo ambíguo. Eles “tomam emprestado”, por assim dizer, as manifestações do instinto de reprodução para exprimir os instintos de dominação, agressividade, medo, gregarismo, etc.

Um exemplo típico desse fenômeno pode ser visto em bonobos, mamíferos da família dos chimpanzés, os quais se envolvem em algo parecido com o comportamento homossexual. Essas atitudes sexuais são o modo de eles exprimirem dominação, medo, aceitação e outros estados afetivos. Frans B. M. de Waal, que passou centenas de horas observando e filmando bonobos, diz:

“Há duas razões para acreditar que a atividade sexual é a estratégia dos bonobos para *evitar conflito*. Primeiro, qualquer coisa que desperta o interesse de mais de um bonobo ao mesmo tempo tende a resultar em contato sexual. Se dois bonobos se aproximam de uma caixa de papelão jogada na sua jaula, eles montarão brevemente um sobre o outro, antes de brincar com a caixa. Tais situações levam a briga na maioria das outras espécies. Mas os bonobos são bastante tolerantes, talvez porque usam o sexo para distrair a atenção e para *dissipar a tensão*.”

“Em segundo lugar, *o ato sexual entre bonobos ocorre freqüentemente em contextos agressivos*, completamente independentes do alimento. Um macho ciumento pode afugentar outro de uma fêmea; depois os dois se reúnem e começam a esfregar-se os escrotos. Ou, depois que uma fêmea fere um filhote, a mãe deste pode dar um bote na agressora, ação que é imediatamente seguida de fricção genital entre ambas”.¹⁷⁹

Outra explicação para o aparente comportamento “homossexual” entre animais é a confusão em identificar corretamente o outro sexo. Quanto mais baixo se desce na escala animal, mais tênues se tornam as diferenças entre os sexos e mais difíceis de detectar, o que gera freqüente confusão.

De qualquer modo, permanece o fato de que, quaisquer que sejam as aparências que o comportamento animal possa assumir, tais aparências não provêm de um instinto “homossexual” que seja parte da natureza animal. Explica o Dr. Antonio Pardo, professor de Bioética na Universidade da Navarra, Espanha:

“Propriamente falando, a homossexualidade não existe entre os animais. ... Por razões de sobrevivência, o instinto reprodutivo entre os animais é sempre orientado para um indivíduo do sexo oposto. Portanto um animal nunca pode ser propriamente

¹⁷⁸ - “Cannibalism in Animals”. Destaque nosso.

¹⁷⁹ - Frans B. M. de Waal, “*Bonobo Sex and Society*”, *Scientific American*, março de 1995, pp. 82-88, www.songweaver.com/info/bonobos.html. Destaques nossos.

homossexual. No entanto, a interação com outros instintos (particularmente o de dominação) pode resultar em comportamento que parece ser homossexual. Tal comportamento não pode ser avaliado como homossexualidade animal. Significa apenas que o comportamento sexual animal abarca também outros aspectos além dos da reprodução.¹⁸⁰

¹⁸⁰ - Antonio Pardo, "Aspectos médicos de la homosexualidad", *Nuestro Tiempo*, julho/agosto 1995, pp. 82-89.

CAPÍTULO 12

REFUTANDO DOZE ARGUMENTOS USADOS PARA IMPELIR A AGENDA HOMOSSEXUAL

Além de apelar para a ciência, os ativistas homossexuais também impulsionam sua agenda com outros argumentos. Alguns derivam de interpretações liberais dos direitos humanos fundamentais ou constitucionais. Outros emanam de crenças filosóficas ou religiosas liberais.

Todos esses argumentos procuram justificar o “casamento” homossexual, seja sob este nome ou rotulando-o eufemisticamente de “uniões civis” ou “parcerias domésticas”. A aceitação de qualquer dessas argumentações redefinirá o conceito de casamento de modo totalmente alheio à sua natureza verdadeira. Ocorrendo isso, a lei perde o seu fundamento na ordem natural e na reta razão, e portanto sua legitimidade.¹⁸¹

Tais argumentos utilizados pelo movimento homossexual serão examinados aqui do ponto de vista da Lei Natural. Os argumentos de ativistas “católicos” homossexuais¹⁸² são examinados à luz da doutrina católica.

- “Somos iguais perante a lei, por isso vamos nos casar!”

É verdade que todos são iguais perante a lei. Essa igualdade, no entanto, é jurídica, não biológica. Ela não elimina, e de fato não pode eliminar, as diferenças anatômicas, fisiológicas e psicológicas entre os sexos. São essas mesmas diferenças que criam as condições para o casamento e constituem o seu fundamento natural.

Com relação ao casamento, a igualdade jurídica significa que todos aqueles que têm capacidade natural para casar-se têm o *direito* de fazê-lo. Essa igualdade jurídica não *cria* as condições requeridas pela natureza para o casamento. Ora, o ato conjugal está intrinsecamente relacionado ao casamento, e a natureza exige dois indivíduos de sexos opostos para praticá-lo.

Esta exigência natural está completamente ausente em duas pessoas do mesmo sexo que queiram casar-se, por isso o princípio de igualdade perante a lei não se aplica.

- “Podemos fazer o que quisermos, desde que não infrinjamos os direitos alheios”

Este conceito é falso. A liberdade humana garante ao homem a *possibilidade* de agir como deseje, mas não necessariamente o *direito* de fazê-lo. As ações humanas devem

¹⁸¹ - “Como diz Santo Agostinho (*De Lib. Arb. i,5*), ‘aquilo que não é justo, parece não ser de nenhum modo lei’: donde a força da lei depender da amplitude da sua justiça. Ora, nos negócios humanos, uma coisa se diz justa pelo fato de ser correta, de acordo com o critério da razão. Mas o primeiro critério da razão é a lei da natureza, como fica claro no que se afirma acima (Q. 91, Art. 2 ad 2). Conseqüentemente, toda lei humana só é verdadeira lei na medida em que deriva da lei natural. Mas se em algum ponto ela se desvia da lei natural, deixa de ser lei para tornar-se uma perversão dela” (São Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, II-I, q. 95, a. 2).

¹⁸² - Cf. Andrew Sullivan, “Gay Marriage”, www.slate.msn.com/id/3642/entry/23844, “Why ‘Civil Union’ Isn’t Marriage”, www.indegayforum.org/authors/sullivan/sullivan4.html, “Who Says the Church Can’t Change?”, *Time*, 17 de junho de 2002.

conformar-se à reta razão e à Lei Natural. “Não se pode conceber ou expressar nada mais insano do que a noção de que, por ser o homem livre por natureza, está dispensado da lei”¹⁸³.

- “Ato homossexuais consentidos entre adultos não prejudicam ninguém!”

O consentimento não legitima necessariamente um ato. A moralidade de um ato não depende somente da intenção e consentimento dos que o praticam, mas deve também conformar-se à lei moral. Portanto, o mútuo consentimento dos parceiros homossexuais nunca pode legitimar atos homossexuais, que são desvios antinaturais do ato sexual em relação ao seu objetivo verdadeiro e natural.¹⁸⁴ Além disso, de fato, os atos homossexuais consentidos são prejudiciais à sociedade. A disseminação da homossexualidade solapa a moralidade pública e a família. Ela prejudica o bem comum e a perpetuação da espécie humana.

- “O que fazemos privadamente no nosso lar não é da conta de ninguém!”

A privacidade do lar é inquestionavelmente sagrada, mas não absoluta. Da mesma forma, a inviolabilidade domiciliar. Ela não protege atos socialmente imorais e destrutivos, como a prostituição infantil, a poligamia, o incesto e quaisquer atos semelhantes.

Quando um ato mau é praticado em público, o escândalo decorrente aumenta a sua maldade intrínseca. No entanto, um ato mau não se torna bom por ser praticado em particular. Sua natureza má permanece inalterada.

Embora os pecados homossexuais sejam mais graves quando praticados em público, permanecem “intrinsecamente maus” se praticados em particular.¹⁸⁵

- “A moralidade não é assunto do governo!”

De acordo com a Lei Natural, o Estado tem o dever de sustentar a moralidade. O que não significa que o Estado deva impor a prática de todas as virtudes e coibir a prática de todos os vícios, conforme consta que os aiatolás atuais procuram fazer. Em vez disso, significa que, ao legislar sobre matérias morais, o governo deve decidir quando algo afeta diretamente o bem comum, e então legislar de modo a favorecer a virtude e coibir o vício.

Uma vez que a homossexualidade, o adultério, a prostituição e a pornografia corroem os fundamentos da família, que é a base da sociedade, o Estado tem o direito de usar o seu poder coercitivo para coibi-los, no interesse do bem comum.

¹⁸³ - Leão XIII, Encíclica *Libertas*, in Claudia Carlen, I.H.M., *The Papal Encyclicals 1878-1903* (New York: McGrath Publishing Co., 1981), n° 7, p. 171.

¹⁸⁴ - Ver Cap. 9.

¹⁸⁵ - “Se os atos são intrinsecamente maus, uma boa intenção ou circunstâncias particulares podem atenuar sua malícia, mas não suprimi-la. São atos *irremediavelmente* maus, que por si e em si mesmos não são ordenáveis a Deus e ao bem da pessoa (João Paulo II, Encíclica *Veritatis Splendor*, n° 81, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1993, p. 78.

- “O ‘casamento’ homossexual não representa ameaça ao casamento tradicional. Eles podem coexistir lado a lado!”

Conforme disse alguém, o vício pede apenas para sentar-se ao lado da virtude. Pois, uma vez isto aceito, vício e virtude se confundem, de modo que a virtude perde sua característica própria, que é a integridade. Ou a virtude está continuamente combatendo o vício, ou ela deixa de ser ela mesma. Ora, o “casamento” homossexual destrói a integridade do casamento verdadeiro ao transformá-lo em apenas uma *espécie* do gênero *casamento*, o qual abarcaria o casamento tradicional, as uniões homossexuais ou heterossexuais e quaisquer outras novas relações bizarras que possam surgir.¹⁸⁶ Contudo, esse novo gênero de “casamento” não é casamento.

O casamento é o vínculo permanente e sagrado que une um homem e uma mulher que desejam constituir família e enfrentar juntos os desafios da vida. O casamento exige dedicação desinteressada, devoção e sacrifício. O casamento e a família são instituições sagradas que favorecem o bem comum da sociedade.

A legalização do “casamento” homossexual e a sua colocação em pé de igualdade com o casamento tradicional subverte e destrói o último. Quando a autoridade pública e a sociedade em geral negam ao casamento verdadeiro sua contribuição exclusiva e insubstituível para o bem comum, e quando os indivíduos podem encontrar incentivos legais e recompensas mais facilmente em contrafações, o casamento verdadeiro está a caminho da extinção.

- “Hoje o ‘casamento’ homossexual é combatido como o era o casamento inter-racial cinquenta anos atrás!”

Esse argumento é falso. Antes de tudo, não se podem comparar duas realidades essencialmente diferentes. Um homem e uma mulher de raças diferentes não são comparáveis a dois homens ou a duas mulheres.

Um homem e uma mulher que desejam casar-se podem ter características completamente diferentes: um pode ser preto e o outro branco; um rico e o outro pobre; um instruído e o outro não; um alto e o outro baixo; um pode ser famoso e o outro desconhecido. Nenhuma dessas diferenças constitui obstáculo intransponível para o casamento. Os dois são em qualquer hipótese homem e mulher, e com isso os requisitos essenciais da natureza para o casamento são respeitados.

Pelo contrário, dois indivíduos do mesmo sexo, embora sejam da mesma raça, tenham a mesma fortuna, estatura, erudição ou fama, nunca serão aptos a casar-se, devido a uma insuperável impossibilidade biológica.

Simplesmente não há analogia do casamento inter-racial entre um homem e uma mulher com o “casamento” entre dois indivíduos do mesmo sexo.

Em segundo lugar, caracteres raciais hereditários e imutáveis não podem ser comparados com um comportamento não-genético e mutável.

¹⁸⁶ - Em 19 de junho de 2003, a mídia de todo o mundo trombeteou o “casamento” entre uma indiana de 9 anos e um cachorro vadio. Ver “Girl weds dog to break ‘evil spell’”, www.lnews.bbc.co.uk/1/hi/world/south_asia/3004930.stm.

- “Você está afirmando que não temos direitos!”

Não é verdade que os homossexuais, enquanto pessoas, não tenham direitos. Todo homem tem os direitos decorrentes da sua natureza humana racional. Por exemplo, o direito à vida, ao trabalho, e o direito a constituir família (família verdadeira, não união homossexual).

Homossexuais, adúlteros ou pessoas que transgridem de outro modo a lei moral não perdem, por isso, seus direitos fundamentais como seres humanos. A homossexualidade e o adultério, entretanto, não são direitos humanos fundamentais. Não decorrem da natureza racional do homem.

Se dois adúlteros ou dois homossexuais põem em prática o seu direito de associação e montam um negócio juntos, são perfeitamente livres para fazê-lo. O objetivo da sua parceria no negócio é legítima, do ponto de vista comercial, e a lei garantirá o seu direito.

Mas eles não têm o direito, por exemplo, de constituir uma organização para promover a pornografia infantil ou a pedofilia. Como o objetivo desta associação é mau, ela é ilegítima e deve ser proibida de acordo com a Lei Natural. Nenhuma ação má, de si, pode gerar direitos, tendo em vista que “o bem comum é o fim e a regra do Estado”.¹⁸⁷

- “O ‘casamento’ homossexual é uma questão de direitos civis e nada tem a ver com moralidade!”

Isto equivale a afirmar que os direitos civis nada têm a ver com a moralidade, o que não é verdade. Muitos dissociam hoje em dia a expressão “direitos civis” da moralidade, mas o fato é que não pode haver “direitos civis” sem fundamento moral.

A moralidade é mais ampla do que a lei, e a circunscreve. A lei precisa ser justificada em termos de moralidade. Leis que não têm fundamento moral não têm sentido, pois as leis existem para a boa ordem da sociedade. No seu famoso tratado sobre a Lei Natural, o Pe. Tapparelli d’Azeglio afirma:

“A ordem moral é a base da sociedade, porque todo dever é fundamentado numa ordem moral que resulta da ordem natural. Ora, a ordem é a regra natural do intelecto. No intelecto, ordem é simplesmente a verdade, e na medida em que obriga a vontade, a ordem é um bem”.¹⁸⁸

- “A Igreja permite que pessoas estéreis se casem, portanto ela deveria ser coerente e permitir também o ‘casamento’ homossexual!”

Este argumento é frequentemente utilizado por ativistas homossexuais “católicos”. Entretanto, não há comparação possível entre a esterilidade natural de um casal e a esterilidade de uma união homossexual antinatural.

No primeiro caso, o ato conjugal praticado por marido e mulher tem a possibilidade de gerar uma nova vida. Pode não ocorrer a concepção devido a disfunção orgânica em

¹⁸⁷ - Pio XII, Alocução de 8 de janeiro de 1947, The Monks of Solesmes, eds., *La Paix Intérieure des Nations* (Paris: Desclée, 1952), p. 512.

¹⁸⁸ - Tapparelli d’Azeglio, *Essai Théorique de Droit Naturel* (Paris: Vve. H. Casterman, 1875), vol. I, p. 142.

qualquer dos esposos ou devido aos períodos naturalmente inférteis da mulher.¹⁸⁹ Essa falta de concepção surge de motivos acidentais ou circunstanciais.¹⁹⁰ Portanto, em casos de esterilidade acidental e indesejada nos esposos, nada se faz para frustrar a finalidade do ato sexual.

No ato homossexual, no entanto, a esterilidade não é acidental. Origina-se da própria fisiologia do ato, que é infértil por natureza. Um documento de 2003 do Vaticano afirma:

“[As uniões homossexuais] não se encontram em condição de garantir de modo adequado a procriação e a sobrevivência da espécie humana. A eventual utilização dos meios postos à sua disposição pelas recentes descobertas no campo da fecundação artificial, além de comportar graves faltas de respeito à dignidade humana, não alteraria minimamente essa sua inadequação”.¹⁹¹

- “A Igreja permite que um casal estéril se case para efeito de mútuo apoio, portanto dois homossexuais à procura de mútuo apoio devem também ser autorizados a casar-se!”

O apoio mútuo é um dos fins secundários do casamento, e um casamento é válido quando contraído em função de algum dos seus fins, desde que permaneça aberta a possibilidade de procriação.¹⁹² O Papa Pio XI ensina:

“Há, pois, tanto no próprio matrimônio como no uso do direito matrimonial, fins secundários – por exemplo, o auxílio mútuo, o fomento do amor recíproco e a sedação da concupiscência –, que não estão proibidos aos esposos, desde que fique ressaltada a natureza intrínseca do ato, e portanto sua subordinação ao fim primário”.¹⁹³

Como um par homossexual é incapaz de praticar o ato sexual que garante o fim primário do matrimônio, a sua união não pode ser matrimonial. Assim, o apoio mútuo entre eles não pode ser de natureza conjugal, mas apenas o da amizade entre pessoas do mesmo sexo.

¹⁸⁹ - *Esterilidade* é distinta de *impotência*. Esterilidade é a condição temporária ou permanente em que um casal tem dificuldade em gerar a prole. Tal deficiência pode residir tanto no marido quanto na mulher, e em muitos casos pode ser curada. A esterilidade não anula o casamento. Cf. Dr. Carlo Rizzo, s.v., “*Sterility*”, in Roberti and Palazzini, pp. 1163-1165.

¹⁹⁰ - Evidentemente isso não inclui o uso de meios artificiais de controle da natalidade, em que se procura deliberadamente prevenir a concepção. Essa frustração artificial e deliberada da finalidade do ato conjugal é pecado.

¹⁹¹ - Congregação para a Doutrina da Fé, *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*, n° 7, doravante mencionado como *Considerações*. Este documento está disponível em

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20030731_homosexual-unions_po.html

¹⁹² - Cf. Pietro Palazzini, s.v., “*Marriage*”, in Roberti and Palazzini, p. 732.

¹⁹³ - Pio XI, Encíclica *Casti Connubii*, n° 319,

http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121930_casti-connubii_sp.html.

- “Proibir os homossexuais de se casarem é discriminação!”

Não se trata de discriminação:

“Não atribuir o estatuto social e jurídico de matrimônio a formas de vida que não são nem podem ser matrimoniais, não é contra a justiça; antes, é uma sua exigência”.¹⁹⁴

- “É injusto não permitir aos homossexuais casarem-se um com outro, forçando-os a praticar a castidade contra a vontade!”

Como São Paulo ensina, quem não é casto não entrará no Reino dos Céus.¹⁹⁵ Todos são obrigados a praticar a castidade de acordo com o seu estado de vida. Essa obrigação procede da ética natural e da moral revelada, e a Igreja não pode mudá-la. Os esposos devem viver castamente, na observância da fidelidade matrimonial, e os não-casados devem viver castamente, abstendo-se totalmente do ato sexual.

Se uma pessoa não tem as condições físicas, psicológicas ou outras para contrair matrimônio, deve praticar a perfeita castidade no celibato. Não somente há glória em escolher o celibato por amor ao Reino dos Céus, mas há também mérito em aceitar a castidade que as circunstâncias impõem, como meio de submeter-nos à santa vontade de Deus.

¹⁹⁴ - *Considerações*, n. 8.

¹⁹⁵ - Ef. 5:5; I Cor. 6:9-10; 15:50; Gal. 5:19-21; Col. 3:5-6.

CAPÍTULO 13

O MITO ROMÂNTICO E A TRÁGICA REALIDADE

O movimento homossexual difunde visão fascinante e romântica do seu modo de vida, fielmente repetido pela indústria do entretenimento e pela mídia liberal. Hollywood apresenta homossexuais e lésbicas como jovens, bem apessoados, saudáveis e com felicidade radiante. Da mesma forma, parcerias homossexuais são apresentadas como uniões românticas e bem sucedidas.

Essa imagem está em completo contraste com a trágica realidade.

O mito romântico...

A Irmã Joan Chittister, freira dissidente radical, que durante muito tempo participou de campanhas a favor da ordenação de mulheres para o sacerdócio, parece confirmar esse modelo difundido por Hollywood. Escrevendo no *National Catholic Reporter*, ela se torna poética quando faz o contraste de dois casais e seus filhos:

“Toda semana eu os vejo caminhar pela nave, com os pais ensinando todo o tempo: ‘Mantenha as mãos postas, assim. ... Estenda a sua mão aberta para o sacerdote’. As crianças têm 7 a 8 anos. O menino estica o pescoço para fora do colarinho engomado. A menina toca de leve o laço do cabelo, de modo gracioso, enquanto a saia leve de algodão faz o ruje-ruje próprio do caminhar. Todos recebem a comunhão aos domingos. Você pode ver o contentamento estampado nas faces das crianças quando retornam pela nave. Você pode ouvir as palavras de orgulho dos pais a seu respeito, durante a conversa no café após a missa.

“Os pais são profissionais liberais que não podem conceber, por isso adotaram duas crianças. Pretendiam adotar apenas o menino, mas quando viram a irmãzinha, não suportariam separar os dois. É uma alegria observá-los crescer. Poderiam ser apresentados como a ‘Família Católica do Ano’”.¹⁹⁶

Em contraste com esse par perfeito, ela apresenta outro. A mulher está no terceiro marido e tem três filhos. As crianças não têm nada: “Nem roupas, nem instrução, nem religião, nem amor”. A freira Chittister conclui: “Nenhuma das cenas é fictícia. Ambas envolvem pessoas reais em lugares reais. O segundo par é heterossexual; o primeiro é homossexual”.

Apesar de mencionar “pessoas reais” e “lugares reais”, a freira perde o contato com o mundo real ao contrastar esses pares e seus filhos. Eles não são nem válidos nem amostras típicas. Essa descrição idílica é muito comum entre os que acreditam em utopias revolucionárias e que observam o mundo pelo prisma da ideologia, nesse caso, a homossexual.

¹⁹⁶ - Joan Chittister, “Pondering Premises that Some Things Cause Confusion Among the Faithful”, *National Catholic Reporter*, 27 de agosto de 1999, www.natcath.org/NCR_Online/archives2/1999c/082799n.htm.

... e a trágica realidade

A verdade trágica é que essa imagem romântica do “amor” homossexual difere da realidade. Por trás do verniz superficial, o estilo de vida homossexual está repleto de violência, infidelidade e trauma.

Os fatos frios e duros provam que a sentimentalidade erótica (e neurótica) entre pessoas do mesmo sexo nada tem do amor conjugal que une um homem e uma mulher no matrimônio legítimo tradicional, contraído de acordo com o plano de Deus e a Lei Natural. Nenhuma cortina pode velar a realidade.

Desinteresse pela “monogamia”

Para fazer com que a homossexualidade seja aceita como normal, é preciso que ela seja apresentada o mais parecida possível com a heterossexualidade.

Por isso, o movimento homossexual cria o mito da “monogamia” homossexual,¹⁹⁷ em que duplas estáveis mantêm uma “fidelidade” matrimonial semelhante à do casamento verdadeiro.

No entanto, uma relação baseada em sentimentos e tendências desviadas não pode criar condições para a fidelidade própria do casamento monogâmico. Os poucos pares homossexuais que mantêm vínculos estáveis são exceções. Além disso, a estabilidade no mundo homossexual não significa fidelidade.

De fato, o mito da “monogamia” vai em sentido contrário ao da experiência homossexual. Em um estudo sobre jovens homossexuais holandeses, a Dra. Maria Xiridou, do Serviço de Saúde Municipal de Amsterdã, relatou que tais relações duram em média de 12 a 18 meses. Relatou também que cada homossexual tinha em média oito outros parceiros por ano além do “estável”.¹⁹⁸

O fato é que muitos homossexuais não apreciam a “monogamia”. Dr. Barry Adam, professor homossexual na Universidade Windsor, no Canadá, apresentou os resultados do seu estudo sobre setenta pares homossexuais, em conferência na Associação Sociológica Americana, em agosto de 2003: “Escassos 25% de [homossexuais] entrevistados afirmaram ser monógamos”, afirmou o Dr. Adam.

“Aqueles que eram monógamos eram mais jovens e em relações novas, mais curtas. ... Uma das razões pelas quais penso que homens mais jovens tendem a começar tendo a visão de monogamia, é que eles vêm de uma situação com *script* heterossexual na cabeça, e o aplicam às suas relações homossexuais. O que eles não vêem é que a comunidade homossexual tem sua própria norma e modos que parecem funcionar melhor [do que as normas heterossexuais]”.¹⁹⁹

¹⁹⁷ - Do ponto de vista etimológico (do grego *monogamos*, formado de *mono* [único, sozinho, isolado] + *gamos* [casamento]), a palavra monogamia só pode ser usada para o casamento verdadeiro. Por esse motivo, quando nos referimos à relação homossexual, usamos *aspas*.

¹⁹⁸ - Maria Xiridou, et. al., “The contribution of steady and casual partnerships to the incidence of HIV infection among homosexual men in Amsterdam”, *AIDS*, (2003) 17(7), p. 1031.

¹⁹⁹ - Ryan Lee, “Gay Couples Likely to Try Non-Monogamy”, *New York Blade*, www.nyblade.com/2003.08.22/news/national/nonmonog.cfm.

A ativista lésbica Brenda Schumacher afirma que “nem todas as lésbicas estão interessadas em monogamia nem monogamia em série”.²⁰⁰

O psicólogo Gerard van den Aardweg afirma: “A inquietação homossexual não pode ser apaziguada, e menos ainda pela existência de um único parceiro, porque essas pessoas são impelidas por um anseio insaciável em relação a uma fantasia *inatingível*”.²⁰¹

Fazendo o Marquês de Sade “parecer uma enfermeira da Cruz Vermelha”

Marshall Kirk e Hunter Madsen afirmam:

“Homossexuais masculinos tendem a trazer para os seus relacionamentos um grande número de conceitos errados, neuroses e expectativas não realistas, e sobrecarregam seus relacionamentos amorosos além do que eles conseguem suportar”.²⁰²

Nem poderia ser de outro modo num relacionamento baseado numa paixão da carne desordenada e antinatural, pois São Paulo ensina:

“Ora, as obras da carne são evidentes: imoralidade, impureza, licenciosidade, idolatria, feitiçaria, ódios, rivalidades, ciúme, acessos de fúria, orgias e outros do gênero”.²⁰³

Kirk e Madsen dão uma idéia de quão bem se aplicam ao mundo homossexual as palavras de São Paulo:

“O bar homossexual é a arena da competição sexual, e expõe tudo o que há de mais repugnante na natureza humana. Ali, despídos da aparência de cortesia e camaradagem, os homossexuais se revelam em toda a sua nudez como predadores sexuais determinados e egoístas, ... encenam atos de desprezo e crueldade que fariam o Marquês de Sade parecer uma enfermeira da Cruz Vermelha”.²⁰⁴

Um inferno de promiscuidade

A promiscuidade do estilo de vida homossexual beira o inimaginável. Estatísticas, memórias e biografias de homossexuais apontam sempre para a promiscuidade, com abissais conseqüências sociais e de saúde pública.²⁰⁵

²⁰⁰ - Rex ockner, “*Sex-Lib Activists Confront ‘Sex Panic’*”, *Pink Ink*, dezembro de 1997, vol. 1, n° 3, www.khsnet/pinkink/vol1-3/sexlib.htm.

²⁰¹ - Gerard van den Aardweg, p. 62. Destaque do original.

²⁰² - Kirk e Madsen, p. 320. Observações semelhantes têm sido feitas por especialistas. Cf. G. van den Aardweg, pp. 53-57, e Joseph Nicolosi, *Reparative Therapy of Male Homosexuality* (Northvale, NJ: Jason Aronson, Inc., 1997), pp. 109-123.

²⁰³ - Gal. 5:19-21.

²⁰⁴ - Kirk e Madsen, p. 313. O Marquês de Sade foi um ímpio libertino cujos escritos misturam aberrações sexuais com blasfêmias e sacrilégios. Sua prática de torturar prostitutas para seu próprio prazer sexual deu origem à palavra *sadismo*.

²⁰⁵ - Cf. Alan P. Bell e Martin S. Weinberg, *Homosexualities: A Study of Diversity Among Men and Women* (New York: Simon & Shuster, 1978); “Resurgent Bacterial Sexually Transmitted Disease Among Men Who Have Sex With Men – King County, Washington, 1997-1999”, *Morbidity and Mortality Weekly Report*, 10 de setembro de 1999, vol. 48, n° 35, pp. 773-777.

Os problemas começam com a falta de percepção. Os homossexuais simplesmente não vêem a promiscuidade como perigosa. Nas palavras do escritor homossexual Lars Eighner:

“Não vejo nada de errado na promiscuidade homossexual. Acho um dos aspectos mais positivos da vida homossexual o fato de que pessoas de condições muito diferentes possam atingir a intimidade rapidamente”.²⁰⁶

Thomas E. Schmidt, diretor do Instituto Westminster em Santa Barbara, observa:

“A promiscuidade entre homens homossexuais não é um simples estereótipo, nem é simplesmente a experiência da maioria – é virtualmente a *única* experiência”.²⁰⁷

Os cientistas sociais Robert T. Michael, John H. Gagnon, Edward O. Laumann e a jornalista científica Gina Kolata conduziram uma extensa pesquisa sobre o comportamento sexual americano e publicaram seu trabalho em 1994. Comentam sobre as investigações feitas pelos Centros para Controle e Prevenção de Doenças em 1982, quando a AIDS surgiu, e concluem:

“Homossexuais masculinos com AIDS, entrevistados no início da década de 1980, relataram que tinham uma média de 1.100 parceiros durante a vida, e muitos tiveram muito mais”.²⁰⁸

A epidemia de AIDS não interrompeu a promiscuidade homossexual. Em 15 de outubro de 2003, uma coalizão de indivíduos, líderes de comunidades e provedores de serviços, tratando dos problemas de saúde dos homossexuais e bissexuais masculinos em Seattle e King County (Estado de Washington), publicou *A Community Manifesto: A New Response to HIV and STDs* (“Um manifesto da comunidade: Nova resposta ao HIV e DSTs – doenças sexualmente transmissíveis”). O documento afirma:

“Diante do alarmante crescimento das infecções por HIV e Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST) entre homossexuais, bissexuais e outros homens que mantêm relações sexuais com homens, nós – a Força Tarefa de Prevenção ao MSM HIV/DST – lançamos este manifesto, apelando para a necessidade de urgentes normas e ações da comunidade. *Homossexuais, bissexuais e outros homens que têm relações sexuais com homens devem reagir contra comportamentos e atitudes responsáveis pelo aumento e difusão dessas doenças.* Hoje, um de cada sete homossexuais, bissexuais e outros homens que têm relações com homens estão infectados com HIV. Entre homossexuais masculinos em King County, os índices de sífilis são cem vezes maiores do que na população heterossexual em geral, e estima-se que são mil vezes maiores entre homens homossexuais com HIV positivo do que na população heterossexual em geral. Tais índices mostraram que nós

²⁰⁶ - Lars Eighner, “*Why I Write Gay Erotica*”, www.io.com/~eighner/works/essays/why_i_write_gay_erotica.html.

²⁰⁷ - Thomas E. Schmidt, *Straight & Narrow? Compassion & Clarity in the Homosexuality Debate* (Downers Grove, ill.: InterVarsity Press, 1995), p. 108.

²⁰⁸ - Robert T. Michael, et al., *Sex in America: Definitive Survey* (Boston: Little, Brown and Co., 1994), P. 209.

deixamos de aplicar a nós e aos nossos parceiros sexuais as medidas de proteção contra uma infecção desnecessária”.²⁰⁹

Altos índices de “violência doméstica”

O estilo de vida homossexual é também caracterizado por mais altos índices de violência doméstica, álcool, drogas e suicídio.

Talvez influenciado pela interpretação dada por Hollywood, a psicoterapeuta lésbica Kali Munro escreve:

“Quando ouvi falar pela primeira vez de violência no relacionamento lésbico, achei difícil de acreditar, pois não se coadunava com a minha imagem idealizada da comunidade lésbica”.²¹⁰

De fato, muitas relações homossexuais estão longe da tal “Família Católica do Ano”, da Irmã Chittister. Numerosos autores documentam a violência entre parceiros homossexuais e lésbicas.²¹¹ Um estudo publicado em dezembro de 2002 no *American Journal of Public Health* conclui:

“Índices de vítimas de espancamento entre os MSM (homens que têm relações sexuais com homens) urbanos são substancialmente maiores do que entre homens heterossexuais, e possivelmente entre mulheres heterossexuais. São necessários esforços de saúde pública orientados para a agressão do parceiro íntimo entre esses homens”.²¹²

Abuso maior de álcool e drogas

Índices maiores de abuso de álcool e drogas são também relatados. Dr. Thomas E. Schmidt fornece dados significativos:

“Um estudo realizado em Boston verificou que, para os anos 1985-1988, 80% de 481 homossexuais masculinos tinham usado maconha, ... 60% cocaína, 30% anfetaminas, e 20% LSD. Um estudo canadense de 1988-1989 revelou que 76,3% de 612 homossexuais masculinos consumiam álcool regularmente, 32,2% fumavam, e 45,6% consumiam pelo menos uma droga. Um estudo nacional de 1924 mulheres homossexuais, realizado em 1984, descobriu que 83% usavam álcool regularmente, 47% fumavam maconha e 30% fumavam cigarros regularmente.

“Sempre que esses estudos avaliam conexões, mostram uma correlação direta entre o número de parceiros, o uso de drogas e a probabilidade de sexo inseguro”.²¹³

²⁰⁹ - *A Community Manifesto: A New Response to HIV and STDs*, www.metrokc.gov/health/apu/taskforce/manifesto.htm. Destaque do original.

²¹⁰ - Kali Munro, “Talking About Lesbian Partner Abuse”, Siren, outubro/novembro de 1998, www.kalimunro.com/article_partnerabuse.html.

²¹¹ - Cf. www.lib.jjay.cuny.edu/research/DomesticViolence/v.html.

²¹² - Gregory L. Greenwood, et al., “Battering Victimization Among a Probability-Based Sample of Men Who Have Sex With Men”, in *American Journal of Public Health*, dezembro de 2002, vol. 92, nº 12, pp. 1964-1969.

²¹³ - Schmidt, p. 111.

Esse índice maior de abuso de álcool e drogas por homossexuais não diminuiu. Entre 15 de outubro de 2002 e 15 de janeiro de 2003, um total de 319 organizações e indivíduos preencheram o questionário do governo britânico a respeito do abuso de álcool.²¹⁴ Na sua resposta, como representante da organização *Lesbian Information Service*, de Lancashire, Jan Bridget apresentou um apanhado das pesquisas americanas sobre a matéria:

“As primeiras pesquisas nos Estados Unidos indicaram que o abuso de álcool e drogas era maior entre lésbicas e homossexuais do que entre a população heterossexual.

“Algumas das primeiras pesquisas foram contestadas por Paul, Stall & Bloomfield (1991), que na sua crítica citaram técnicas de amostragem oportunistas (isto é, de freqüentadores de bares, em que o abuso de álcool é mais provável). Dois estudos posteriores, de Bloomfield (1993) e McKiernan & Peterson (1993), ambos verificaram que o abuso de álcool por lésbicas nas áreas de Chicago e São Francisco não era maior que o das mulheres heterossexuais.

“Estudos mais recentes,²¹⁵ contudo, mostraram maiores índices de uso e abuso.

“Durante vários anos foram realizados amplos estudos entre estudantes secundários em várias regiões dos Estados Unidos (83.000 *Youth*, 2000). Tais estudos revelaram claramente um maior abuso, tanto de álcool como de drogas, entre os jovens homossexuais e lésbicas do que entre os jovens heterossexuais”.²¹⁶

AIDS e doenças sexualmente transmissíveis

A desenfreada promiscuidade homossexual é uma preocupação crescente entre a comunidade médica, que procura conter os números crescentes de pessoas infectadas com HIV/AIDS e outras doenças sexualmente transmitidas.

Em julho de 2002, a Associação Médica de Homossexuais e Lésbicas publicou um relato de notícias com assuntos de saúde de interesse especial para homossexuais, no qual observa:

“Doenças sexualmente transmitidas ocorrem em homossexuais masculinos ativos em índices altos. Isto inclui infecções por DST para as quais o tratamento efetivo está disponível (sífilis, gonorréia, clamídia, parasita pubiano e outras) e outras para as quais não se conhece a cura (HIV, vírus da hepatite A, B ou C, vírus do papiloma, etc.)”.²¹⁷

De acordo com os Centros para Controle e Prevenção de Doenças, o número total estimado de casos de adultos com AIDS nos Estados Unidos, em dezembro de 2002, era de 877.275. Desse total, faleceram 496.354 adultos, ou 57%. A distribuição desses 877.275

²¹⁴ - Prime Minister's Strategy Unit, “Responses to the Alcohol Misuse Consultation Paper”, www.number-10.gov.uk/output/Page4490.asp#L.

²¹⁵ - Jan Bridget cita os seguintes: Skinner and Otis (1996); Abbott (1998); Jaffe, Clance, Nichols e Emshoff (2000); Diamant, et al. (2000).

²¹⁶ Jan Bridget - Lesbian Information Services, “Alcohol/Drug Misuse,” www.number-10.gov.uk/su/alcohol/submissions/lesbian.pdf.

²¹⁷ - “Ten Things Gay Men Should Discuss with Their Health Care Providers”, www.glma.org/news/releases/n02071710gaythings.html.

casos por categorias de exposição à doença mostra que 420.790 casos, ou 48%, resultam de contato sexual de homem com homem. Outros 59.719 casos, ou 7%, resultam da combinação de contato sexual de homem com homem e uso de drogas injetáveis.²¹⁸ Considerando o fato de que homens homossexuais representam menos de 3% da população masculina, a desproporção é evidente.

Na publicação *A Glance at the HIV Epidemic*, o CDC afirma:

“Na classificação por risco, homens que têm relações sexuais com outros homens representam a maior proporção de novas infecções”.

O boletim estima também que 60% de todas as infecções novas por AIDS a cada ano resultam de relações homossexuais masculinas.²¹⁹

A preocupação da comunidade médica cresceu com a observação de julho de 2003 do CDC, de que o número de casos novos de AIDS por ano está em ascensão novamente nos Estados Unidos.²²⁰

Lidando com o suicídio

Depressões profundas, idéias suicidas e tentativas de suicídio são também mais frequentes entre homossexuais, especialmente quando jovens, do que na população em geral. Um após outro, surgem estudos com resultados uniformes. Em dezembro de 1999, o Instituto Nacional de Saúde Mental (NIMH) relatou:

“Com relação a tentativas de suicídios, vários estudos estaduais e nacionais relataram que estudantes secundários que informaram ser homossexuais ou bissexuais ativos mostraram índices mais altos de idéias suicidas e tentativas de suicídio no ano anterior, comparados aos de estudantes com experiências heterossexuais”.²²¹

No seu estudo de 750 homens entre 18 e 27 anos, realizado em 1997, Christopher Bagley e Pierre Tremblay relatam:

“Índices significativamente mais altos de idéias e ações suicidas anteriores foram relatadas por homens de orientação homossexual, totalizando 62,5% de tentativas de suicídios. Estes resultados, indicando que homens homossexuais e bissexuais estão 13,9 vezes mais em risco de tentativa séria de suicídio, são compatíveis com dados anteriores”.²²²

Brincando com fogo

Estes fatos provam que não tem propósito estabelecer uma analogia entre o casamento e as parecerias homossexuais. Os índices mais altos de violência, doença e

²¹⁸ - Cf. www.cdc.gov/hiv/stats.htm.

²¹⁹ - www.cdc.gov/nchstp/od/news/At-a-Glance.pdf.

²²⁰ - Cf. www.cdc.gov/hiv/stats/hasr1402/commentary.htm.

²²¹ - “Frequently Asked Questions about Suicide”, *National Institute of Mental Health*, www.nimh.nih.gov/research/suicidefaq.cfm.

²²² - Christopher Bagley e Pierre Tremblay, “Suicidal behaviors in homosexual and bisexual males”, *Crisis* (1997), vol. 1, pp. 24-34. A citação é do Resumo feito pelos autores, disponível em www.virtualcity.com/youthsuicide/gbsuicide1.htm.

suicídio são indicativos de um estilo de vida que coloca suas trágicas vítimas em alto risco. De fato, os que se metem nesse mundo altamente promíscuo e inquieto estão brincando com fogo.

CAPÍTULO 14

UM FALSO CONCEITO DE COMPAIXÃO

O movimento homossexual, em seu esforço para se tornar aceito, centra o debate em torno da “compaixão”. Deste modo, quem favorece a agenda homossexual demonstra compaixão, quem se opõe a ela é sem compaixão.

Sem dúvida, a compaixão está entre os mais belos e enobrecedores sentimentos. Revela abnegação, desinteresse e amor ao próximo. Etimologicamente, compaixão significa *sofrer junto*.²²³ Daí ser a compaixão uma profunda consciência do sofrimento alheio, associada ao desejo de aliviá-lo.

Psicologicamente, a compaixão se origina do fato de que todos os homens compartilham a mesma natureza humana, como bem o disse o escritor latino Terêncio: “Sou homem, e nada do que se refere ao homem me é indiferente”.²²⁴

Manipulando um sentimento nobre

Como tudo na terra, entretanto, esse nobre sentimento pode ser deformado e mal utilizado. O movimento homossexual fez exatamente isso, seqüestrando essa palavra e utilizando-a como rótulo emocional.

Exemplo típico é uma afirmação do *Rainbow Sash Movement USA* (organização nacional de homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais “católicos”), atacando o documento *Considerações Sobre os Projetos de Reconhecimento Legal das Uniões Entre Pessoas Homossexuais*, promulgado pela Congregação para a Doutrina da Fé em 31 de julho de 2003. Depois de repreender o Vaticano pela sua “histeria”, conclui:

“Além disso, o Vaticano parece determinado a acabar do lado errado da compaixão, no assunto das relações homossexuais. A linguagem feia e os danosos pejorativos que usa sobre casamentos homossexuais, tais como ‘comportamento transviado’, uniões ‘gravemente imorais’ e ‘legalização do mal’ parecem mostrar que o Papado perdeu sua bússola moral”.²²⁵

Num comentário sobre as mesmas *Considerações*, Tom Fox, do *National Catholic Reporter*, escreve:

“Mão exerceriam os prelados romanos maior influência se, ao invés de cólera, condenação e exigências absolutas, tratassem do tema num espírito de compaixão?”²²⁶

Falta de compaixão foi também o principal argumento de Charles Cox, então diretor executivo de *Dignity USA*, comentando sobre a condenação do Vaticano, em 1999, da

²²³ - Do latim *compassio*, simpatia, derivado de *compassus*, particípio passado de *compati*, sentir piedade: *com*, junto de + *pati*, sofrer.

²²⁴ - Publius Terentius, Terêncio, *O atormentador de si mesmo*, ato I: *Homo sum: humani nil a me alienum puto*.

²²⁵ - “National Gay Catholic Organization Responds to the Vatican’s Smoke and Mirrors Document”, *Rainbow Sash Movement USA*, 2 de agosto de 2003, www.biz.yahoo.com/prnews/030802/nysa010.html.

²²⁶ - Tom Fox, “Gays Get Hit Twice”, *National Catholic Reporter*, 7 de agosto de 2003.

posição ultra-avançada e heterodoxa do Pe. Robert Nugent e da Irmã Jeannine Gramick para com homossexuais e lésbicas:

“Isto vai certamente gerar muita pressão sobre os ministérios diocesanos para se conformarem absolutamente ao ensinamento da Igreja, sem espaço para compaixão ou compreensão em relação a lésbicas e homossexuais”.²²⁷

A compaixão seria não-julgadora

Tais afirmações refletem uma falsa compreensão do que é compaixão. No cerne desse falso conceito está a idéia errônea de que a compaixão é baseada somente na emoção. Qualquer envolvimento da razão, especialmente o julgamento moral, supostamente destruiria a compaixão.

Nessa perspectiva errada, a compaixão para com o próximo põe a atenção exclusivamente em eliminar as necessidades ou aliviar o sofrimento. Se esse sofrimento é provocado por comportamento pecaminoso, como no caso da homossexualidade, então a compaixão consistiria em mostrar aceitação desse comportamento pecaminoso e não em rejeitá-lo, numa forma “inclusiva”, “abarcante” e “não-julgadora”.

O Pastor protestante unitário Tom Goldsmith fornece uma explicação dessa compaixão “não-julgadora”. Seu primeiro exemplo é do falecido Cardeal O’Connor, que foi o primeiro a abrir os hospitais católicos para vítimas da AIDS. No entanto, diz o Pastor, a compaixão do Cardeal era diminuída pelo fato de “ele ainda acreditar ser certo que Deus condena os homossexuais”. Neste caso, Goldsmith observa, “o julgar permanece como uma última barreira à empatia e genuína (divina?) compreensão entre as pessoas”. Seu segundo exemplo apresenta “uma poderosa demonstração na arte da compaixão sem julgamento”: um estudante secundário de Massachusetts que, com a ajuda do conselheiro da *Gay-Straight Alliance* na escola, conduziu com êxito uma campanha promovendo a aceitação de um colega homossexual no time de futebol. Goldsmith conclui: “Talvez a compaixão signifique realmente isso: caminhar pelo mundo real com os olhos abertos e possuir um coração livre de quaisquer julgamentos”.²²⁸

A compaixão deve ser guiada pela razão, não pelo sentimento

Essa compaixão sem julgamento é ao mesmo tempo falsa e absurda, pois constitui uma subversão da verdadeira compaixão.

São Tomás de Aquino ensina que o sentimento de compaixão só se torna virtude quando guiado pela razão, pois “é essencial à virtude humana que os movimentos da alma sejam controlados pela razão”.²²⁹ Sem esse controle, a compaixão é apenas uma paixão. Como todas as paixões, a compaixão neste caso é uma inclinação poderosa mas irracional, e portanto potencialmente perigosa, pois pode favorecer não apenas o bem, mas também o mal.²³⁰ É normal sentir pena de alguém que sofre. No entanto, agir sem análise prudente pode levar a um mal não intencional.

²²⁷ - Teresa Malcolm, “*Pair Dealt a Lifetime Ban on Ministry to Homosexuals*”, *National Catholic Reporter*, 30 de julho de 1999.

²²⁸ - Tom Goldsmith, “*Reverently Yours*”, *The Torch*, 11 de maio de 2000, www.slccu.org/torch/1999-00/05-11-00.pdf.

²²⁹ - *Summa Theologica*, II-II, q. 30, c. 3.

²³⁰ - *Ibid.*, II-II, q. 30, a. 1, ad 3.

Considerem-se dois exemplos. Primeiro, o de um homem que compra bebidas alcoólicas para seu amigo alcoólatra, porque não quer vê-lo sofrer pela falta de álcool. Segundo, o de um pai que fornece dinheiro ao filho viciado no jogo, pois se aflige ante o pensamento de que o filho sofre por não poder jogar. A ação de ambos não demonstra amor verdadeiro pelo amigo nem pelo filho. Ao invés de ajudar o amigo a evitar as bebidas ou de ajudar o filho a libertar-se do jogo, ambos incentivam o vício com o que fazem.

Cooperar com o vício não é compaixão

Embora se deva fazer todo o possível para ajudar aqueles que estão no pecado, isso não significa que se deva ajudá-los a pecar ou a permanecer no vício. Dada a fragilidade do homem, um pecador merece piedade e compaixão. No entanto, o vício e o pecado devem ser excluídos dessa compaixão, pois o pecado nunca pode ser objeto de verdadeira compaixão.²³¹

Quando uma piedade mal orientada conduz a fornecer ao pecador os meios para ele permanecer apegado ao seu vício, tal assistência, seja ela material ou moral, de fato ajuda a manter o pecador prisioneiro do mal, pois favorece o vício, não a pessoa. A despeito das boas intenções, a ação é de fato má.

A verdadeira compaixão é aquela que conduz um pecador a distanciar-se do vício e a voltar à virtude. São Tomás de Aquino explica:

“Amamos o pecador por causa da caridade, não para desejar o que ele deseja ou para nos alegrarmos com o que lhe dá alegria, mas para fazê-lo querer o que nós queremos e alegrar-se com o que nos alegra. Pois está escrito: ‘Voltar-se-ão eles para Vós, e não Vós para eles’ (Jer 15:19)”²³².

O exemplo divino é o do Bom Pastor que vai atrás da ovelha desgarrada para trazê-la de volta ao rebanho. Outro exemplo comovedor é o de Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho. Ela nunca compactuou com o estilo de vida impuro e as crenças heréticas do filho, mas também nunca cessou de rezar e trabalhar para a sua conversão. As lágrimas da mãe acabaram por convertê-lo, e ele se tornou um dos maiores luminares católicos de todos os tempos.

A verdadeira compaixão deriva da caridade

A verdadeira compaixão é um efeito da caridade.²³³ No entanto, o objeto dessa virtude é Deus, cujo amor se estende às criaturas.²³⁴ Daí a virtude da compaixão procurar levar Deus àquele que sofre e fazê-lo participar do amor infinito de Deus.

Santo Agostinho o exprime de modo elegante:

“Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. Ora, ama-se a si mesmo adequadamente quando se ama a Deus mais do que a si mesmo. O que se tem como objetivo para si, deve-se ter como objetivo para o próximo, ou seja, que ele possa amar a Deus com amor perfeito”.²³⁵

²³¹ - Ibid., II-II, q. 30, a. 1, ad 1.

²³² - Ibid. II-II, q. 25, a. 6, ad 4.

²³³ - Ibid. II-II, q. 30, a. 3, ad 3.

²³⁴ - Ibid. II-II, q. 25, a. 3.

²³⁵ - Sto. Agostinho, *Of the Morals of the Catholic Church*, n° 49, www.newadvent.org/fathers/1401.htm

Portanto, ao ter compaixão pelos sofrimentos do próximo, o amor ao próximo deve exercer-se sempre por amor a Deus.

Denunciar a manipulação da compaixão

Falar de compaixão “que não julga” é uma contradição nos termos, pois nega o papel fundamental da razão e da moralidade. É apenas mais um artifício usado pelo movimento homossexual, nessa guerra cultural em que as palavras e conceitos se transformam em armas.

Do ponto de vista católico e à luz da razão, a compaixão só é verdadeira quando tem por objetivo o bem real do próximo. Esse bem consiste, acima de tudo, na sua salvação eterna, mas inclui também aliviar os seus sofrimentos temporais. Ajudá-lo a permanecer no vício e no pecado, por um sentimento mal orientado de piedade por seus sofrimentos temporais, é ignorar o seu bem espiritual e a sua salvação. Não pode haver crueldade maior.

CAPÍTULO 15

REFUTANDO O REVISIONISMO BÍBLICO: SODOMA FOI CASTIGADA PELA HOMOSSEXUALIDADE

Entre as táticas delineadas em *After the Ball*, Marshall Kirk e Hunter Madsen incluem turvar as águas da religião. Sugerem combater os ensinamentos tradicionais em matéria moral, em relação à homossexualidade, com outros de teor liberal, de modo a romper a unidade da oposição religiosa a esse vício.

Um grande problema que encontram é que o ensinamento bíblico contra a homossexualidade é muito claro e categórico. O único meio de contornar esse obstáculo é encontrar teólogos e escritores influenciados pela ideologia homossexual que forneçam interpretações capazes de turvar as águas cristalinas da Fé.

Sodoma foi punida por falta de hospitalidade?

Sempre se teve como certo que Sodoma e Gomorra foram punidas com fogo do céu por causa do pecado de homossexualidade.

Mais recentemente, no entanto, certos comentadores católicos e protestantes começaram a atenuar essa verdade, quando não a negá-la. Tais comentadores mudam a causa do castigo da sodomia para outros pecados que, segundo a Bíblia, os habitantes daquelas cidades também cometiam: estupro, violência, falta de compaixão, injustiça, idolatria e falta de hospitalidade. Desse modo, eles diminuem ou negam a gravidade especial do vício antinatural, um dos “pecados que clamam aos céus por vingança”.²³⁶

• Novo Dicionário de Teologia

Um exemplo desse novo enfoque é o verbete “Homossexualidade” no *The New Dictionary of Theology*, publicado em 1987:

“A atividade homossexual encontrada ou mencionada no Antigo e Novo Testamentos é condenada. A escola bíblica moderna, no entanto, sugere que a condenação no Antigo Testamento é frequentemente dirigida contra os atos homossexuais por pessoas heterossexuais, especialmente quando a situação sugere estupro (Gen 19, Sodoma e Gomorra), ou contra atos em um contexto de conotações idólatras (Lev 18-22, 20:13, o Código Levítico da Santidade), ou que sejam encarados como violações da justiça social em questão de hospitalidade (Is 1:9; Ez, 16:46-51; Jer 23:14). O homossexualismo masculino e o feminino são condenados numa passagem do Novo Testamento como expressão de idolatria (Rom 1:25-27) e atos genitais entre o mesmo sexo são mencionados entre os que violam a Lei de

²³⁶ - “Desde o século dezesseis, tem sido costume aplicar o termo ‘pecados que bradam ao céu por vingança’ a certas faltas que violam gravemente a ordem social, e que a Sagrada Escritura expressamente diz que clamam ao céu por vingança, isto é, atraem a punição de Deus para aqueles que os cometem. Há quatro pecados nessa categoria: homicídio (Gênesis, 4:10); sodomia (Gênesis, 19:13); opressão de viúvas e órfãos (Êxodo, 22:22ss); privar os trabalhadores do justo salário (Deut. 24:17ss; Tiago 5:4)” (Dom Gregorio Manise, O.S.B., s.v. “Pecados que bradam aos céus por vingança”, in *Dictionary of Moral Theology* [Westminster, Md.: The Newman Press, 1962], p. 1139).

Deus e excluem do Reino dos Céus quem os pratica (Rom 1:25-27; I Cor 6:9-10; Tim 1:9-10). Exegetas mais modernos reconhecem a dificuldade em determinar o significado preciso desses textos e o conseqüente problema de aplicá-los eticamente para condenar os homossexuais ou seus atos genitais”.²³⁷

• *Sexualidade Humana: Novas Orientações no Pensamento Católico Americano*

Outro exemplo surpreendente é *Human Sexuality: New Directions in American Catholic Thought*. Esse livro de 1977 foi publicado sob os auspícios da Sociedade Teológica Católica Americana.

Quando discute a homossexualidade, o livro afirma que a condenação no Levítico, qualificando-a como “abominação”, deve ser vista no contexto da idolatria:

“A condenação da atividade homossexual no Levítico não é um julgamento ético”, mas sim feito “por causa da sua associação com a idolatria”.²³⁸

Human Sexuality comenta também sobre a destruição de Sodoma e Gomorra:

“Os Padres da Igreja não tinham dúvida de que a natureza da maldade devido à qual Sodoma foi punida era a prática homossexual da sodomia”.²³⁹

Em seguida compara o comportamento de Sodoma com o estupro coletivo de uma viajante concubina de um levita pelos habitantes de Gibeah.²⁴⁰ E conclui que Sodoma e Gomorra foram punidas não por causa da homossexualidade, mas devido ao estupro e falta de hospitalidade:

“Tanto para Sodoma quanto para Gibeah, ‘a ênfase não incide no ato sexual proposto, por si mesmo, mas na terrível violação da lei costumeira de hospitalidade’”.²⁴¹

Human Sexuality relaciona ainda textos da Sagrada Escritura que mencionam outros pecados de Sodoma e Gomorra e tenta provar a tese de que a punição de Sodoma não se deveu à homossexualidade.²⁴²

• *A Nova Bíblia Americana*

Infelizmente, o comentário sobre Sodoma na *New American Bible* reflete essa mesma influência. Analisando Gênesis 18:20, onde Deus diz a Abraão que “o clamor contra Sodoma e Gomorra é tão grande, e o pecado delas é tão grave”, os novos exegetas comentam:

²³⁷ - James A. Komonchak et al., eds., *The New Dictionary of Theology* (Collegeville, Minn.: The Liturgical Press, 1987), p. 490.

²³⁸ - Anthony Kosnik et al., *Human Sexuality: New Directions in American Catholic Thought* (New York: Paulist Press, 1977), p. 190. Os autores citam N.H. Snaith, *Leviticus and Numbers*, the Century Bible (London: Nelson, 1967), p. 126.

²³⁹ - Ibid., p. 191.

²⁴⁰ - Juízes, 19.

²⁴¹ - Kosnik et al., p. 191. A citação interna é de Anthony Phillips, *Ancient Israel's Criminal Law: A New Approach to the Decalogue* (Oxford: Basil Blackwell, 1970, p. 122).

²⁴² - Ibid., pp. 191-196.

“A tradição israelita era unânime em atribuir a destruição de Sodoma e Gomorra à maldade dessas cidades, mas a tradição varia no que se refere à natureza dessa maldade. De acordo com o atual relato do Yahwista, o pecado de Sodoma era a homossexualidade (Gen 19:4-5), que é por isso conhecido como sodomia; mas de acordo com Isaías (Is. 1: 9-10; 3:9), era uma falta contra a justiça social; Ezequiel (Ez 16:46-51) o descreve como um desprezo pelo pobre, ao passo que Jeremias (Jer 23:14) o apresenta como imoralidade generalizada”²⁴³.

O comentário da *New American Bible* sobre Judas 1:7 é outro exemplo dessa influência. São Judas afirma:

“Do mesmo modo, Sodoma, Gomorra e as cidades vizinhas, que como elas foram complacentes com a promiscuidade sexual e praticaram o vício antinatural, servem como exemplos ao sofrerem uma punição do fogo eterno”.

O comentário da *New American Bible* para este versículo diz:

“Praticaram o vício antinatural: Literalmente, “foram à procura de carne alheia”. Este exemplo tem origem no Gênesis 19:1-25, e especialmente em Judas 1:4-11, quando os habitantes de Sodoma violaram tanto a hospitalidade quanto a moralidade, ao pedir que os dois visitantes de Lot (que na realidade eram mensageiros de Javé) lhes fossem entregues, de modo a que pudessem abusar sexualmente deles. Vício antinatural: isto se refere ao desejo de relações sexuais de seres humanos com os anjos (o exemplo inverso em Judas 1:6). Sodoma (daí “sodomia”) e Gomorra tornaram-se lições proverbiais objetivas da punição dos pecados por Deus (Isaías 1:19; Jeremias, 50:40; Amós, 4:11; Mateus 10:15; 2 Pedro 2:6)”²⁴⁴.

Os textos acima são apenas exemplos de uma interpretação revisionista da Sagrada Escritura. Tais revisionistas fazem grandes malabarismos para “explicar” outras passagens do Antigo e Novo Testamentos, dos escritos dos Padres e Doutores da Igreja, das condenações dos Papas e concílios ao longo dos séculos.

Sodoma e Gomorra foram punidas por sua homossexualidade

Ao analisar a Sagrada Escritura, esses novos exegetas geralmente concordam em que “os Padres da Igreja não tinham dúvida de que a natureza da maldade pela qual Sodoma foi punida era a prática homossexual de sodomia”²⁴⁵.

Tendo feito essa vênua perfunctória à Tradição, no entanto, tais comentadores deixam de lado seus ensinamentos e afirmam a posição contrária, baseada em “escolas bíblicas modernas” e nos “mais modernos exegetas”.

Para justificar sua negação da Tradição, alegam que passagens posteriores da Sagrada Escritura se referem a muitos outros pecados de Sodoma e extraem uma analogia

²⁴³ - *New American Bible*, nota nº 6 ao Gênesis, Capítulo 18, www.usccb.org/nag/bible/genesis/genesis18.htm.

²⁴⁴ - *New American Bible*, nota nº 6 à Epístola de S. Judas, www.usccb.org/nag/bible/jude/jude.htm#v5.

Destaque nosso.

²⁴⁵ - Kosnik et al., p. 191.

entre o modo como os habitantes de Sodoma trataram os dois anjos e o relato sobre o estupro de Gibeah em Juízes 19.

Tais raciocínios não têm nenhum valor.

Antes de tudo, a autoridade dos Padres da Igreja e da Tradição é normativa para um exegeta católico. Em segundo lugar, não se pode concluir que os outros pecados dos sodomitas – e não a homossexualidade – desencadearam o castigo. Comprova-o a própria analogia dos “novos exegetas”. No estupro de uma viajante concubina de um levita em Gibeah, as leis da hospitalidade e moralidade foram indignamente violadas. Contudo, a analogia termina aí. Ao contrário de Sodoma, Gibeah não foi destruída com “fogo de enxofre” vindo do céu.²⁴⁶

Uso inválido de outros textos bíblicos

Evidentemente, uma punição tão portentosa como a destruição de Sodoma e Gomorra por fogo de enxofre é um exemplo permanente para todos os séculos,²⁴⁷ correspondente a uma situação extremamente pecaminosa. Considerando a narrativa do Gênesis, não há dúvida de que o pecado mais grave de Sodoma era o de homossexualidade.

Como está estabelecido que a narrativa do Gênesis é a fonte principal de informação sobre o pecado e castigo de Sodoma e Gomorra, todas as outras referências bíblicas devem ser entendidas de acordo com essa narrativa. Elas complementam o Gênesis, mas não o corrigem, ao contrário do que alegam os inovadores.

O relato do Gênesis

De modo antropomórfico, o Gênesis descreve Deus como se Ele fosse um homem avaliando o castigo das duas cidades:

“Disse mais o Senhor: Porquanto o clamor de Sodoma e Gomorra se tem multiplicado, e porquanto o seu pecado se tem agravado muito, descerei agora e verei se em tudo têm praticado segundo o seu clamor, que a mim tem chegado; e se não, sabê-lo-ei”.²⁴⁸

Em seguida Deus enviou anjos sob a forma humana de peregrinos a Sodoma, onde Lot os recebeu. A narrativa prossegue:

“Mas antes que se deitassem, cercaram a casa os homens da cidade, isto é, os homens de Sodoma, tanto os moços como os velhos, sim, todo o povo de todos os lados; e, chamando a Lot, perguntaram-lhe: Onde estão os homens que entraram esta noite em tua casa? Traze-os cá fora a nós, para que os conheçamos”.²⁴⁹

Os esforços de Lot para argumentar com os habitantes de Sodoma deram em nada, por isso os anjos os castigaram com a cegueira. Os anjos disseram então a Lot:

²⁴⁶ - Gen. 19:23.

²⁴⁷ - Deut. 29:23; Isa. 1:9-10; 3:9; 13-19; Jer. 49:18; Lam. 4:6; Amós 4:11; Zeph. 2:9; Mat. 10:15; Rom. 9:29; II Ped. 2:6; Judas 7.

²⁴⁸ - Gen. 18:20-21.

²⁴⁹ - Gen. 19:4-5.

“Nós vamos destruir este lugar, porquanto o seu clamor se tem avolumado diante do Senhor, e o Senhor nos enviou a destruí-lo”.²⁵⁰

Logo que Lot e sua família fugiram, veio o castigo:

“Tinha saído o sol sobre a terra, quando Lot entrou em Zoar. Então o Senhor, da sua parte, fez chover do céu enxofre e fogo sobre Sodoma e Gomorra. E destruiu aquelas cidades e toda a planície, e todos os moradores das cidades, e o que nascia da terra”.²⁵¹

A correlação entre os pecados

A principal falha de raciocínio dos novos exegetas é não considerar que um pecado habitualmente está relacionado com outros, seja como causa, seja como consequência. Da mesma forma que a prática de uma virtude geralmente conduz à prática de todas as outras, o apego obstinado a um pecado conduz o pecador a cair facilmente em outros com ele relacionados, por natureza ou circunstância.

De fato, os sodomitas cometiam os pecados de desprezar os pobres e estrangeiros, gula e imoralidade geral. No entanto, isto não autoriza a concluir que a homossexualidade não é pecado, como sugere o *New Dictionary of Theology*. Da mesma forma, não pode ser usado para concluir que a homossexualidade não foi o motivo para o castigo de Sodoma e Gomorra pelo fogo.

Esta correlação entre pecados está contida no comentário a um dos seis versículos de Ezequiel (16:46-51) no *New Dictionary of Theology* e na *New American Bible*. Serve como base para concluir que Sodoma foi punida por “violações das exigências da justiça social em relação à hospitalidade” e por uma “negligência em relação aos pobres”.

Ezequiel diz:

“Eis que esta foi a iniquidade de Sodoma, tua irmã: Soberba, fartura de pão, e próspera ociosidade teve ela e suas filhas; mas nunca fortaleceu a mão do pobre e do necessitado.”²⁵²

Comentando este versículo, Cornélio a Lápide, um dos maiores exegetas de todos os tempos, explica a correlação entre pecados:

“O primeiro [entre os vícios de Sodoma] era o orgulho. Em seguida a fartura de pão, ou melhor, de alimentos, iguarias, banquetes. Terceiro, a abundância de bens, de luxo e prazer. Quarto, o ócio. Quinto, a falta de compaixão. ...

“Ouçamos São Jerônimo: ‘Orgulho, fartura de pão, abundância de todas as coisas, ócio, prazeres, tais eram os pecados de Sodoma. Por causa deles, esqueceram-se de Deus, pois a contínua presença de riquezas parecia perene, e portanto não havia necessidade de recorrer a Deus para obtê-las’. ... Portanto, primeiro encontramos orgulho entre os pecados de Sodoma. Então Deus castiga o orgulho, permitindo-lhes cair numa grande e ignominiosa luxúria, como se pode deduzir de Romanos 1:27. ... Também a gula levou à queda de Sodoma, pois é essa a matéria própria à luxúria. São Jerônimo diz: ‘As lavas dos vulcões Etna, Vesúvio

²⁵⁰ - Gen. 19:13.

²⁵¹ - Gen. 19:23-25.

²⁵² - Ezeq 16:49.

ou Olimpo não fazem o jovem abraçar-se com a luxúria, mas sim o vinho e pratos saborosos'. ... Sobre o ócio, São João Crisóstomo diz: 'O ócio ensina todo o mal'".

Cornélio a Lápide demonstra como a falta de compaixão dos sodomitas levou ao pecado da homossexualidade:

“Quinto, a falta de compaixão, que foi a causa da luxúria dos habitantes de Sodoma: porque os que são cruéis com os outros são também cruéis com a sua própria natureza, violando as leis da geração. Aqueles que são cruéis com seus próximos, no que se refere ao seu sustento, ou mesmo à sua vida, são também cruéis com seus próprios corpos, abusando deles libidinosamente. Daí os habitantes de Sodoma que eram cruéis com os forasteiros e peregrinos – neste caso, os anjos que assumiram corpos humanos e se apresentaram a Lot como peregrinos – arderam em maus desejos (Gen. 19:5). Falta de compaixão e crueldade, portanto, fazem com que os que são cruéis não respeitem nem a modéstia nem a reputação, nem o corpo nem a vida dos seus próximos, especialmente os dos estrangeiros ou peregrinos. Ao invés disso, eles os tratam como a si próprios, como alimento para sua lascívia – algo vil e sem valor”.²⁵³

A homossexualidade não tem nada a ver com os anjos

Como já foi mencionado, os comentadores da *New American Bible* sobre a Epístola de São Judas alegam que a prática do “vício antinatural” por Sodoma e Gomorra consistia no “desejo de relações sexuais de seres humanos com anjos”.

A narrativa do Gênesis é clara em afirmar que os habitantes de Sodoma acreditavam que os dois mensageiros do Senhor eram homens: “Onde estão os homens que entraram esta noite em tua casa? Traze-os cá fora a nós, para que os conheçamos”.

Por outro lado, como explica a *New American Bible*, uma tradução literal do grego para “praticaram o vício antinatural” é “foram à procura de carne alheia”. Portanto, ao tomar a aparência de carne humana, os anjos excitaram a luxúria dos sodomitas. Eles não poderiam ter sido atraídos sexualmente em relação à natureza angélica, pois tal natureza angélica lhes era desconhecida. A explicação tradicional para “foram à procura de carne alheia” é “a procura do vício infame”.²⁵⁴

Cornélio a Lápide, comentando a expressão “foram à procura de carne alheia”, cita as palavras de Nosso Senhor sobre o matrimônio: “Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua esposa, e os dois se tornarão uma só carne”.²⁵⁵ E explica que dois homens não podem se unir para procriar e, portanto tornar-se “uma só carne”. Quando se unem sexualmente, eles são “duas carnes”, não uma só carne, como no matrimônio. Explica também Cornélio que se trata de “carne alheia”, pois essa união sexual é estranha à procriação, que é o fim natural e próprio do ato sexual.²⁵⁶

²⁵³ - Cornélio a Lápide, *Commentaria in Scripturam Sacram – Commentaria in Ezechielem Prophetam* (Paris: Vivès, 1880), vol. 12, pp. 618-619.

²⁵⁴ - Cf. Jose Maria Bover, S.J. e Francisco Cantera Burgos, *Sagrada Biblia: Version Critica Sobre los Textos Hebreo y Griego* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1961), p. 1473, nota 7.

²⁵⁵ - Mat. 19:5.

²⁵⁶ - Cornélio a Lápide, *Commentaria in Scripturam Sacram* (Paris: Vivès, 1863), vol. 20, p. 662.

Sodoma e Gomorra completavam sua homossexualidade com uma grande insolência

A insolência de Sodoma e Gomorra em meio aos seus pecados tornou ainda mais grave o seu desafio a Deus. O Profeta Isaías o afirma ao repreender os judeus:

“Jerusalém está se desintegrando; Judá está caindo; pois suas palavras e os seus atos estão diante do Senhor, uma provocação aos olhos de sua majestade. O próprio olhar deles serve de testemunho contra eles; *Eles se vangloriam do seu pecado como o de Sodoma, não o escondem*. Ai deles! Eles procuram o mal para si mesmos”.²⁵⁷

O Levítico condena a idolatria e a homossexualidade

Human Sexuality argumenta que a homossexualidade não é condenada pelo Levítico, pois “a condenação da atividade homossexual no Levítico não é um julgamento ético”. Tal condenação se fez “por causa da sua associação com a idolatria”.

Nesta passagem, o livro do Levítico é um eco dos Dez Mandamentos. O Decálogo condena não só a idolatria, mas também a homossexualidade: idolatria é uma falta contra o Primeiro Mandamento, e a homossexualidade é um pecado contra o Sexto Mandamento.²⁵⁸ Portanto, a menos que se sustente o conceito absurdo de que os Dez Mandamentos não são um código de moral, um resumo da lei moral revelada, não há base para afirmar que essa condenação da homossexualidade “não é um julgamento ético”.

Além do mais, o contexto da condenação da homossexualidade em Levítico demonstra claramente que se baseia na ética. Os exegetas habitualmente denominam essa parte do Levítico “Código da Santidade”, porque dá normas práticas para a perfeição. Trata especificamente da moral sexual e condena todas as formas de incesto, promiscuidade e outras formas de aberrações sexuais, como a homossexualidade e a bestialidade.

Este é o contexto do versículo mal interpretado por *Human Sexuality*:

“Não manterás relação carnal com a mulher do teu próximo, maculando-te com ela.

“Não oferecerás nenhum dos teus filhos para ser imolado a Moloc, assim profanando o nome do teu Deus. Eu sou o Senhor.

“Não manterás relações sexuais com um homem como se fosse mulher, tal coisa é uma abominação.

“Não terás relação carnal com um animal, maculando-te com ele; nem a mulher se porá diante de um animal para copular com ele; tais coisas são odiosas.

“Não vos maculeis com nenhuma dessas coisas com que se macularam as nações de cujo caminho vos estou desviando.

“Porque a terra deles se tornou maculada, eu a estou punindo por sua maldade, fazendo-a vomitar de si seus habitantes.”²⁵⁹

O texto é claro: Não siga os passos dos idólatras que sacrificaram seus filhos aos ídolos e cometeram abominações como a homossexualidade e a bestialidade.

Essas normas para a santidade são semelhantes às que São Paulo deu aos coríntios:

²⁵⁷ - Isaías, 3:8-9.

²⁵⁸ - Êxodo, 20:1-47; Deut. 5:6-21.

²⁵⁹ - Lev. 18:20-25.

“Não vos iludais: nem fornicadores, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem gananciosos, nem ébrios, nem maldizentes, nem rapaces terão parte no reino de Deus”.²⁶⁰

Homossexualidade: um pecado que brada aos céus por vingança

A homossexualidade está classificada entre os “pecados que bradam aos céus por vingança”. A Sagrada Escritura o afirma explicitamente quando os anjos dizem a Lot: “Vamos destruir este lugar, pois é tão grande o clamor diante do Senhor contra os da cidade, que Ele nos enviou para destruí-la”.

A gravidade especial do pecado de homossexualidade é devida ao fato de que viola a ordem natural dos sexos, estabelecida por Deus na criação.

Na sua Segunda Epístola, São Pedro mostra como a punição de Sodoma e Gomorra permanece como advertência aos que praticam o mal: “[Deus] condenou à destruição e reduziu a cinzas as cidades de Sodoma e Gomorra para servir de exemplo para os ímpios do porvir”.²⁶¹

Portanto, fica claro que, embora os habitantes de Sodoma e Gomorra tenham cometido vários pecados relacionados entre si, o pecado de homossexualidade foi a causa do castigo divino. Tal é a interpretação unânime dos Padres da Igreja e de todos os exegetas tradicionais. Explanções contrárias a essa Tradição violentam os textos sagrados.

Daí ser oportuno lembrar a advertência do Papa São Celestino ao clero das Gálias: “*Desinat incessere novitas vetustatem*” – “Que a novidade cesse de atacar o antigo!”²⁶²

²⁶⁰ - I Cor. 6:9-10.

²⁶¹ - 2 Pedro, 2:6.

²⁶² - Carta do Papa São Celestino ao clero das Gálias – 431. Citado por John Chapman, O.S.B., s.v. “*Fathers of the Church*”, in *The Catholic Encyclopedia* (1913), vol. 6, p. 2.

Parte III

A LEI NATURAL E O ENSINAMENTO DA IGREJA SEMPRE CONDENARAM A HOMOSSEXUALIDADE

CAPÍTULO 16

LEI NATURAL: PONTO DE REFERÊNCIA NECESSÁRIO AO HOMEM

O movimento homossexual procura impor à sociedade uma moralidade falsa, baseada na premissa filosófica de que as normas de moral objetivas não existem, e que somente a opção individual deve determinar o comportamento humano.

Os promotores do movimento dão assim uma interpretação *democrática* a uma afirmação verdadeira. De fato, o homem deve seguir sua própria consciência. No entanto, isso não significa que todo e qualquer indivíduo é livre para escolher como bem entender.

A moralidade não é fruto de “consenso democrático”

Com muita frequência as pessoas confundem democracia – forma de governo – com um tipo de consenso democrático que determinaria as normas de pensamento humano e a conduta na sociedade. Daí acharem que uma coisa é boa ou má, verdadeira ou falsa, bela ou feia, de acordo com a opinião pública expressa por referendos ou pesquisas de opinião. Na moral, na política, todos deveriam aceitar a decisão da maioria, mesmo se pessoalmente discordam.

A moralidade resultaria, portanto, da soma de opiniões individuais, e todos deveriam submeter-se à expressão coletiva da maioria. Embora esse modo de pensar seja atraente à primeira vista, é no entanto enganoso.

A necessidade de um legislador supremo

Se a lei moral não estivesse inscrita na natureza humana e presente na consciência do homem, o que a lei positiva determina não teria ressonância na sua alma. Nenhuma relação existiria entre as leis e o ser mais íntimo do homem. As leis seriam puramente imposições externas, a serem obedecidas por causa do poder coercitivo do Estado.

Conseqüentemente, as leis opostas à natureza racional seriam totalmente arbitrárias, pois refletiriam caprichos e fantasias dos legisladores. Isso não seria lei verdadeira e não obrigaria a consciência.

Além do mais, a lei baseada exclusivamente na vontade humana não gera autoridade moral sobre o homem, pois do ponto de vista natural a vontade de um homem tem tanto valor quanto a de outro. Nenhuma vontade humana é superior à de outro homem. Portanto, uma lei baseada unicamente na vontade humana não obrigaria em consciência.

Para que uma lei obrigue em consciência, ela deve ter suas raízes profundas num Supremo Legislador, cuja Vontade é naturalmente superior à do homem.²⁶³ Esta Vontade superior só pode ser a de Deus, pois somente ela é superior a todas as outras. Essa suprema Vontade é expressa tanto nas leis positivas, isto é, estabelecidas por Deus e contidas na Revelação, quanto na Lei Natural, que está expressa na Criação.

²⁶³ - Cf. Fr. Charles Coppens, S.J., *A Brief Text-Book of Moral Philosophy*, revised by Fr. Henry S. Spalding, S.J. (New York: Shwartz, Kirwin and Fauss, 1924), pp. 62-63.

A existência e efetividade da Lei Natural

Qualquer pessoa pode observar que o universo é regido por leis imutáveis: as folhas normalmente são verdes; o sangue é sempre vermelho; a água congela a certa temperatura; os pássaros voam; a noite se segue ao dia; e assim por diante. Além do mais, séculos de experiência mostram que tem sido sempre assim, e que sempre será assim, independente da vontade humana. Todas são prescrições da própria natureza das coisas, que determina o seu objetivo, move-as em direção a ele e lhes garante os meios necessários para atingi-lo.

De fato, após criar o universo a partir do nada, Deus não abandonou suas criaturas ao acaso nem as deixou sem finalidade e orientação. Pelo contrário, ordenou-as e dirigiu-as para um fim de acordo com o plano estabelecido por sua divina Sabedoria.

A própria natureza que Deus deu aos seres inanimados governa-os. Tais leis que governam os seres inanimados são chamadas “leis físicas naturais” ou “leis da natureza”. Elas governam o modo de agir do universo físico. Leis como “as substâncias se dilatam quando aquecidas” e “a terra gira em torno do sol” exprimem as regras constantes e invariáveis que as coisas materiais seguem. É próprio às leis físicas naturais serem constantes e invariáveis, não originando exceções. Daí que, se uma lei natural física deixasse de funcionar uma única vez, não mais seria lei.

Num universo ordenado e guiado por leis físicas inteligíveis, também o homem deve ter uma finalidade última e leis morais adequadas à sua natureza, que o guiem e governem. Seria absurdo se tais leis ordenadoras existissem mas não fossem facilmente reconhecíveis pelo homem.

Basta um momento de reflexão para concluir que tais leis existem, e que o homem também é sujeito à ordem suprema estabelecida por Deus na Criação.

O senso do ser do homem lhe diz que ele é um ser humano. A razão o leva a concluir que ele existe nos limites da natureza humana. Ele sabe que não é nem pedra, nem planta nem um simples animal. Sabe também que não é anjo. A natureza humana é o “projeto” para o comportamento do homem como ser humano.

Parte da lei que rege o homem refere-se a atos não livres: atos físicos como sentir, digerir, respirar, piscar os olhos ou crescer. Eles estão previstos nesse “projeto” humano e se dão “automaticamente”, independente do comando direto da vontade.

No entanto, nem todos os atos são automáticos. O homem pratica atos livres, por sua capacidade de ser racional dotado de inteligência e vontade. Como tal, tem o poder de praticar ou não essas ações, conforme escolher.

Não obstante, tais atos são também sujeitos a regras de comportamento estabelecidas pelo Criador. Suprema ordenação da conduta humana, esse “projeto” moral inscrito pelo Criador na própria natureza humana é chamado Lei Natural.

Essa Lei Natural reflete no homem a lei eterna, que é simplesmente a Sabedoria divina regendo o universo e estabelecendo uma ordem e governo supremo de todas as coisas, visíveis e invisíveis, vivas e inanimadas.

Como o nome indica, a Lei Natural deriva da natureza humana. É a lei que o homem pode conhecer pela luz da razão, sem a ajuda da divina Revelação, pois Deus a inscreveu no fundo de todos os corações, como ensina São Paulo.²⁶⁴ Como ela está

²⁶⁴ - “Os pagãos, que não têm a lei [mosaica], fazendo naturalmente as coisas que são da lei, embora não tenham a lei, a si mesmos servem de lei; eles mostram que o objeto da lei está gravado nos seus corações,

impressa nos corações de todos os homens, é a mesma para todos eles, em todo tempo e lugar. Portanto, a Lei Natural é *universal*. É também *imutável*, o tempo não a modifica. Além do mais, *ninguém está dispensado* da Lei Natural, todos os homens devem obedecê-la. Por último, ela é *perceptível e conhecível* por todos os homens que atingiram a idade da razão.²⁶⁵

A *consciência* do homem dá-lhe a certeza da existência dessa lei quando declara que certas ações são boas e outras são más.²⁶⁶ Sua existência é ainda confirmada pelo *testemunho comum de todos os povos*, pois todos são unânimes em distinguir o bem do mal.

Embora possam por vezes errar na sua aplicação, até os povos mais primitivos crêem na existência de princípios universais, tais como: “Devemos amar o supremo Bem”; “faça o bem e evite o mal”; “faça aos outros o que gostaria que lhe fizessem”; “viva de acordo com a reta razão”.

Todos os outros princípios derivam desses princípios universais: o respeito devido aos pais; a proibição do homicídio, roubo, adultério, incesto, mentira e calúnia; em resumo, todos os Mandamentos (exceto o terceiro — guardar domingos e festas de guarda — que é uma lei positiva divina).

A dimensão metafísica do pecado

Ao contrário das criaturas irracionais, o homem é dotado de inteligência e vontade livre, e portanto é o senhor da própria conduta. Pode agir ou recusar-se a agir, pode agir de um modo ou de outro.

Não obstante, sendo livre para agir, sua liberdade para fazê-lo não é absoluta. O que a reta razão lhe recomenda que não faça, lhe é vedado fazer, ele não é livre de fazê-lo. Isso é bem explicado pelo Pe. Charles Coppins, S.J.:

“Ações humanas são aquelas de que o homem é senhor, que ele tem o poder de fazer ou não fazer, conforme lhe agradar. Na verdade, somos *fisicamente* livres para praticar certos atos ou omiti-los – fazer algo ou o seu contrário, escolher entre uma ação e outra. Mas somos também *moralmente* livres em relação a todas essas ações? É certo para mim, em todas as ocasiões, fazer tudo quanto minha inclinação me impele a fazer? Minha razão responde claramente: Não! É evidente até para uma criança que algumas ações são boas em si mesmas, *moralmente boas*, e outras más em si mesmas, *moralmente más*. Os atos bons, a nossa razão endossa e aprova; a estes nós chamamos *certos*. Atos maus, ao contrário, nossa razão desaprova e condena; a estes nós chamamos *errados*”.²⁶⁷

Quando o homem se desvia do “projeto” divino impresso na sua natureza, desvia-se do reto caminho e deixa de atingir o fim para o qual sua natureza foi criada. Essa falta constitui o pecado, em seu primeiro e mais elementar significado. As palavras *hamartia*, em grego, e *peccatum*, em latim (pecado, em português), significam “falta”. Portanto, pecar significa ter faltado, ter perdido o objetivo, como uma flecha atirada por um mau arqueiro.

dando-lhes testemunho a sua consciência, bem como os seus raciocínios, com os quais se acusam ou se escusam mutuamente” (Rom. 2:14-15).

²⁶⁵ - Cf. Mons. Giuseppe Graneris, s.v., “*Natural Law*”, in *Dictionary of Moral Theology*, p. 697.

²⁶⁶ - Coppins, p. 26.

²⁶⁷ - Ibid. Destaques do original.

Quando se perde o alvo, peca-se. Aquele que não age de acordo com a Lei Natural nunca alcança seu verdadeiro objetivo.

Mais do que o aspecto moral do pecado, há a sua profunda dimensão metafísica. Mais do que desobedecer uma lei positiva, é um desvio em relação ao fim estabelecido para a natureza humana pelo Criador.

Quando o homem abandona o plano do Criador — consciente e maliciosamente, não como conseqüência da fraqueza humana — suas ações constituem uma suprema revolta contra a ordem sábia e maravilhosa que Deus estabeleceu no universo.

QUADRO

“SE DEUS NÃO EXISTISSE, TUDO SERIA PERMITIDO” (Dostoievski)

Se Deus não existisse, se a sua Sabedoria ordenadora ou Lei Eterna não fosse a referência para as ações humanas, não haveria padrões fixos de moral, e o homem poderia agir como lhe aprouvesse.

No entanto, a ordem geral que Deus estabeleceu no universo está impressa no coração do homem. Este primeiro farol de verdade, conhecido por todos os homens de todo tempo e lugar, é a Lei Natural. Seu mais fundamental princípio acena para o homem constantemente: “Faça o bem e evite o mal”.

Embora os gentios não tenham recebido a lei de Moisés, São Paulo ensina que no entanto era-lhes possível viver de acordo com os princípios morais, porque eles conheciam “pela natureza as coisas que eram de acordo com a lei”, pois tinham “a lei escrita em seus corações”. Conseqüentemente, “a consciência deles os acusa” (Rom 2:14-15).

Aqueles que abafam a voz da consciência e rejeitam a Lei Natural devem primeiro negar a existência de Deus. Somente assim podem justificar para si mesmos a criação do seu próprio universo e das suas próprias normas.

Por isso o filósofo ateu existencialista Jean-Paul Sartre tomou uma citação de Dostoievski como ponto de partida para sua própria filosofia anárquica:

“Dostoievski afirmou que ‘se Deus não existisse, tudo seria permitido’. Este é o verdadeiro ponto de partida do existencialismo. De fato, tudo é permissível se Deus não existe, e como resultado o homem fica desamparado, pois nem dentro nem fora dele encontra algo a que se apegar”.²⁶⁸

Tudo seria de fato permissível se Deus não existisse. Não haveria padrão moral objetivo baseado em verdades imutáveis e eternas. Sem a ordem de Deus estabelecida no universo, ou se ela fosse ininteligível, o homem flutuaria num mar de insensatez. Ele estaria à deriva em completo relativismo. Suas ações, privadas de racionalidade, não teriam dimensão moral.

Contrariamente aos sentimentos anárquicos de Sartre, o homem de fato não seria livre. Tornar-se-ia vítima de todo impulso. Seria um escravo, agrilhado nas tirânicas algemas das paixões desregradas.

²⁶⁸ - “*Quotations: Jean-Paul Sartre*”,
www.dividingline.com/private/Philosophy/TopPage/Sartre2_Quote.shtml.

CAPÍTULO 17

A VOZ DOS APÓSTOLOS

Com São Paulo, a Igreja pode dizer de si mesma: “Logo que ouvistes a palavra de Deus, por nós pregada, a acolhestes não como palavras de homens, mas, como de fato é, palavra de Deus”.²⁶⁹

De fato, cabe à Igreja o papel de proclamar e salvaguardar o divino ensinamento de Nosso Senhor.²⁷⁰ Em decorrência, a Igreja condena toda forma de imoralidade, especialmente aquelas opostas à ordem natural, como a homossexualidade.

Essa condenação pode ser acompanhada desde o início da Igreja. Prossegue com os primeiros Padres da Igreja e escritores eclesiásticos, e também com os Papas, os santos e concílios até os dias atuais. Nem poderia ser diferente, pois “a palavra do Senhor permanece para sempre”.²⁷¹ Daí São Pedro afirmar que os pecados antinaturais de Sodoma e Gomorra levaram Deus a reduzi-las a cinzas.²⁷² Como já mencionamos, a Epístola de São Judas também condena a homossexualidade.²⁷³

Este foi o ensinamento constante de todos os Apóstolos.²⁷⁴

São Paulo: definindo a posição dos Apóstolos

São Paulo, o Apóstolo dos Gentios, tinha um profundo conhecimento do mundo greco-romano, cuja cultura se espalhou pela bacia do Mediterrâneo e pela Ásia Menor. Em suas Epístolas, comparou o matrimônio cristão, a virgindade e a continência por amor de Deus com a imoralidade, adultério, prostituição, incesto e homossexualidade do mundo pagão, todos os quais ele condenou.²⁷⁵ Advertiu continuamente os cristãos convertidos de que os impuros não entram no Reino dos Céus.²⁷⁶ Os puros, ao contrário, têm a sua “pátria no Céu”.²⁷⁷

²⁶⁹ - I Tess 2:13.

²⁷⁰ - “Quem me ama, conserva as minhas palavras e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele a nossa morada” (Jo 14:23). Com relação ao fato de Nosso Senhor permitir à sua Igreja passar por crises, e que a existência de maus pastores (mercenários) e de pecados em geral na Igreja Católica não macula sua santidade, ver nosso livro publicado em 2002: *I Have Weathered Other Storms*, particularmente a Introdução.

²⁷¹ - I Pedro 1:25.

²⁷² - 2 Pedro 2:6.

²⁷³ - Judas 1:7. Ver Capítulo 15.

²⁷⁴ - O *Didache*, ou *A Doutrina dos Apóstolos*, é um pequeno tratado sobre dogma e moral, que resume a doutrina dos Apóstolos. Foi escrito no século II. No capítulo 2, afirma: “E o segundo mandamento do Ensino do ... Não cometerás pederastia” (*Didache*, tradução inglesa por Roberts-Donaldson, www.earlychristianwritings.com/text/didache-roberts.html).

²⁷⁵ - *Continência por amor de Deus*: Ef 5:21-33; I Cor 7. *Adultério*: Rom. 13:9; Heb. 13:4. *Prostituição*: 1 Cor 6:13-20; 10:8; 2 Cor 12:21; Col 3:5. *Incesto*: 1 Cor 5:1-5. *Homossexualidade*: 1 cor 6:9-10; Rom 1:18-32; 1 Tim 1:10.

²⁷⁶ - Ef 5:5; 1 Cor 6:9-10; 1 Cor 15:50; Gal 5:19-21; Col 3:5-6.

²⁷⁷ - Fil 3:19-20.

Como punição, Deus entrega os pecadores às próprias paixões

Na Epístola aos Romanos, São Paulo explica em detalhes por que os povos idólatras, como os romanos, caíram de cheio no vício antinatural.²⁷⁸ Aponta como causa a substituição do culto ao Deus verdadeiro por imitações feitas pelos próprios homens: os ídolos.

Ao provar que os gentios tinham os meios para conhecer a Deus e a sua lei, São Paulo explica que toda a criação reflete Deus, e podemos conhecer o Autor contemplando as suas obras:

“A ira de Deus se manifesta do alto do céu contra toda a impiedade e perversidade dos homens, que pela injustiça aprisionam a verdade. Porquanto o que se pode conhecer de Deus, eles o lêem em si mesmos, pois Deus lho revelou com evidência. Desde a criação do mundo, as perfeições invisíveis de Deus, o seu sempiterno poder e divindade, se tornam visíveis à inteligência, por suas obras; de modo que não se podem escusar. Porque, conhecendo a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças. Pelo contrário, extraviaram-se em seus vãos pensamentos, e se lhes obscureceu o coração insensato”.²⁷⁹

Então o Apóstolo repreende os romanos por desprezarem esta verdade conhecida como tal. Conclui que o pecado capital deles era a impiedade, pois negaram a Deus o duplo tributo que lhe é devido: glorificação por Ele ser quem é; e ação de graças pelos benefícios dele recebidos. Essa falta no reconhecimento de Deus iniciou um processo que corrompeu a vontade, confundiu a inteligência e finalmente levou a um abismo de desgraça.

São Paulo descreve esse processo de degradação: deixando-se conduzir pela vaidade, acabaram caindo na idolatria. O castigo de Deus foi abandoná-los às suas próprias paixões, que os levaram ao vício contra a natureza:

“Pretendendo-se sábios, tornaram-se estultos. Mudaram a majestade de Deus incorruptível em representações e figuras de homem corruptível, de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso, Deus os entregou aos desejos dos seus corações, à imundície, de modo que desonraram entre si os próprios corpos”.²⁸⁰

O Apóstolo não deixa margem a ambigüidade. Define especificamente essa desonra dos próprios corpos como a prática da homossexualidade, e acentua o seu caráter antinatural:

“Por isso, Deus os entregou a paixões vergonhosas: as suas mulheres mudaram as relações naturais em relações contra a natureza. Do mesmo modo também os homens, deixando o uso natural da mulher, arderam em desejos uns para com os outros, cometendo homens com homens a torpeza, e recebendo em seus corpos a paga devida ao seu desvario”.²⁸¹

²⁷⁸ - Rom 1:18-32.

²⁷⁹ - Rom 1:18-21.

²⁸⁰ - Rom 1:22-24.

²⁸¹ - Rom 1:26-27.

O processo de decadência gerou terríveis efeitos. São Paulo conclui que, quando Deus abandonou os romanos aos seus vícios abomináveis,²⁸² carregou terríveis conseqüências sobre eles:

“Como não se preocupassem em adquirir o conhecimento de Deus, Deus entregou-os aos sentimentos depravados, e daí o seu procedimento indigno. São repletos de toda espécie de malícia, perversidade, cobiça, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade. São difamadores, caluniadores, inimigos de Deus, insolentes, soberbos, altivos, inventores de maldades, rebeldes contra os pais. São insensatos, desleais, sem coração, sem misericórdia”.²⁸³

No estágio final do processo, o pecador não apenas se torna apegado ao pecado, mas tenta justificá-lo, aplaudindo os que caíram nele ou convencendo outros a cair: “Eles não só os praticam, mas aprovam aqueles que o praticam”.²⁸⁴

O orgulho é a fonte da impureza

Cornélio a Lápide, comentando essa passagem de São Paulo, acentua o papel do orgulho como origem da impureza:

“A impureza é o castigo do orgulho, da mesma forma que a humildade é a recompensa da castidade. Esta é a ordem estabelecida por Deus, e se o homem submete sua mente a Deus, também o seu corpo se submeterá a Deus. Pelo contrário, quando o homem se rebela contra Deus, também seu corpo se rebela contra ele, como belamente ensina São Gregório (Lib. XXVI, Morales, xii). ... Por meio da humildade, a pureza ou castidade é assegurada. De fato, se alguém se submete piedosamente a Deus, sua carne não se rebelará ilicitamente contra o espírito. Eis por que Adão, o primeiro a desobedecer, cobriu-se logo depois de cometer o pecado de orgulho”.²⁸⁵

²⁸² - “Nesse complexo ato da divina justiça, podem-se distinguir três elementos: permissão, sem a qual nenhum mal é possível; abandono parcial – isto é, uma retirada de graças escolhidas, que deixa intacta a vontade livre com responsabilidade moral, mas aumenta a probabilidade de queda em pecado, por causa da redução do amparo; finalmente, um julgamento pelo qual Deus retira suas graças, como punição pela malícia humana, ingratidão e obstinação. Assim o primeiro pecado se torna causa (não necessária, mas acidental) do segundo; e o segundo é a real punição do primeiro, embora indireta” (Fernand Prat, S.J., *The Theology of Saint Paul* [Westminster, Md.: The Newman Bookshop, 1952], vol. 1, p. 201).

²⁸³ - Rom 1:28:31.

²⁸⁴ - Rom 1:32. Cf. Gal 5:19-21.

²⁸⁵ - Cornélio a Lápide, *Commentaria in Scripturam Sacram* (Paris: Vivès, 1863), vol. 18, p. 54. Para uma explanação mais extensa do papel do orgulho e da apostasia em relação Deus, como fontes da impureza, ver o Capítulo 5 do nosso livro *I Have Weathered Other Storms*.

CAPÍTULO 18

OS PADRES E DOUTORES DA IGREJA CONDENAM A HOMOSSEXUALIDADE

Os Padres da Igreja são testemunhas da divina Tradição.²⁸⁶ Eles também condenaram a homossexualidade nos seus escritos. Como as suas condenações e as dos Escritores Eclesiásticos²⁸⁷ são muito numerosas, daremos a seguir apenas alguns poucos exemplos. São também incluídas algumas citações de Doutores da Igreja.²⁸⁸

- São Justino Mártir (100-165)

São Justino, mártir e apologista cristão, nasceu em Flávia Neápolis e se converteu ao Cristianismo cerca do ano 130. Ensinou e defendeu a Religião cristã na Ásia Menor e em Roma, onde foi martirizado.

Na sua *Primeira Apologia*, endereçada ao Imperador Tito, São Justino explica os mistérios cristãos e a racionalidade da doutrina católica. Aponta também o absurdo do paganismo e a imoralidade dos deuses gregos e romanos:

“No que se refere a nós, aprendemos que abandonar crianças recém-nascidas é coisa de homens perversos; isso nos foi ensinado a fim de não fazermos nenhum mal a elas e a fim de não pecarmos contra Deus. Primeiro, porque vemos que quase todos os que assim são abandonados (não só as meninas, mas também os meninos) acabam se prostituindo. Como se diz que os antigos criavam manadas de bois, cabritos, cordeiros ou cavalos para esse uso vergonhoso, agora vemos que criam essas crianças para esse mesmo uso; e para essa perversão encontra-se em todas as nações uma multidão de fêmeas e hermafroditas, e daqueles que cometem iniquidades indignas de serem mencionadas. E desses tu recebes aluguel, impostos e taxas, ao passo que deverias exterminá-los do teu reino. E qualquer um que usa essas pessoas, além do ímpio, infame e impuro ato sexual, talvez o esteja praticando com seu próprio filho, parente ou irmão. E há ainda alguns que prostituem até

²⁸⁶ - *Padres da Igreja*: Escritores cristãos notáveis por sua doutrina, santidade e antiguidade. A Era Patrística vai do primeiro século até o oitavo. “A concordância moralmente unânime dos Padres em assuntos de fé ou moral é um testemunho irrefragável da divina Tradição” (s.v. “*Fathers of the Church*”, in Pietro Parente, Antonio Piolanti e Salvatore Garofalo, *Dictionary of Dogmatic Theology* [Milwaukee: The Bruce Publishing Company, 1952], p. 103).

²⁸⁷ - *Escritores Eclesiásticos*: Autores cristãos da Igreja primitiva, notáveis por sua erudição mas sem a nota de santidade. Alguns deles têm graves erros em partes de seus trabalhos, ou mesmo apostataram da Fé. Contudo, seus escritos ortodoxos são normalmente citados pelos Papas e teólogos, como é o caso de Tertuliano, Orígenes, Clemente de Alexandria e outros.

²⁸⁸ - *Doutores da Igreja*: É um título oficial da Igreja, concedido a santos reconhecidos como tendo sido expoentes na santidade e na sua ortodoxia de doutrina. Este título deve ser explicitamente confirmado pelo Papa. Alguns Doutores da Igreja dos primeiros séculos são também Padres da Igreja, como São Jerônimo. Outros, como São Tomás de Aquino ou Santo Afonso de Ligório, viveram após a Era Patrística. Atualmente há 33 Doutores da Igreja. O mais recente Doutor da Igreja é Santa Teresinha do Menino Jesus, cujo título lhe foi concedido pelo Papa João Paulo II em 1997.

mesmo seus próprios filhos e esposas, e alguns são claramente mutilados para os fins da sodomia”.²⁸⁹

- Santo Irineu de Lião (130-202)

Santo Irineu nasceu em Esmirna, na Ásia Menor, onde se encontrou com o Bispo São Policarpo, discípulo do Apóstolo São João. Mudando-se da Ásia Menor para Roma, incorporou-se à escola de São Justino Mártir antes de se tornar Bispo de Lião, no sul da França. Seus mais conhecidos escritos são *Contra as Heresias* e *Prova da Pregação Apostólica*, em que refuta o gnosticismo.

Santo Irineu condena as doutrinas de Marcião e outros gnósticos, que sustentavam que aqueles descritos como maus no Antigo Testamento foram de fato salvos, enquanto Abel, Noé e todos os justos do Antigo Testamento foram condenados. Condenando o falso ensinamento de Marcião, ele reitera a condenação da Igreja à homossexualidade:

“Além dessa blasfêmia contra o próprio Deus, ele [Marcião] acrescenta também isso, falando de fato como se fosse com a boca do demônio, e dizendo todas as coisas em direta oposição à verdade, isto é, que Caim e outros como ele; os sodomitas e os egípcios, e outros como eles; e, por fim, todas as nações que caminhavam em toda sorte de abominações, foram salvos pelo Senhor”.²⁹⁰

- Atenágoras de Atenas (século II)

Atenágoras de Atenas foi um filósofo que se converteu ao Cristianismo no século II. Escreveu seu *Apelo em favor dos Cristãos*, dirigido ao Imperador Marco Aurélio, cerca de 177. Defendeu os cristãos, a quem os pagãos, interpretando erroneamente o culto católico, acusaram de imoralidade. Mostra então que os pagãos, que eram totalmente imorais, não refreavam nem mesmo os pecados contra a natureza:

“Embora seja este o nosso caráter (Oh! Por que devo falar de coisas impróprias para serem ditas?), as coisas que dizem a nosso respeito confirmam o provérbio ‘a prostituta reprova a mulher casta’. Pois aqueles que ergueram um mercado para a fornicação e estabeleceram locais de diversão para jovens, com todo tipo de prazeres vis, e que não recusam até mesmo homens, cometendo com outros homens abominações chocantes, ultrajando todos os mais nobres e atraentes corpos de todos os modos, assim desonram o reto culto de Deus”.²⁹¹

- Tertuliano (160-225)

Tertuliano foi um grande gênio e apologista da Igreja primitiva. Infelizmente, depois de um período de fervor, sucumbiu ao ressentimento e orgulho, deixou a Igreja e aderiu à heresia montanista. Por seus escritos do período em que ainda pertencia à Igreja, é considerado um Escritor Eclesiástico, e como tal é comumente citado por Papas e teólogos.

Seu tratado *Sobre a Modéstia* é uma apologia da castidade cristã. Mostra claramente o horror que a Igreja tem ao pecado contra a natureza. Após condenar o adultério, exclama:

²⁸⁹ - www.newadvent.org/fathers/0126.htm.

²⁹⁰ - *Adversus Hæreses*, Livro I, Cap. 27, n° 3, www.newadvent.org/fathers/0103127.htm.

²⁹¹ - Pe. B.P. Pratten, *A Plea For The Christians*, cap. 34, www.newadvent.org/fathers/0205.htm.

“Mas todos os outros delírios das paixões – ímpios tanto em relação aos corpos quanto em relação aos sexos – distantes das leis da natureza, nós os expelimos não só da soleira da porta, mas de qualquer abrigo da Igreja, porque não são apenas pecados, são monstruosidades”.²⁹²

- Eusébio de Cesaréia (260-341)

Eusebius Pamphili, Bispo de Cesaréia na Palestina e “Pai da História Eclesiástica”, escreve em seu livro *Demonstratio Evangelica*:

“[Deus, na lei que deu a Moisés,] tendo proibido todo casamento fora da lei e todo costume indecente, e a união de mulher com mulher e de homem com homem”.²⁹³

- São Jerônimo (340-420)

São Jerônimo é ao mesmo tempo Padre e Doutor da Igreja. Foi também um notável exegeta e grande polemista. No seu livro *Contra Joviniano*, explica que um sodomita precisa de arrependimento e penitência para ser salvo:

“E Sodoma e Gomorra poderiam ter aplacado a cólera de Deus, se quisessem arrepender-se, e por meio do jejum ganhar para si lágrimas de arrependimento”.²⁹⁴

- São João Crisóstomo (347-407)

São João Crisóstomo é considerado o maior dos Padres gregos, e foi proclamado Doutor da Igreja. Recebeu o cognome *Crisóstomo* (boca de ouro) por sua grande habilidade oratória e pelos sermões. Foi Arcebispo e Patriarca de Constantinopla, e a sua revisão da liturgia grega é usada até hoje. Em seus sermões sobre a Epístola de São Paulo aos Romanos, discorre longamente sobre a gravidade extrema do pecado de homossexualidade:

“Mas se zombais ao ouvir falar do inferno e não acreditais naquele fogo, lembrai-vos de Sodoma. Pois nós vimos, em verdade vimos, mesmo nesta vida presente, algo semelhante ao inferno. Muitos não acreditariam absolutamente no que acontecerá após a ressurreição, mas ouvindo falar agora de um fogo inextinguível, Deus os conduz a pensar corretamente através das coisas presentes. Pois tais são a queima de Sodoma e aquele incêndio destruidor! ... Considerai quão grande foi o pecado, para forçar o aparecimento do inferno antes do tempo! ... Se aquela chuva [de enxofre] era fora do comum, as relações sexuais eram contrárias à natureza; se ela inundou a terra, a luxúria havia feito o mesmo com as almas deles. Daí também a chuva [de enxofre] ter sido o oposto da chuva comum. Ela não só não conseguiu estimular o seio da terra a produzir frutos, mas até a tornou inútil para receber a semente. Da mesma forma haviam sido as relações sexuais dos homens,

²⁹² - Apud Pe. S. Thelwall, *On Modesty*, Cap. 4, www.ccel.org/fathers2/ANF-04/anf04-19.htm.

²⁹³ - Eusébio de Cesaréia, *Demonstratio Evangelica*, Livro 4, Cap. 10, tradução de W.J. Ferrar, www.earlychristianwritings.com/fathers/eusebius_de_06_book4.htm.

²⁹⁴ - São Jerônimo, *Contra Joviniano*, Livro 2, n° 15, www.newadvent.org/fathers/30092.htm.

tornando tais corpos mais inúteis que a própria terra de Sodoma. Há algo mais detestável e mais execrável do que um homem que se prostitui?”.²⁹⁵

- Santo Agostinho (354-430)

O maior dos Padres do Ocidente e um dos grandes Doutores da Igreja, Santo Agostinho lançou os fundamentos da teologia católica. Nas suas famosas *Confissões*, ele assim condena a homossexualidade:

“Aqueles ofensas que são contrárias à natureza devem ser detestadas e punidas em todo o tempo e lugar. Assim aconteceu com os sodomitas, e todas as nações que as cometerem deveriam ser igualmente culpadas do mesmo crime ante a lei divina, pois Deus não fez os homens de tal modo que possam abusar um do outro daquele modo. Pois a amizade que deve existir entre Deus e nós é violada quando a própria natureza da qual Ele é autor é poluída pela perversão da luxúria”.²⁹⁶

- São Gregório Magno (540-604)

O Papa São Gregório I, cognominado “Magno”, é Padre e Doutor da Igreja. Introduziu o canto gregoriano na Igreja. Tendo visto alguns jovens escravos ingleses sendo vendidos no mercado em Roma, comprou a liberdade deles, dizendo: “Não são anglos, e sim anjos”. Organizou então a conversão da Inglaterra, enviando para lá Santo Agostinho de Cantuária e muitos monges beneditinos.

“A própria Sagrada Escritura confirma que o enxofre lembra o mau odor da carne, quando fala da chuva de fogo e enxofre enviada por Deus sobre Sodoma. Deus havia decidido punir Sodoma pelos crimes da carne, e o tipo de castigo que escolheu já destacava a vergonha daquele crime. Pois o enxofre exala mau odor, e o fogo queima. Assim é que os sodomitas, ardendo em desejos perversos que exalavam da carne como mau cheiro, deviam perecer pelo fogo e pelo enxofre, de tal modo que através dessa justa punição eles se dessem conta do mal que haviam cometido, guiados por um desejo perverso”.²⁹⁷

- São Pedro Damiano (1007-1072)

Doutor da Igreja, cardeal e grande reformador do clero, São Pedro Damiano escreveu seu famoso *Livro de Gomorra* contra a infiltração homossexual no clero. Descreve não só a iniquidade da homossexualidade, mas também suas conseqüências psicológicas e morais:

“Em verdade, este vício não pode jamais ser comparado com nenhum outro, pois ultrapassa a enormidade de todos os vícios. ... Ele corrompe tudo, mancha tudo, polui tudo. Por sua própria natureza, não deixa nada puro, nada limpo, nada que não seja imundície. ...

“A carne miserável arde com o calor da luxúria; a mente fria treme com o rancor da suspeita; e no coração do homem miserável o caos ferve como Tártaro

²⁹⁵ - São João Crisóstomo, *IV Homilia sobre Romanos 1:26-27*, www.ccel.org/fathers/NPNF1-11/Chrysostom/Romans/Rom-Hom04.lhtml.

²⁹⁶ - Santo Agostinho, *Confissões*, Livro II, Cap. 8, n° 15, www.newadvent.org/fathers/110103.htm.

²⁹⁷ - São Gregório Magno, *Morais sobre Jó*, Parte III, Vol. 1, livro 14, n° 23, p. 353.

[Inferno]. ... De fato, depois que essa serpente venenosa introduz suas presas na infeliz alma, o senso é retirado, a memória se desgarrá, a clareza da mente é obscurecida. Ele não se lembra mais de Deus, e até se esquece de si mesmo. Essa praga solapa os fundamentos da fé, enfraquece a força da esperança, destrói o laço da caridade; afasta a justiça, subverte a fortaleza, expulsa a temperança, entorpece a perspicácia da prudência.

“E que mais direi, se ela expulsa do coração as virtudes e introduz todos os vícios bárbaros, como se os ferrolhos das portas fossem arrancados”.²⁹⁸

- São Tomás de Aquino (1225-1274)

Comentando a Epístola de São Paulo aos Romanos (1:26-27), São Tomás de Aquino, o Doutor Angélico, explica por que o pecado de homossexualidade é tão grave: “Dado o pecado de impiedade por meio do qual eles [os romanos] pecaram contra a natureza divina [pela idolatria], seguiu-se a punição que os levou a pecar contra sua própria natureza. ... Eu afirmo portanto que, tendo eles transformado em mentiras [pela idolatria] a verdade a respeito de Deus, Deus os deixou dominar por suas paixões ignominiosas, isto é, pelos pecados contra a natureza; não que Deus os tenha levado ao mal, mas Ele os abandonou ao mal. ...

“Se todos os pecados da carne merecem condenação, pois através deles o homem se deixa dominar pelo que tem da natureza animal, muito mais merecem condenação os pecados contra a natureza, pelos quais o homem degrada sua própria natureza animal. ...

“O homem pode pecar contra a natureza de dois modos. Primeiro, quando peca contra sua natureza racional específica, agindo de modo contrário à razão. Neste sentido, pode-se dizer que cada pecado é um pecado contra a natureza do homem, por ser contrário à sua reta razão. ...

“Segundo, o homem peca contra a natureza quando contraria a natureza do seu gênero, isto é, a sua natureza animal. Ora, é evidente que, de acordo com a ordem natural, a união dos sexos entre os animais é orientada para a concepção. Disso se segue que todo ato sexual que não pode conduzir à concepção é oposto à natureza animal do homem”.²⁹⁹

- Santa Catarina de Siena (1347-1380)

Grande mística e Doutora da Igreja, Santa Catarina de Siena viveu em tempos conturbados. O Papa estava exilado em Avinhão, França, e ela influenciou para o reconduzir a Roma. Seus famosos *Diálogos* são escritos como se ditados pelo próprio Deus:

“Mas eles [os homossexuais] agem de modo contrário, ... cheios não apenas daquela impureza para a qual todos estais inclinados devido à fraqueza da vossa natureza (embora a razão, quando a vontade livre permite, possa aquietar a rebelião da natureza). Esses desgraçados não só não refreiam essa fragilidade, mas fazem

²⁹⁸ - São Pedro Damiano, *Livro de Gomorra*, tradução de Pierre J. Payer, (Waterloo, Ont.: Wilfrid Laurier University Press, 1982), pp. 63-64.

²⁹⁹ - São Tomás de Aquino, *Super Epistolam B. Pauli ad Romanos*, Cap. 1, Lec. 8, www.unalkv.es/filosofia/alarcon/amicis/cro016.html.

pior, cometendo aquele maldito pecado contra a natureza. Como cegos e insensatos, com a luz do seu intelecto obscurecida, não reconhecem o mau odor e a miséria em que se encontram. Não apenas porque esse pecado tem mau odor diante de mim, que sou a suprema e eterna Verdade, mas de fato ele me desagrada a tal ponto, e eu o tenho em tanta abominação, que por causa apenas dele Eu queimei cinco cidades por punição divina, pois a minha justiça divina não mais podia suportá-lo. Esse pecado desagrada não apenas a mim, como já disse, mas também aos próprios demônios que esses desgraçados tornaram seus senhores. Não que esse mal os desagrade [aos demônios], pois não gostam de nada que seja bom, mas porque a natureza deles, que foi originalmente angélica, provoca-lhes repugnância ao ver cometer tão enorme pecado”.³⁰⁰

- São Bernardino de Siena (1380-1444)

Foi um famoso pregador, célebre por sua doutrina e santidade. Sobre a homossexualidade, afirma:

“Nenhum pecado no mundo prende tanto a alma como a maldita sodomia, que sempre foi detestada por todos os que vivem de acordo com Deus. ... A paixão desviada é próxima à loucura; esse vício transtorna o intelecto, destrói a elevação e generosidade da alma, rebaixa a mente dos grandes pensamentos para os mais baixos, torna a pessoa preguiçosa, irascível, obstinada e endurecida, servil e relaxada e incapaz de qualquer coisa; além do mais, agitada por uma ânsia insaciável de prazer, a pessoa não obedece à razão, e sim ao delírio. ... Tornam-se cegos, e enquanto seus pensamentos deveriam elevar-se para coisas altas e grandes, são despedaçados e reduzidos a coisas vis, inúteis e pútridas, que nunca podem torná-los felizes. ... Da mesma forma que as pessoas participam na glória de Deus em diversos graus, também no inferno alguns sofrem mais que outros. Quem viveu com esse vício da sodomia sofre mais do que outros, pois este é o maior pecado”.³⁰¹

- São Pedro Canísio (1521-1597)

Jesuíta e Doutor da Igreja, São Pedro Canísio é responsável por ter a terça parte da Alemanha abandonado o luteranismo e retornado para a Igreja. À condenação que a Sagrada Escritura faz da homossexualidade, ele acrescenta a sua própria:

“Como afirma a Sagrada Escritura, os sodomitas eram maus e excessivamente pecadores. São Pedro e São Paulo condenam esse nefando e depravado pecado. De fato, a Sagrada Escritura condena essa enorme indecência deste modo: ‘O escândalo dos habitantes de Sodoma e Gomorra se multiplicou e os seus pecados se tornaram graves além de qualquer medida’. Por isso os anjos disseram a Lot, que abominava completamente a depravação dos sodomitas: ‘Abandonemos esta cidade’. A Sagrada Escritura não deixa de mencionar as causas que levaram os habitantes de Sodoma, e que também podem levar outros, a cometer esse horrível pecado. Em Ezequiel se lê: ‘Vede que essa foi a iniquidade de

³⁰⁰ - Sta. Catarina de Siena, *The Dialogue of the Seraphic Virgin* (Londres: Burns, Oates e Washbourne, Ltd., 1925), p. 255.

³⁰¹ - São Bernardino de Siena, *Sermão XXXIX in Prediche vulgari*, pp. 896-897, 915.

Sodoma: orgulho, plenitude de alimentos e abundância, e a ociosidade dela e das suas filhas: e eles não estendiam suas mãos para os necessitados e os pobres. Revoltaram-se e cometeram abominações diante de mim; e eu os levei, como vistes' (Ez 16:49-50). Os que não se envergonham de violar a lei divina e a lei natural são escravos dessa depravação nunca suficientemente execrada".³⁰²

³⁰² - São Pedro Canísio, *Summa Doctrina Christianæ*, II a/b, p. 455.

CAPÍTULO 19

DISCIPLINA ECLESIAÍSTICA: TRADUZINDO PALAVRAS EM AÇÃO

A condenação da Igreja à homossexualidade se reflete também na disciplina eclesiástica. Assim, desde os tempos primitivos, medidas disciplinares contra a homossexualidade foram adotadas em concílios e sínodos, manuais penitenciários para confessores, regulamentos internos de Ordens Religiosas, decretos papais e, mais recentemente, o Código de Direito Canônico. Este capítulo contém alguns exemplos desse mar de medidas disciplinares adotadas ao longo de 2000 anos.

Concílios e sínodos

Existem condenações conciliares e sinodais à homossexualidade registradas desde o Concílio de Elvira, Espanha (Cânon 71), no ano 306. De todas as assembléias eclesiásticas,³⁰³ o 3º Concílio Ecumênico de Latrão, de 1179, forneceu a mais decisiva contribuição à Lei Canônica e à disciplina geral da Igreja no que se refere à homossexualidade. O cânon 11 desse concílio diz:

“Todos aqueles culpados do vício antinatural pelo qual a ira de Deus desceu sobre os filhos da desobediência e destruiu as cinco cidades com fogo, se são clérigos, que sejam expulsos do clero e confinados em mosteiros para fazerem penitência; se são leigos, devem ser excomungados e completamente separados da sociedade dos fiéis”.³⁰⁴

O 5º Concílio Ecumênico de Latrão (1512-1517) estabeleceu que qualquer membro do clero surpreendido na prática da homossexualidade seja suspenso de ordens ou obrigado a fazer penitência em um mosteiro.³⁰⁵

Decretais e outras decisões pontifícias

Decretais eram decisões papais sobre assuntos disciplinares, emitidas como resoluções do Papa a pedido da Igreja, ou quando a orientação papal era solicitada. Coleções de decretais compiladas na Idade Média foram importantes para o desenvolvimento do Direito Canônico.

A coleção mais famosa é conhecida como *Decreto de Graciano*. Foi compilada pelo monge Graciano, de Bolonha, Itália, e também menciona a homossexualidade.

³⁰³ - Outros concílios e sínodos que condenam a homossexualidade, em ordem cronológica, incluem: 314 – Concílio de Ancira em Galácia (cânones 16-17); 567 – Segundo Concílio de Tours, França (Cânon 14); 693 – Décimo sexto Concílio de Toledo, Espanha (cânon 3); 829 – Concílio de Paris (cânones 34 e 69); 909 – Concílio de Trosly (cânon 15); 1049 – Concílio de Reims; 1102 – Concílio de Londres (cânones 28 e 29); 1120 – Concílio de Nablus (cânones 8-11); 1212 – Sínodo de Paris; 1214 – Sínodo de Rouen; 1215 – Quarto Concílio Ecumênico de Latrão (cânon 14); 1216-1219 – Sínodo de Angers; 1246 – Sínodo de Beziers. Cf. Pierre J. Payer, Introdução ao livro de São Pedro Damiano, *Book of Gomorrah*.

³⁰⁴ - 3º Concílio Ecumênico de Latrão, cânon 11, www.ewtn.com/library/Councils/Lateran3.htm.

³⁰⁵ - Cf. Roberto de Mattei, ed., *Église et Homosexualité* (Paris: Pierre Tequi, 1995), p. 19.

Outra decretal é uma carta do Papa Inocêncio III, de 1203, sobre a prática da homossexualidade em Mâcon, França.³⁰⁶

Em 1233, o Papa Gregório IX promulgou a Bula *Vox in Rama*, condenando as atividades de Conrado de Marburgo, um líder herético que consentia em orgias bissexuais.³⁰⁷ No ano seguinte, o mesmo Papa publicou a Bula *Liber Extra*, reiterando o cânon adotado no 3º Concílio de Latrão em 1179.³⁰⁸

Em 1º de abril de 1566, o Papa São Pio V promulgou a Bula *Cum Primum*, que diz:

“Tendo posto nossa atenção na remoção de tudo quanto possa de alguma maneira ofender a divina majestade, resolvemos punir acima de tudo, e sem leniência, aquelas coisas que, com base na autoridade da Sagrada Escritura ou nos mais graves exemplos, são conhecidas por desagradar a Deus e provocar sua ira mais do que outras, isto é: negligência no culto divino, simonia ruinosa, o crime de blasfêmia e o vício libidinoso execrável contra a natureza; por essas faltas, povos e nações são punidas por Deus com catástrofes, guerras, fome e peste. ...

“Quem cometer o nefando crime contra a natureza, que levou a cólera de Deus a cair sobre os filhos da iniquidade, será entregue ao braço secular para ser punido; se for clérigo, será sujeito à mesma pena, depois de despojado do seu ofício”.³⁰⁹

Em 30 de agosto de 1568, o Papa São Pio V lançou uma segunda Bula, *Horrendum illud scelus*, que estabelece:

“Aquele horrendo crime, pelo qual as cidades corruptas e obscenas [Sodoma e Gomorra] foram queimadas por condenação divina, nos enche de amarga dor e nos estimula veementemente a reprimir tal crime com o maior zelo possível. Com toda a razão o 5º Concílio de Latrão (1512-1517) estabelece que todo membro do clero apanhado na prática do vício contra a natureza, pelo qual a cólera divina caiu sobre os filhos da iniquidade, seja despojado das ordens clericais ou obrigado a fazer penitência em um mosteiro (c.4, X, V, 31). Para que o contágio de tão grande flagelo não se propague com maior audácia valendo-se da impunidade, que é o maior incentivo ao pecado, e a fim de castigar mais severamente os clérigos culpados desse nefando crime que não estejam aterrorizados com a morte da alma, decidimos que eles sejam castigados pela autoridade secular, que faz cumprir a lei.

“Portanto, com o desejo de adotar com maior vigor o que decretamos desde o início do Nosso Pontificado (Bula *Cum Primum*), estabelecemos que todo sacerdote ou membro do clero, seja secular ou regular, de qualquer grau ou dignidade, que cometa esse horrível crime, por força da presente lei seja privado de todo privilégio clerical, ofício, dignidade e benefício eclesiástico; e que, uma vez degradado pelo juiz eclesiástico, seja entregue à autoridade civil para receber a mesma punição que a lei reserva aos leigos que se lançaram nesse abismo”.³¹⁰

O Catecismo de 1910, do Papa São Pio X, diz que a sodomia está classificada em gravidade logo depois do homicídio voluntário, entre os pecados que “clamam a Deus por

³⁰⁶ - In J.P. Migne, ed., *Patrologia Latina*, 215:189, www.geocities.com/parsea/ScrapingTheBarrel.html.

³⁰⁷ - Cf. www.geocities.com/parsea/ScrapingTheBarrel.html.

³⁰⁸ - *Ibid.*

³⁰⁹ - São Pio V, Bula *Cum Primum*, in *Bullarium Romanum*, vol. 4, cap. 2, pp. 284-286.

³¹⁰ - São Pio V, Bula *Horrendum Illud scelus*, in *Bullarium Romanum*, vol. 4, cap. 3, p. 33.

vingança”. Conforme explica o Catecismo, “desses pecados se diz que clamam a Deus por vingança, porque o Espírito Santo assim o diz, e porque a sua iniquidade é tão grave e evidente, que provoca a punição de Deus com os castigos mais severos”.³¹¹

O Código de Direito Canônico de 1917

O Papa São Pio X iniciou o projeto de codificação das leis da Igreja, mas não viveu para vê-lo completado. Seu sucessor, Bento XV, promulgou o Código de Direito Canônico em 1917. Incorporava todas as normas internas disciplinares acumuladas pela Igreja ao longo de dezenove séculos.

Os leigos que cometessem o delito de sodomia eram punidos *ipso facto* com a penalidade de infâmia³¹² e com outras sanções a critério do bispo local. O cânon 2357, §1, diz:

“Os leigos que tenham sido legitimamente condenados por delitos contra o sexto mandamento, cometidos com menores que não tenham chegado aos dezesseis anos de idade, ou por estupro, *sodomia*, incesto, lenocínio, são *ipso facto* infames, ademais de outras penas que o Ordinário queira impor-lhes”.

O cânon 2358 prevê que clérigos de ordens menores (os que não são ainda subdiáconos ou acima) sejam punidos “até pela dispensa do estado clerical”.

Com relação aos clérigos de ordens mais elevadas (diácono, sacerdote e bispo), o Código de 1917 prevê (cânon 2359):

“Se cometeram um crime contra o sexto mandamento com um menor de 16 anos de idade, ou cometeram adultério, estupro, bestialidade, *sodomia*, lenocínio, ou incesto com consangüíneos ou afins, serão suspensos de ordem, declarados infames, privados de qualquer ofício, benefício, dignidade ou cargo que possam ter, e, em casos mais graves, serão depostos”.³¹³

Sendo declarados *infames*, os leigos e clérigos que cometeram o delito de sodomia eram automaticamente relegados ao estado de *irregularidade*:

“Irregularidade pode ser definida como um perpétuo impedimento, estabelecido pela lei eclesiástica, proibindo primariamente a recepção de ordens sacras, e secundariamente o exercício de ordens já recebidas”.³¹⁴

O Código de Direito Canônico de 1983

Em 1983, o Papa João Paulo II promulgou uma revisão do Código de Direito Canônico. Este novo código mantém para os clérigos que cometam pecados contra a castidade – embora deixe de especificá-los, exceto o pecado de concubinato – sanção

³¹¹ - São Pio X, *Catecismo de São Pio X*, www.ewtn.com/library/Catechism/PiusXcat.htm.

³¹² - *Infâmia*: “Estigma ligado ao caráter de uma pessoa, na lei canônica. Pode ser de dois tipos: *Infamia facti*, ou perda do bom nome em virtude de crime ou má conduta; e *infamia juris*, estigma conferido por lei comum a certas pessoas, como penalidade vindicativa” (Donald Attwater, s.v., *Infamy*, in *A Catholic Dictionary*, New York: The MacMillan Co., 1953, p. 254).

³¹³ - T. Lincoln Bouscaren, S.J.-Adam C. Ellis, S.J., *Canon Law: A Text and Commentary* (Milwaukee: The Bruce Publishing Co., 1953), pp. 931-932.

³¹⁴ - *Ibid.*, p. 913.

relativa aos vários “pecados externos contra o sexto mandamento”. A seção que trata do assunto é o cânon 1395, que está assim redigido:

“§1. Exceto o caso mencionado no cânon 1394, um clérigo que vive em concubinato, ou que permaneça em outro pecado externo contra o sexto mandamento do Decálogo que produza escândalo, deve ser punido com suspensão; e se o clérigo persiste em tal ofensa depois de ter sido advertido, outras penalidades podem ser acrescentadas gradualmente, inclusive a dispensa do estado clerical.

“§2. Se um clérigo cometeu de outro modo uma ofensa contra o sexto mandamento do Decálogo com o uso da força, ou ameaças, ou publicamente, ou com um menor de 16 anos, deve ser punido com justas penalidades, incluindo a dispensa do estado clerical se o caso o exigir”.³¹⁵

Comentário do canonista J. Green afirma que a referência ao concubinato no parágrafo primeiro “engloba também outras ofensas *habituais* de um clérigo envolvendo escândalo, não exclusivamente o de relação concubinária”. No comentário ao segundo parágrafo, ele afirma: “O segundo parágrafo trata de certas ofensas clericais *não-habituais*, que são especialmente sérias se perpetradas publicamente, ou mediante a força ou ameaças, ou com pessoas de ambos os sexos menores de 16 anos”.³¹⁶

Documento do Vaticano sobre a seleção e treinamento de candidatos ao sacerdócio

Em 2 de fevereiro de 1961, a Sagrada Congregação para os Religiosos promulgou sua Instrução *Religiosorum Institutio*, a respeito de *Seleção Cuidadosa e Treinamento de Candidatos aos Estados de Perfeição e Ordens Sacras*. Essa diretiva do Vaticano foi enviada diretamente aos superiores de ordens e congregações religiosas. O documento afirma:

“Se um estudante de seminário menor pecou gravemente contra o sexto mandamento com uma pessoa do mesmo sexo ou do outro sexo, ou foi ocasião de escândalo grave em matéria de castidade, deve ser expulso imediatamente, como prevê o cânon 1371. ...

“Se um noviço ou um religioso professo que ainda não fez votos perpétuos for culpado da mesma ofensa, deve ser expulso da comunidade; ou, se as circunstâncias assim o exigirem, deve ser dispensado como estipulado no cânon 647, §2, n° 1.

“Se um religioso professo for julgado culpado de qualquer desses pecados, deve ser perpetuamente excluído da tonsura e da recepção de qualquer ordem posterior. ...

“Por fim, se for subdiácono ou diácono, sem prejuízo das diretivas acima mencionadas, e se assim o caso exigir, os superiores devem deixar para a Santa Sé a questão da redução ao estado leigo.

“Por estas razões, clérigos em sua diocese ou religiosos em outra comunidade, que pecaram gravemente contra a castidade com outra pessoa, não devem ser admitidos com vistas ao sacerdócio. ...

³¹⁵ - *The Code of Canon Law: A Text and Commentary*, James A. Coriden, Thomas J. Green e Donald E. Heinstchel, eds. (New York: Paulist Press, 1985), p. 929.

³¹⁶ - *Ibid.*

“O caminho para os votos religiosos e ordenação deve ser barrado para aqueles afligidos por graves tendências à homossexualidade ou pederastia, tendo em vista que para eles a vida comunitária e o ministério sacerdotal constituiria sério perigo”.³¹⁷

Como se pode ver, a Igreja Católica sempre condenou a homossexualidade, tanto na sua doutrina moral quanto na sua disciplina interna.

³¹⁷ - Este documento não foi publicado na *Acta Apostolicae Sedis*. Porém foi publicado na íntegra em inglês, no *Canon Law Digest* (Milwaukee: The Bruce Publishing Co., 1963), vol. 5, pp. 452-486. Pode ser encontrado em muitos *websites*, por exemplo:
www.helpthebishops.com/THE%20CANON%20LAW%20DIGEST.htm.

CAPÍTULO 20

RECENTES CONDENAÇÕES DA IGREJA À HOMOSSEXUALIDADE

Certos teólogos e escritores modernos criam um clima de confusão, alegando que a Igreja mudou seu ensinamento oficial sobre a homossexualidade. Contudo, tais alegações são completamente falsas. Na verdade, à medida que cresceu a controvérsia, a Santa Sé publicou uma série de diretrizes reafirmando a posição da igreja. Não pode haver dúvida de que a condenação da Igreja permanece inalterada.

***Persona Humana* – uma declaração sobre moral sexual**

Em 29 de dezembro de 1975, em meio ao abandono da moral cristã provocado pela revolução sexual, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé publicou o documento *Persona Humana – Declaração Sobre Certas Questões Relativas à Moral Sexual*.³¹⁸ Denuncia o subjetivismo moral prevalente, que muitos teólogos estavam defendendo com base em uma abordagem pastoral mal orientada.

Persona Humana descreve a influência da revolução sexual sobre toda a sociedade, particularmente através da mídia, e lembra aos católicos que a moral não depende dos caprichos humanos ou das mudanças culturais, e sim da Lei Natural.

A declaração relembra a doutrina categórica da Igreja e da ética natural, de que todo ato sexual fora do matrimônio é pecaminoso. Conseqüentemente condena o sexo pré-marital, a coabitação, a masturbação e a homossexualidade.³¹⁹ O documento condena a conclusão de que uma relação homossexual estável análoga ao matrimônio possa ser justificada:

“Não pode ser usado nenhum método pastoral que dê justificação moral a esses atos com base em que eles seriam consoantes com a condição de tais pessoas. Pois, de acordo com a ordem moral objetiva, as relações homossexuais são atos desprovidos de uma finalidade essencial e indispensável”.³²⁰

Carta sobre o cuidado pastoral de pessoas homossexuais

Em 1º de outubro de 1986, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé publicou um novo documento intitulado *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o Cuidado Pastoral de Pessoas Homossexuais*.³²¹ Relembra a distinção entre tendência e prática homossexual.

³¹⁸ - Disponível em

www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith/doc/19751229_persona-humana_en.html. Mencionaremos este documento como *Persona Humana*.

³¹⁹ - *Persona Humana*, VII, IX.

³²⁰ - *Persona Humana*, VIII.

³²¹ - Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, *Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o Cuidado Pastoral de Pessoas Homossexuais*. Disponível em

www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_en.html. Referida a seguir como *Carta*.

“Embora a inclinação particular da pessoa homossexual não seja pecado, é uma tendência mais ou menos forte orientada para um mal moral intrínseco; e portanto a própria inclinação deve ser vista como uma desordem objetiva.”³²²

A Carta condena também os erros dos exegetas bíblicos que apóiam a homossexualidade, dizendo que não há sombra de dúvida sobre a condenação moral da Escritura à homossexualidade.³²³

Depois de lembrar a doutrina de que o ato sexual é legítimo apenas no matrimônio, afirma: “Age portanto imoralmente uma pessoa que pratica a homossexualidade”.³²⁴

Ao condenar os crimes cometidos contra os homossexuais, a Carta contesta que esses crimes possam servir de pretexto para justificar a homossexualidade, muito menos criar legislação especial para proteger um comportamento condenável.

A carta afirma que os que sofrem de atração pelo mesmo sexo encontrarão soluções para a sua difícil situação na Cruz de Nosso Senhor:

“Fundamentalmente, eles são chamados a praticar o desígnio de Deus em suas vidas associando ao sacrifício da Cruz do Senhor todos os sofrimentos e dificuldades que tenham, decorrentes da sua condição”.³²⁵

Encíclica *Veritatis Splendor*

Em 1993, o Papa João Paulo II publicou sua encíclica *Veritatis Splendor*, sobre assuntos fundamentais que envolvem o ensinamento moral da Igreja.³²⁶ A encíclica é uma importante reafirmação da Lei Natural e da perene condenação da homossexualidade.

Certos teólogos alegam que os documentos do Magistério, particularmente sobre a moral sexual e conjugal, foram influenciados por um modo de entender a Lei Natural o qual “apresentaria como leis morais leis que, em si próprias, seriam somente biológicas”. “Com base numa concepção naturalista do ato sexual, teriam sido condenadas como moralmente inadmissíveis a contracepção, a esterilização direta, a masturbação, as relações pré-matrimoniais, as relações homossexuais, como também a fecundação artificial”.³²⁷

Opondo-se a esses erros, a encíclica afirma:

“Ao ensinar a existência de atos intrinsecamente maus, a Igreja cinge-se à doutrina da Sagrada Escritura. O apóstolo Paulo afirma categoricamente: ‘Não vos enganeis: Nem imorais, nem idólatras, nem adúlteros, nem efeminados, nem sodomitas, nem ladrões, nem avaros, nem maldizentes, nem os que se dão à embriaguez, nem salteadores possuirão o Reino de Deus’ (1 Cor 6, 9-10)”.³²⁸

³²² - Carta, n° 3.

³²³ - Carta, n° 6.

³²⁴ - Carta, n° 7.

³²⁵ - Carta, n° 12.

³²⁶ - João Paulo II, *Veritatis Splendor*, sobre algumas questões fundamentais do Ensino Moral da Igreja, 6 de agosto de 1993. Citamos o texto em português disponível em http://www.vatican.va/edocs/POR0072/_INDEX.HTM.

³²⁷ - *Veritatis Splendor*, n° 47.

³²⁸ - *Veritatis Splendor*, n° 81.

Catecismo da Igreja Católica

Em 1994, o Vaticano publicou o *Catecismo da Igreja Católica*,³²⁹ que reafirmou a doutrina expressa em documentos anteriores. O *Catecismo* ensina claramente que a homossexualidade é contrária à natureza, e que os atos homossexuais estão entre os “pecados gravemente contrários à castidade”.³³⁰

Conforme o *Catecismo*, os atos homossexuais são “intrinsecamente desordenados”, “contrários à Lei Natural”, e “em nenhuma circunstância podem ser aprovados”.³³¹ A inclinação homossexual “é objetivamente desordenada”, mas os que a têm “devem ser aceitos com respeito, compaixão e sensibilidade”, sem “discriminação injusta”. Eles são chamados a cumprir a vontade de Deus nas suas vidas, e se são cristãos, a unirem ao sacrifício de Nosso Senhor na Cruz as dificuldades com que possam deparar em decorrência da sua condição”.³³²

³²⁹ - O *Catecismo da Igreja Católica* foi originalmente publicado em francês, posteriormente traduzido para muitas línguas e publicado em todo o mundo. A Edição Típica Latina, com muitas correções, foi publicada em 1997. A versão corrente em inglês é baseada nessa Edição Típica, na qual nos baseamos através do *website* www.vatican.va/archive/ccc_css/archive/catechism/ccc_toc.htm. Nas referências, será mencionada como CIC.

³³⁰ - CIC, 2396.

³³¹ - CIC, 2357.

³³² - CIC, 2358.

CAPÍTULO 21

A CONDENAÇÃO DE 2003 DO VATICANO

A revolução homossexual conseguiu recentemente grandes vitórias judiciais e legislativas em vários países. Isso levou a Santa Sé a lançar outro documento lembrando a doutrina católica sobre moral sexual, condenando a homossexualidade e convocando os católicos a se oporem à legalização de uniões homossexuais.

Com o título *Considerações sobre Propostas para Conceder Reconhecimento Legal a Uniões entre Pessoas Homossexuais*, o documento foi publicado em 31 de julho de 2003 pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Foi assinado pelo Cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito, e pelo Arcebispo Angelo Amato, Secretário.³³³

Escrito para todos

Embora escrito para todos, o documento faz especial menção aos bispos e aos políticos católicos, pois estes podem intervir mais diretamente contra a ofensiva legislativa do movimento homossexual. Para os bispos, o documento é destinado a “recordar os pontos essenciais sobre o referido problema e fornecer algumas argumentações de caráter racional”, de tal modo que possam conduzir “intervenções mais específicas”. Tais argumentos são úteis também para os políticos católicos, cujas vidas públicas devem ser “coerentes com a consciência cristã”. Finalmente, é destinado “a todos os que estão empenhados na promoção e defesa do bem comum da sociedade”.³³⁴ Por isso o documento apresenta argumentos baseados na razão natural.

O casamento só existe entre homem e mulher

Com base no princípio de que o casamento supõe “a complementaridade dos sexos”, o documento explica que o “matrimônio não é uma união qualquer entre pessoas humanas. Foi fundado pelo Criador, com uma natureza sua, propriedades essenciais e finalidades”.

Esta verdade é tão evidente, que “nenhuma ideologia pode cancelar do espírito humano a certeza de que só existe matrimônio entre duas pessoas de sexo diferente”.³³⁵ E prossegue:

“Não existe nenhum fundamento para equiparar ou estabelecer analogias, mesmo remotas, entre as uniões homossexuais e o plano de Deus sobre o matrimônio e a família. O matrimônio é santo, ao passo que *as relações homossexuais estão em contraste com a lei moral natural*. Os atos homossexuais, de

³³³ - Congregação para a Doutrina da Fé, *Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*, 3 de Junho de 2003. Mencionaremos este documento como: *Considerações*. Disponível em

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20030731_homosexual-unions_po.html

³³⁴ - *Considerações*, n° 1.

³³⁵ - *Ibid.*, n° 2.

fato, ‘fecham o ato sexual ao dom da vida. Não são fruto de uma verdadeira complementaridade afetiva e sexual, e de maneira nenhuma podem ser aprovados.

“Na Sagrada Escritura, as relações homossexuais ‘são condenadas como graves depravações. ... (cf. Rom 1, 24-27; 1 Cor 6, 10; 1 Tm 1, 10). Desse juízo da Escritura não se pode concluir que todos os que sofrem de semelhante anomalia sejam pessoalmente responsáveis por ela, mas nele se afirma que os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados’. Idêntico juízo moral se encontra em muitos escritores eclesiásticos dos primeiros séculos, e é unanimemente aceito pela Tradição católica”.³³⁶

A homossexualidade é um pecado grave contra a castidade

Depois de lembrar que as pessoas com inclinação desviada devem ser tratadas com respeito e compaixão, o documento cita o *Catecismo da Igreja Católica*, que afirma ser tal inclinação “objetivamente desordenada”, e as práticas homossexuais estão entre os “pecados gravemente contrários à castidade”.³³⁷

O dever de opor resistência clara e enfática

O documento acentua que o movimento homossexual se aproveita da tolerância legal para promover sua ideologia e colocar em risco especialmente a juventude. Adverte que “a tolerância do mal é muito diferente da aprovação ou legalização do mal”.³³⁸ Mesmo quando as uniões homossexuais sejam legalizadas, “é um dever opor-se-lhe de modo claro e incisivo”.³³⁹

Insiste ainda que “qualquer forma de cooperação formal na promulgação ou aplicação de leis tão gravemente injustas” deve ser evitada. “Nesta matéria, cada qual pode reivindicar o direito à objeção de consciência”.³⁴⁰

Leis favoráveis a uniões homossexuais são contrárias à reta razão

De fato, “a lei civil, todavia, não pode entrar em contradição com a reta razão, sob pena de perder a força de obrigar a consciência. Qualquer lei feita pelos homens tem razão de lei na medida em que estiver em conformidade com a lei moral natural, reconhecida pela reta razão, e sobretudo na medida em que respeitar os direitos inalienáveis de toda a pessoa”.³⁴¹

Daí, “as legislações que favorecem as uniões homossexuais são contrárias à reta razão, porque dão à união entre duas pessoas do mesmo sexo garantias jurídicas análogas às da instituição matrimonial. ... O Estado não pode legalizar tais uniões sem faltar ao seu dever de promover e tutelar uma instituição essencial ao bem comum, como é o matrimônio”.³⁴²

³³⁶ - Ibid., n° 4.

³³⁷ - Ibid.

³³⁸ - Ibid., n° 5.

³³⁹ - Ibid.

³⁴⁰ - Ibid.

³⁴¹ - Ibid., n° 6.

³⁴² - Ibid.

O reconhecimento legal promove a homossexualidade e enfraquece o casamento

O movimento homossexual levanta freqüentemente uma objeção, segundo a qual a lei permitindo uniões homossexuais não impõe nada e não fere o bem comum. O documento refuta essa objeção:

“A tal propósito convém refletir, antes de mais, na diferença que existe entre o comportamento homossexual como fenômeno privado e o mesmo comportamento como relação social legalmente prevista e aprovada, a ponto de se tornar uma das instituições do ordenamento jurídico. O segundo fenômeno não só é mais grave, mas assume uma relevância ainda mais vasta e profunda, e acabaria por introduzir alterações na inteira organização social, que se tornariam contrárias ao bem comum. As leis civis são princípios que estruturam a vida do homem no seio da sociedade, para o bem ou para o mal. ‘Desempenham uma função muito importante, e por vezes determinante, na promoção de uma mentalidade e de um costume’. As formas de vida e os modelos que nela se exprimem não só configuram externamente a vida social, mas ao mesmo tempo tendem a modificar, nas novas gerações, a compreensão e avaliação dos comportamentos. A legalização das uniões homossexuais acabaria, portanto, por ofuscar a percepção de alguns valores morais fundamentais e desvalorizar a instituição matrimonial”.³⁴³

Não há analogia entre uniões homossexuais e o casamento

Do ponto de vista antropológico e biológico, a própria natureza torna impossível comparar até mesmo remotamente qualquer tipo de união homossexual com o casamento:

“Nas uniões homossexuais estão totalmente ausentes os elementos biológicos e antropológicos do matrimônio e da família, que poderiam dar um fundamento racional ao reconhecimento legal dessas uniões. Estas não se encontram em condição de garantir de modo adequado a procriação e a sobrevivência da espécie humana”.³⁴⁴

O recurso da procriação artificial em nada contribui para alterar este fato ou para tornar naturais as uniões homossexuais. Ao contrário, mostra “uma grave falta de respeito pela dignidade humana”.³⁴⁵ As uniões homossexuais são incapazes de verdadeira “dimensão conjugal, que representa a forma humana e ordenada de sexualidade”.³⁴⁶

Adoção homossexual: violência contra crianças inocentes

Quanto à adoção de crianças por homossexuais, o documento nota com muito acerto que isso “significa, na realidade, praticar a violência sobre essas crianças”, cuja situação de fraqueza e dependência as colocaria “em ambientes que não favorecem o seu pleno desenvolvimento humano”. Além de gravemente imoral, a adoção de crianças por

³⁴³ - Ibid.

³⁴⁴ - Ibid., n° 7.

³⁴⁵ - Cf. Congregação para a Doutrina da Fé, Instrução *Donum vitae* (22 de fevereiro de 1987), II. A. 1-3.

³⁴⁶ - *Considerações*, n° 7.

homossexuais violaria o princípio de que “a parte mais fraca e indefesa” deve ser sempre favorecida e protegida.³⁴⁷

Como a função do Estado é proteger o fraco, neste caso ele deve defender as crianças, ao invés de expô-las a graves riscos psicológicos e morais.

A redefinição do casamento destruirá a sociedade

O documento insiste em que a sobrevivência da sociedade está vinculada a uma família florescente, firmemente estabelecida sobre o matrimônio. Acentua também as graves conseqüências para a sociedade se uniões homossexuais forem legalizadas:

“A conseqüência imediata e inevitável do reconhecimento legal das uniões homossexuais seria a redefinição do matrimônio, o qual se converteria numa instituição que, na sua essência legalmente reconhecida, perderia a referência essencial aos fatores ligados à heterossexualidade, como são, por exemplo, as funções procriadora e educadora. Se, do ponto de vista legal, o matrimônio entre duas pessoas de sexo diferente for considerado apenas como um dos matrimônios possíveis, o conceito de matrimônio sofrerá uma alteração radical, com grave prejuízo para o bem comum. Colocando a união homossexual num plano jurídico análogo ao do matrimônio ou da família, o Estado comporta-se de modo arbitrário e entra em contradição com os próprios deveres”.³⁴⁸

Não é injusto negar o que não se deve por justiça

O movimento homossexual alega que manter ilegais as uniões homossexuais é discriminação e uma violação da justiça, pois os homossexuais têm igual direito ao casamento e seus benefícios. O documento responde a esse sofisma:

“Não atribuir o estatuto social e jurídico de matrimônio a formas de vida que não são nem podem ser matrimoniais, não é contra a justiça; antes, é uma sua exigência”.³⁴⁹

A verdadeira autonomia nunca fere o bem comum

O documento do Vaticano refuta também o argumento de autonomia, usado pela Suprema Corte na decisão de *Lawrence x Texas*:

“Nem tampouco se pode razoavelmente invocar o princípio da justa autonomia pessoal. Uma coisa é todo cidadão poder realizar livremente atividades do seu interesse, e que essas atividades que reentrem genericamente nos comuns direitos civis de liberdade; e outra muito diferente é que atividades que não representam um significativo e positivo contributo para o desenvolvimento da pessoa e da sociedade possam receber do Estado um reconhecimento legal específico e qualificado. As uniões homossexuais não desempenham, nem mesmo em sentido analógico remoto, as funções pelas quais o matrimônio e a família merecem um reconhecimento específico e qualificado. Há, pelo contrário, razões

³⁴⁷ - Ibid.

³⁴⁸ - Ibid. n° 8.

³⁴⁹ - Ibid.

válidas para afirmar que tais uniões são nocivas a um reto progresso da sociedade humana, sobretudo se aumentasse a sua efetiva incidência sobre o tecido social”.³⁵⁰

Políticos católicos precisam ser coerentes com a sua fé

Na seção *Posições dos políticos católicos em relação à legislação em favor de uniões homossexuais*, o documento ressalta a obrigação de os políticos católicos³⁵¹ se oporem a tais propostas legislativas:

“Se todos os fiéis são obrigados a opor-se ao reconhecimento legal das uniões homossexuais, os políticos católicos o são de modo especial, na linha da responsabilidade que lhes é própria. ... O parlamentar católico tem o dever moral de manifestar clara e publicamente o seu desacordo e votar contra esse projeto de lei. Conceder o sufrágio do próprio voto a um texto legislativo tão nocivo ao bem comum da sociedade é um ato gravemente imoral”.³⁵²

O comportamento homossexual e as uniões homossexuais simplesmente não podem ser aprovados

O documento insiste:

“A Igreja ensina que o respeito para com as pessoas homossexuais não pode levar, de modo nenhum, à aprovação do comportamento homossexual ou ao reconhecimento legal das uniões homossexuais”.³⁵³

Portanto, não resta nenhuma dúvida de que todos os católicos têm o dever de opor-se à agenda homossexual. O ensinamento moral da Igreja não pode mudar.

³⁵⁰ - Ibid.

³⁵¹ - Alguns políticos católicos invocaram o secular princípio de separação entre a Igreja e o Estado como desculpa para marginalizar a moralidade católica na vida pública. O que de fato eles estão fazendo é separar, em si mesmos, o “católico” do “político”. Esta separação viola a unidade do ser humano e as premissas da moral e da lógica. Todo homem é julgado por Deus de acordo com seus pensamentos, palavras e obras, e portanto de acordo com a unicidade da sua personalidade.

³⁵² - *Considerações*, n° 10.

³⁵³ - Ibid. n° 11.

QUADRO

OS MÁRTIRES DE UGANDA: SANTOS CARLOS LWANGA E COMPANHEIROS

A história dos mártires de Uganda é uma lição oportuna para os que se opõem à homossexualidade. Mostra como é possível, com a ajuda da graça de Deus, resistir contra as ferozes pressões em favor da homossexualidade, mesmo ao preço da própria vida.

No fim do século XIX, uma missão católica se estabeleceu em Buganda, hoje Uganda, na África Central. A Fé foi inicialmente bem recebida, mas isso mudou no reinado de Mwanga, que perseguiu a Igreja.

Esse governante tribal costumava sodomizar os jovens pajens que serviam na corte, para satisfazer sua luxúria. Quando eram pagãos, esses jovens se submetiam aos desejos dele, mas resistiram ao régulo quando foram batizados, por considerarem essas práticas gravemente ofensivas à lei de Deus.

José Mkasa era responsável pelos pajens do rei. Como católico, fez tudo quanto pôde para protegê-los contra o régulo, que reagiu mandando degolá-lo em 15 de novembro de 1885. Carlos Lwanga, também católico, sucedeu a José Mkasa, e como ele protegeu as jovens vítimas.

A ira de Mwanga não conheceu limites. Percebendo que a Fé era a causa da resistência, resolveu exterminá-la do reino. Ordenou que os pajens se apresentassem diante dele e que os cristãos fossem separados dos demais. Liderados por Carlos Lwanga, os pajens cristãos obedeceram. Dois outros pajens já prisioneiros juntaram-se a eles, e também dois soldados. O régulo perguntou-lhes se queriam permanecer cristãos. “Até a morte!”, responderam. “Então matem-nos!”.

Alguns dos mártires nunca chegaram ao local da execução, sendo perfurados por lanças ou retalhados em pedaços no caminho. Os outros suportaram a morte cruel de serem queimados vivos. O martírio ocorreu no dia da Ascensão, 3 de junho de 1886.

Os 22 mártires de Uganda foram beatificados em 1920 e solenemente canonizados em 1964, sendo sua festa celebrada no dia 3 de junho.

CONCLUSÃO

Ligando-se a outras questões morais, como o aborto, o debate homossexual polariza agora a nação. Se o movimento homossexual progredir, forçará mudanças maiores nas leis e instituições do nosso país.

No entanto, o debate vai muito além da mera legislação ou de mudanças sociais. Quando a decisão do Supremo Tribunal no caso *Lawrence x Texas* subverteu a moralidade nas leis, despertou no público a noção do significado do nosso lema: “*One nation under God*” (Uma nação unida sob a proteção de Deus).

De fato, ao longo da nossa história, amplos setores do público americano se identificaram fortemente com essa percepção religiosa. Ela impregna a nossa cultura, nós a inscrevemos na nossa moeda e a inserimos nas nossas leis. Como americanos, temos arraigada em nós a idéia de que Deus e a sua Lei têm o direito de serem honrados e obedecidos, e que qualquer nação que os rejeita está cavando sua própria ruína.

Abandonar essa percepção é quase o mesmo que renunciar ao que significa ser americano. É pedir-nos que voltemos as costas para os valores que serviram por tanto tempo para manter nossa moralidade, garantir a ordem pública e formar o elemento espiritual que une o país a Deus.

O movimento para impor o casamento homossexual é agora a ponta de lança de amplos esforços convidando os Estados Unidos a renunciarem à sua concepção religiosa.

Ao declarar, na decisão do processo *Lawrence x Texas*, que, em último termo, a moralidade baseada nos Dez Mandamentos não tem mais nenhuma sustentação legal, a Suprema Corte juntou-se aos radicais, que agora querem mais: proscriver de nossa vida pública qualquer reconhecimento de Deus e eliminar a moralidade do mundo legal e cultural.

Essa descristianização do país já está avançada.

Nós a vemos, por exemplo, na contínua onda de blasfêmias em peças teatrais, filmes, “obras de arte”, nas quais Deus e Sua Mãe Santíssima são desonrados. Tais blasfêmias são perpetradas com freqüência em instituições públicas e a expensas dos contribuintes.

Exemplo frisante é a peça *Corpus Christi*, em que Nosso Senhor é apresentado como “rei dos homossexuais”, ou na *A história mais fabulosa jamais contada*, com sua versão homossexual do Gênesis e sua apresentação da Virgem Santíssima como lésbica.

Nós o vemos em tentativas de suprimir a liberdade do Cristianismo, expulsando-o dos lugares públicos, das escolas e até dos lares.

As vítimas não poderiam ser mais inocentes. Um professor de primeiro grau em Sacramento County, Califórnia, diz que o diretor proibiu os professores de proferir a palavra *Christmas* (Natal) em aula ou em textos escritos. Um estudante de St. Louis foi repreendido publicamente na escola por inclinar a cabeça em oração, antes das refeições. Uma mãe de Denver foi avisada, por um juiz, de que a condição para ela manter a custódia da filha é não expô-la a literatura cristã “homofóbica”.

E agora, até o caráter de “sob a proteção de Deus” é arrancado de nosso Juramento de Fidelidade, e um monumento aos Dez Mandamentos é ignominiosamente removido da rotunda do Supremo Tribunal do Alabama.

Tudo isso é feito com uma insensibilidade que nos faz indagar para onde estamos sendo conduzidos.

Use este livro para reagir, legalmente e pacificamente. Expondo a fraqueza religiosa, filosófica e científica do movimento homossexual, podemos embotar o gume da atual ponta de lança dessa ampla ofensiva anticristã, onde quer que ela apareça. Use este livro para esclarecer amigos sobre os falsos mitos românticos que o movimento difunde sobre seu estilo de vida, sobre o uso que fazem da falsa compaixão e sobre seus outros argumentos sofisticados.

É nossa esperança que este livro fortaleça as convicções de todos os que o lerem. Use as respostas que ele apresenta, nos lares, nos locais de trabalho, nas igrejas. Que este livro dê coragem a todos que se opõem à agenda homossexual.

Este livro é um apelo a que os americanos fiéis aos Dez Mandamentos reafirmem destemidamente que Deus e a Sua lei têm o supremo direito de serem honrados e obedecidos. É um chamado especial aos católicos, para retomarem a bandeira daqueles que se escondem por trás da falsa compaixão. Devemos empenhar-nos nessa batalha usando a oposição de 2000 anos da Igreja à homossexualidade – oposição forte, ainda que impregnada de compaixão.

Que Nossa Senhora da Imaculada Conceição, Patrona dos Estados Unidos, interceda junto ao seu Divino Filho em favor do país. Que ela abençoe maternalmente os esforços que estão sendo feitos por tantas pessoas, e conceda a vitória ao empenho nacional na defesa das sagradas instituições do matrimônio e da família.

“Quando os homens resolvem cooperar com a graça de Deus, são as maravilhas da História que assim se operam: é a conversão do Império Romano, é a formação da Idade Média, é a reconquista da Espanha a partir de Covadonga, são todos esses acontecimentos que se dão como fruto das grandes ressurreições de alma, das quais os povos são também suscetíveis. Ressurreições invencíveis, porque não há o que derrote um povo virtuoso e que verdadeiramente ame a Deus”.

Plínio Corrêa de Oliveira
Revolução e Contra-Revolução
Parte I, Cap. IX, 3

APÊNDICE

SOMOS AINDA UMA NAÇÃO UNIDA SOB A PROTEÇÃO DE DEUS?

A decisão do Supremo Tribunal Federal no processo *Lawrence x Texas* é o nosso “Onze de Setembro” moral

Manifesto publicado no *Washington Times*, em 9/7/2003

No dia 26 de junho de 2003, o Supremo Tribunal Federal garantiu proteção constitucional à sodomia.

Ao sustentar que a lei do Texas, classificando a sodomia como contravenção, violou a liberdade protegida pela *Cláusula do adequado processo legal*, contida na 14ª Emenda Constitucional,³⁵⁴ o Supremo Tribunal descriminalizou a sodomia em todo o país, se praticada privadamente.

O caso julgado pelo Tribunal foi *Lawrence x Texas*. Muitos aclamaram tal decisão como representando, para o movimento homossexual, o que representou para o aborto a decisão em *Roe x Wade*.³⁵⁵ A analogia está bem feita. Ambas as decisões são páginas negras e trágicas na nossa história.

Os Estados Unidos podem legitimamente orgulhar-se de seus heróis e seus feitos de dedicação desinteressada, tanto no país quanto no exterior. Representam páginas gloriosas da nossa história.

Contudo, páginas como a decisão *Roe x Wade* estão cobertas de trevas. Elas obscurecem nosso glorioso passado e maculam nossa honra. Basta considerar que ela selou o destino de cerca de 44 milhões de americanos não nascidos, número inacreditável, equivalente à população somada dos estados de Montana, Dakota do Norte, Minnesota, Wyoming, Dakota do Sul, Illinois, Colorado, Nebraska, Iowa, Kansas, Missouri, Oklahoma e Arkansas.

1. Um “Onze de Setembro” moral para os Estados Unidos

Ao contrário do processo *Roe x Wade*, a decisão de *Lawrence x Texas* não trará diretamente como resultado a matança de americanos não nascidos. No entanto, criou as estruturas legais e psicológicas para a total destruição do que resta das estruturas morais do país.

De uma só vez, o mais alto tribunal do país derrubou o arcabouço legal destinado a salvaguardar a moralidade pública em todos os Estados. Pavimentou também o caminho para a destruição de um segundo conjunto de arcabouços legais – tais como os vários Atos

³⁵⁴ - N.T.: A *Décima Quarta Emenda Constitucional* estabelece: “Nenhum Estado pode ... privar alguém da vida, liberdade ou propriedade, sem o adequado processo legal”.

³⁵⁵ - N.T.: Em 22 de janeiro de 1973, o Supremo Tribunal dos Estados Unidos pronunciou sentença no processo *Roe x Wade*, declarando anticonstitucional a lei do Estado do Texas que considerava crime o aborto se a vida da mulher não estivesse em risco. A decisão do Tribunal reconhecia o aborto como um direito constitucional. Essa decisão marcou o início da prática em larga escala de abortos por todo o país.

de Defesa do Matrimônio (DOMA) – aprovados como proteção das sagradas instituições do matrimônio e da família.

O alcance do raciocínio apresentado na decisão do Tribunal é tão amplo, que no fundo afirma não haver moralidade. A decisão reproduz no campo moral o devastador ataque material perpetrado contra a nação em 11 de setembro de 2001.

2. Corrosão gradativa da moralidade pública

O Supremo Tribunal baseou sua decisão numa seqüência de casos que expandiram gradualmente o direito à privacidade, ao mesmo tempo que negava o papel do governo em sustentar a moralidade pública.

Num primeiro passo, o Tribunal definiu em 1965 que a *Cláusula do adequado processo legal* estabelece o direito à privacidade, concluindo que esse direito se aplicava ao uso de contraceptivos por casais unidos em matrimônio. Afirmou depois que o Estado não tinha o direito de aprovar leis que infringissem esse direito constitucional (processo *Griswold x Connecticut*). Em 1972, o Supremo Tribunal usou a *Cláusula da Igual Proteção*³⁵⁶ para estender essa interpretação do direito de privacidade a casais não casados (processo *Eisenstadt x Baird*). Em 1973, o Supremo Tribunal usou novamente a *Cláusula do adequado processo legal* para aplicar essa interpretação do direito de privacidade e incluir o aborto (processo *Roe x Wade*).

A decisão do Supremo Tribunal no processo *Bowers x Hardwick*, em 1986, interrompeu temporariamente a tendência. Afirmou que a sodomia não era um direito fundamental, e que havia um interesse legítimo do Estado em considerá-la crime.

Ao derrubar a decisão *Bowers x Hardwick* com a sentença de *Lawrence x Texas*, o Supremo Tribunal prosseguiu seu trabalho gradativo, minando profundamente a moralidade pública.

O próximo passo nessa remodelagem gradualista da moralidade pública é a aceitação legal e social do “casamento” entre homossexuais e a adoção de crianças por eles. Já se vê que o Supremo Tribunal Federal não será obstáculo.³⁵⁷

3. Clara ruptura com dois mil anos de tradição cristã

O Supremo Tribunal repreendeu os magistrados que julgaram o processo *Bowers x Hardwick* por se deixarem influenciar por padrões morais estabelecidos durante 2000 anos de história da civilização ocidental cristã, ao invés de dar ouvidos à “consciência emergente de que a liberdade dá proteção substancial a pessoas adultas ao decidir como conduzir suas vidas privadas em assuntos relativos ao sexo”:

“A sentença de *Bowers x Hardwick* baseava-se principalmente em que durante séculos houve vozes poderosas que condenaram a conduta homossexual

³⁵⁶ - N.T.: A *Cláusula de Igual Proteção*, contida na 14ª emenda da Constituição dos Estados Unidos, proíbe os estados de negar a qualquer pessoa dentro dos limites das suas jurisdições a igual proteção das leis. Em outras palavras, as leis de um estado devem tratar um indivíduo da mesma maneira que os outros em condições e circunstâncias similares.

³⁵⁷ - O Processo *Lawrence* abre amplamente a porta para o “casamento” homossexual. O Tribunal afirma: “Quando a sexualidade encontra expressão aberta na conduta íntima com outra pessoa, a conduta pode ser um dos elementos num *laço pessoal que é mais duradouro*. A liberdade protegida pela Constituição concede às pessoas homossexuais o direito de fazer essa escolha” (destaque nosso).

como imoral. A condenação foi modelada por crenças religiosas, concepções de direito e costumes aceitáveis, e pelo respeito à família tradicional. Para muitas pessoas, estas não são preocupações banais, mas profundas e íntimas convicções aceitas como princípios éticos e morais aos quais aspiram, e que portanto determinam o curso das suas vidas”.

No processo *Lawrence x Texas*, o Supremo Tribunal reafirmou solenemente suas decisões em casos anteriores, para romper com essa herança cristã e afirmar que, para ele, “nossas leis e tradições no passado meio século são aqui mais relevantes”.

4. A liberdade torna-se licenciosidade quando se afasta da lei natural e divina

Segundo afirmou o Tribunal, a decisão do processo *Bowers* tinha de ser revogada, por não ter “apreciado a amplitude da liberdade em jogo”. “A liberdade presume uma autonomia do indivíduo”,³⁵⁸ e a obrigação do Tribunal é “definir a liberdade de todos”.³⁵⁹

Portanto, o “direito à liberdade” foi a base para a decisão do Supremo Tribunal garantindo proteção constitucional à sodomia.

A discussão sobre o modo como se deve entender “liberdade”, embora de suprema importância, dado o grande alcance da decisão no processo *Lawrence x Texas*, foi grosseiramente inadequada.

Como afirma a 14ª Emenda Constitucional, uma pessoa pode ser aprisionada – perdendo portanto a sua *liberdade pessoal* – somente depois do adequado processo legal. É plenamente discutível se a 14ª Emenda se refere a *liberdade moral*. No entanto, um conceito errôneo de liberdade moral está no centro da decisão do Supremo Tribunal.

A liberdade moral não pode existir no vácuo. Deve ser entendida dentro da estrutura de uma ordem moral, dentro do contexto de uma lei moral natural, que está por sua vez calcada na lei eterna estabelecida pelo Criador, e que rege a ordem do universo. Quando a liberdade moral é desvinculada da lei natural e divina, logo degenera em licenciosidade. Como relembra o Papa Leão XIII, na Encíclica *Libertas*:

“A liberdade, o mais alto dos dons naturais, que pertence apenas às naturezas intelectuais e racionais, confere ao homem esta dignidade – que ele depende do seu próprio discernimento e tem poder sobre as suas ações. Mas é da máxima importância o modo como tal dignidade é exercida, porquanto do uso que se faz dela dependem igualmente o máximo bem e o maior mal. Na verdade, o homem é livre para obedecer à própria razão, para procurar o bem moral e trabalhar incansavelmente para atingir seu fim último. É também livre para deixar de lado todas as outras coisas; e, na procura de vãs aparências de bem, transtornar a reta ordem e precipitar-se na destruição que voluntariamente escolheu. ...

“Daí a natureza da liberdade humana – seja ela considerada nos indivíduos ou na sociedade, seja nos governantes ou nos governados – supor a necessidade de obediência a algumas leis supremas e eternas, que não são nada mais do que a autoridade de Deus ordenando o bem e proibindo o mal. Na medida em que essa

³⁵⁸ - “As pessoas podem procurar numa relação homossexual autonomia para esses propósitos, do mesmo modo que as heterossexuais. A decisão de *Bowers* lhes negaria esse direito”.

³⁵⁹ - O Tribunal reiterou sua posição no processo *Planned Parenthood of Southeastern Pennsylvania x Casey*, de que “nossa obrigação é definir a liberdade de todos, não a de impor nosso próprio código moral”.

justíssima autoridade de Deus sobre os homens diminui ou destrói sua liberdade, ela a protege e aperfeiçoa, pois a verdadeira perfeição de todas as criaturas encontra-se em perseguir e alcançar seus respectivos fins, sendo que o supremo fim a que a liberdade humana deve aspirar é Deus”.³⁶⁰

Ao contrário disso, a decisão *Lawrence* deixa margem a uma interpretação tão ampla de “liberdade”, que ameaça todas as leis estaduais proscurendo males como prostituição, adultério, bigamia, incesto, sadomasoquismo, pedofilia e bestialidade.

5. O governo não tem o direito de renunciar ao seu dever, imposto pela lei natural, de garantir a moralidade na procura do bem comum

O Supremo Tribunal Federal atribui muita importância a decisões da Corte Européia de Direitos Humanos e ao fato de que muitos países legalizaram a sodomia.³⁶¹ Conclui então que “não houve nenhuma demonstração de que neste país o interesse do governo em limitar a escolha pessoal seja mais legítima ou urgente”.

O Tribunal pôs sua atenção no “direito à liberdade”, quando era seu dever basear sua decisão primeiro e sobretudo na responsabilidade de toda autoridade política (inclusive o Judiciário) de sustentar aquele fundamentalíssimo princípio da lei natural:³⁶² “Faça o bem e evite o mal”.

Isto não significa que o Estado deve obrigar a prática de todas as virtudes e eliminar a indulgência a todos os vícios, como querem os aiatolás de nossos dias. Ao contrário, significa que ao legislar sobre assuntos de moral – o que deve ser feito apenas quando estes afetem diretamente o bem comum – a autoridade deve procurar favorecer a virtude e erguer obstáculos ao vício.

No entanto, em função do avanço mundial da homossexualidade, como devem os americanos interpretar a sentença do processo *Lawrence*? Ao constatar que a sodomia passou da condição de crime em alguns estados para uma forma de “liberdade” protegida pela Constituição, como podem interpretar a decisão do Tribunal, a não ser como favorável ao vício antinatural, e não à virtude?

Essa negligência no cumprimento do dever representa profundo golpe nas raízes cristãs do país, na instituição da família e no próprio fundamento moral da sociedade.

³⁶⁰ - *The Papal Encyclicals, 1878-1903*, Claudia Carlen, I.H.M., ed. (New York: McGrath Publishing Co. 1981), p. 169.

³⁶¹ - “Outras nações também tomaram ações consistentes com a proteção ao direito de adultos homossexuais estabelecerem condutas íntimas consensuais. O direito que os peticionários procuram neste caso foi aceito como parte integral da liberdade humana em muitos outros países”.

³⁶² - “A lei moral natural e sua parte componente, o *jus naturale*, é precisamente essa divina lei com relação ao homem, na medida em que este participa na lei divina. A lei eterna reside como necessidade cega na natureza irracional. Como obrigação, como norma de atividade moral livre, ela está impressa no coração do homem, um ser racional e livre. ... Não há alma, por mais corrupta que possa ser, em cuja consciência Deus não fale, bastando apenas que ela seja ainda capaz de pensamento racional. Há ações humanas, conseqüentemente, que em si mesmas são boas ou más. Ato mau não são qualificados como tais por força da lei, mas porque são desse modo em si mesmos: porque constituem um distúrbio da ordem natural. ... Não a vontade do legislador, mas o desvio da razão natural, tal é a base da imoralidade intrínseca de determinadas ações” (Heinrich A. Rommen, *The Natural Law: A Study in Legal and Social History and Philosophy* [St. Louis: B. Herder Book Co., 1947], pp. 37-38).

6. A Sagrada Escritura e o ensinamento da Igreja condenam a homossexualidade

Como dissemos, o Supremo Tribunal Federal censura a sentença no processo *Bowers* por manter séculos de leis anteriores modeladas na lei natural e na doutrina cristã.

Séculos se passarão depois da sentença no processo *Lawrence*, e ela já se terá tornado apenas uma nota ao pé de página, mas ainda estará em vigor a condenação da homossexualidade pela Sagrada Escritura e pela Igreja Católica.

Na verdade, a homossexualidade é um pecado condenado tanto no Antigo como no Novo Testamentos.³⁶³ Na sua 2ª Epístola, por exemplo, São Pedro afirma:

“[Deus] condenou as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinzas, para que permanecessem como exemplo daquilo que os ímpios devem esperar; e salvou, ao invés, o justo Lot, oprimido pelo procedimento impuro daqueles celerados” (2:6-7).

Na Epístola aos Romanos, escreve São Paulo:

“Por isso Deus os abandonou à impureza em poder da concupiscência dos seus corações; de maneira que eles desonram em si mesmos os próprios corpos; eles que trocaram a verdade divina pela mentira, e que adoraram e serviram à criatura de preferência ao Criador, o qual é bendito pelos séculos. Amém.

“Por isso é que Deus os entregou em poder de paixões ignominiosas: suas mulheres mudaram o uso natural no que é contra a natureza. Do mesmo modo os homens, deixando o uso natural da mulher, arderam de libido uns pelos outros, praticando torpezas homens com homens. E assim receberam em si mesmos a retribuição devida aos seus desvarios” (1:24-27).

A homossexualidade foi também condenada pelos Padres e Doutores da Igreja e pelos Papas ao longo de 2000 anos. Por exemplo, São Pedro Damiano, Doutor da Igreja, afirma que ele “não deve ser considerado um vício comum, pois ultrapassa todos os outros em perversidade”.³⁶⁴

O *Catecismo de São Pio X* menciona a homossexualidade como um pecado que “clama aos Céus por vingança”,³⁶⁵ e o *Catecismo da Igreja Católica*, promulgado pelo Papa João Paulo II em 1992, afirma: “Com base na Sagrada Escritura, que apresenta atos homossexuais como depravação grave, a tradição sempre declarou que ‘os atos homossexuais são intrinsecamente desordenados’”.³⁶⁶

No sermão do *Angelus*, em 20 de fevereiro de 1994, protestando contra uma resolução especial do Parlamento Europeu que estimula as nações da Europa a aprovar o “casamento” homossexual, o Papa João Paulo II afirma:

“O que não é moralmente aceitável, contudo, é a legalização dos atos homossexuais. Demonstrar compreensão em relação à pessoa que peca, em relação à pessoa que não está em processo de libertar-se dessa tendência, de nenhum modo significa reduzir as exigências da norma moral (Cf. *Veritatis Splendor*, nº 95).

³⁶³ - Cf. Gen. 19:1-29; Lev. 18:22; Deut. 22:5; 2 Pedro 2:6-7; Rom. 1:24-27; I Cor. 6:9-10.

³⁶⁴ - São Pedro Damiano, *O Livro de Gomorra (Patrologia Latina*, vol. 145, col. 159-190), citado em Roberto de Mattei, *L'Église et l'homosexualité* (Paris: Pierre Téqui Éditeur, 1995), p. 12.

³⁶⁵ - Cf. www.ewtn.com/library/catechism/PiusXCat.txt. Os teólogos apresentam Gen. 19:13 como a base da Sagrada Escritura para essa designação.

³⁶⁶ - *Catechism of the Catholic Church* (New York: Doubleday, 1995) § 2357, p. 625.

Cristo perdoou a mulher adúltera salvando-a da lapidação (cfr. João 8:1-11), mas disse-lhe ao mesmo tempo: ‘Vá e de ora em diante não peques mais’ (João 8:11). ...

“Mas devemos dizer que o que se pretendeu com a resolução do Parlamento Europeu foi a legitimação de uma desordem moral. O Parlamento conferiu inadequadamente valor institucional a uma conduta que é desviada e não está de acordo com o plano de Deus. ...

“Esquecendo as palavras de Cristo, ‘a verdade vos libertará’ (João 8:32), fez-se uma tentativa de apresentar ao povo de nosso continente um mal moral, um desvio de conduta, uma certa escravidão, como se fosse uma forma de libertação, falsificando a própria essência da família”.³⁶⁷

A verdadeira caridade em relação aos homossexuais consiste em mostrar-lhes a enorme mentira antinatural que adotaram, para ajudá-los a ver o horror do pecado em que se encontram, e para ajudá-los de todos os modos a abandonar seu estado deplorável.

7. Podemos considerar-nos ainda “uma nação unida sob a proteção de Deus”?

Um ato é imoral quando viola a lei natural ou a lei divina. Se ele é cometido privadamente, isso não atenua o fato de ser uma ofensa a Deus, pois nenhum pecado, privado ou não, escapa à Sua onisciência. Nem mesmo nossos pensamentos mais recônditos lhe são desconhecidos.

Na sociedade civil, cabe ao Estado punir os atos imorais – inclusive os praticados privadamente – que ferem o bem comum e perturbam a ordem social. A homossexualidade, o incesto e outras anomalias sexuais solapam a família, que é a base da sociedade.

Afirmar que não é interesse legítimo do Estado punir atos homossexuais praticados privadamente equivale a afirmar que não é interesse do Estado proteger a família, e portanto o bem comum.

Além do mais, quando esta indulgência do Estado ante esses atos imorais é codificada na lei positiva, esta rompe com a lei natural e divina. São Tomás de Aquino afirma que, quando o faz, a lei positiva se perverte.³⁶⁸ Ao romper com a lei eterna, o Estado estabelece um novo padrão ateu de “moralidade”.

Quando o país aprova essa “moralidade” atéia, como pode prosseguir pedindo as bênçãos de Deus com sinceridade de coração? Como pode referir-se honestamente a si mesmo, no Juramento de Fidelidade, como “uma nação unida sob a proteção de Deus”?

8. Devemos temer que Deus retire do país as suas bênçãos

Os Estados Unidos são uma nação profundamente religiosa. Mesmo hoje, em meio ao furor da guerra cultural, quando a religião vai lentamente sendo empurrada para fora da esfera pública, ela ainda encontra refúgio no fundo de muitos corações.

³⁶⁷ - Cf. www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/angelus/1994/documents/hf_jp-ii_ang_19940220_it.html.

³⁶⁸ - “Como diz Santo Agostinho (*De Lib. Arb.* I, 5) ‘aquilo que não é justo, de nenhuma forma se assemelha a lei’; daí a força de uma lei depender da amplitude da sua justiça. Ora, nos negócios humanos se diz que uma coisa é justa quando é direita, de acordo com a ordem da razão. Mas a primeira regra da razão é a lei da natureza, como está claro no que foi dito acima (Q. 91, Art. 1 ad 2). Conseqüentemente, toda lei humana só tem da natureza da lei o que nela deriva da lei da natureza. Mas em qualquer ponto em que ela se desvia da lei da natureza, não é mais uma lei, e sim uma perversão da lei” (*Summa Theologica*, II-I, Q. 95, Art. 2)

Enquanto muitos na Europa zombam do fato de nossos governantes, especialmente depois de 11 de setembro de 2001, inserirem nos seus discursos trechos da Sagrada Escritura, e os concluírem com “*God bless America*”, nós de fato aplaudimos esse costume.

Deus abençoou abundantemente nossa nação em sua curta história, e é adequado e bom expressarmos nossa gratidão.

Continuará o país a receber as bênçãos de Deus, se continuar a seguir o mesmo caminho resultante da decisão no processo *Lawrence*? Nós certamente o esperamos e rezaremos para que assim seja.

Mas isso certamente acontecerá se os americanos decidirem rejeitar a agenda homossexual, apesar da pressão exercida pela mídia liberal, pelo mundo de Hollywood e por mais mudanças indesejáveis do Supremo Tribunal Federal nas nossas leis.

9. Os que amam a Deus devem levantar-se para serem contados

O Gênesis ensina que Deus estava decidido a punir Sodoma e Gomorra por seus atos criminosos. Abraão pediu clemência, perguntando se Deus pretendia destruir os justos e os pecadores. Perguntou a Deus se ainda puniria Sodoma se houvesse cinquenta justos na cidade. Deus respondeu: “Se eu encontrar em Sodoma cinquenta justos, pouparei toda a cidade por causa deles”.³⁶⁹ Abraão sabia que não havia cinquenta justos em Sodoma, por isso procurou negociar com Deus. E se houver apenas quarenta e cinco? Ou quarenta? Ou trinta? Vinte? Dez? O Senhor disse: “Não destruirei Sodoma por causa de dez”.³⁷⁰

Eis uma lição para nossos dias. Se amamos o país, e de fato o amamos, devemos levantar-nos e ser contados por Deus. Ele deve poder encontrar almas fiéis aos seus mandamentos em número suficiente.

Podemos ser capazes ou não de reverter a decisão do processo *Lawrence* a curto prazo, mas devemos trabalhar incansavelmente para criar o clima moral pelo qual a homossexualidade seja rejeitada. Não nos devemos intimidar. Temos de proclamar nossa rejeição em alta voz e com firmeza, legalmente e pacificamente, em defesa da moral cristã. Somente esse clamor público de nossa rejeição à agenda homossexual pode subir ao Céu como culto de reparação ao nosso Deus ofendido.

Temos de mostrar a Deus nossa sinceridade. Sabemos que podemos colocar-nos ao lado d’Ele não apenas durante os seus muitos milagres, quando Ele curou os doentes e ressuscitou defuntos. Sabemos que podemos permanecer ao Seu lado não apenas em meio às aclamações do domingo de Ramos. Sabemos que está em nossas possibilidades permanecer ao Seu lado quando é pregado na Cruz. Bem ao lado da Virgem Santíssima, de São João e das santas mulheres, entre insultos e escárnios, ainda que o que possamos fazer seja apenas proclamar Sua inocência e a nossa fé n’Ele, como o bom ladrão: “Senhor, lembrai-vos de mim quando estiverdes no vosso Reino”.³⁷¹

Somos americanos, cremos na liberdade. Na verdadeira liberdade! Nada existe na terra capaz de fazer-nos mudar, a menos que assim o queiramos.

Que Deus abençoe os Estados Unidos!

³⁶⁹ - Gen. 18:26.

³⁷⁰ - Gen. 18:32.

³⁷¹ - Lucas, 23:42.